



HISTÓRIA DO BREJO DA MADRE DE DEUS

1724 - 2018

Volume IV

Newton Thaumaturgo

HISTÓRIA DO BREJO

DA MADRE DE DEUS

1724 - 2018

VOLUME IV

Newton Thaumaturgo

HISTÓRIA DO BREJO DA MADRE DE DEUS

Tomo 4º. (Total 6 Tomos, 50 Capítulos)

Capítulos de n.ºs. 32 à 36

1724 - 2018

Newton Thaumaturgo

TRABALHOS DO AUTOR

História de Panelas - Terra dos Cabanos - 1ª. Edição 1980

História de Panelas - Terra dos Cabanos - 2ª. Edição 1998

O Barão de Buíque- também Barão do Poço - Edição 1993

História do Brejo da Madre de Deus – Volume I - 2001

História do Brejo da Madre de Deus – Volume II - 2003

História do Brejo da Madre de Deus – Volume III- 2012

História do Brejo da Madre de Deus – Volume IV- 2018

Políticos no Agreste –Fatos curiosos – Futura publicação

VOLUME I

ÍNDICE

Hino do Brejo da Madre de Deus.....

Introdução.....

Prefácio.....

Dedicatórias.....

Homenagens.....

Capítulo I- As Pesquisas.....

Capítulo II- A Fundação.....

Capítulo III- A Formação.....

Capítulo IV- Denominação, desmembramento, etc.

Capítulo V- O Visitador Eclesiástico.....

Capítulo VI- As provas da Fundação.....

Capítulo VII- Vigários e Párocos.....

Capítulo VIII- Balanços Contábeis.....

Capítulo IX- Patrimônio de São José.....

Capítulo X- A briga com o Capitão Izidoro.....

Capítulo XI- Escravos.....

Capítulo XII- Cadeia Pública.....

Capítulo XIII- “São José do Tôco”.....

VOLUME II

ÍNDICE

Capítulo XIV Igreja do Bom Conselho
Capítulo XV Capela do Rosário, etc.....
Capítulo XVI A briga com o Vigário.....
Capítulo XVII Tenente Janjão.....
Capítulo XVIII Cangaceiro Antão Godê.....
Capítulo XIX Primeiro Motor de Luz.....
Capítulo XX História da “Pedra Grande”
Capítulo XXI Carnavais
Capítulo XXII A “Serra do Ponto”
Capítulo XXIII Curiosidades diversas
Capítulo XXIV Cangaceiro José de Arruda
Capítulo XXV “Senhor Marques” e Cazuza
Capítulo XXVI “Arara”- um cangaceiro engraçado
Capítulo XXVII “Chiquinha”- a pedinte
Capítulo XXVIII “Báu”- um ajudante de caminhão.

VOLUME III

ÍNDICE

Capítulo XXIX Doro Amaral.....
Capítulo XXX “Seu” França Araújo.....
Capítulo XXXI Alípio Magalhães - “Sinhôzinho”
Ilustrações diversas com fotos antigas legendados
REMINISCÊNCIAS.....
Saga da Viúva Das Dores.....
Síntese Biográfica de Maria José de Menezes Cordeiro.....

VOLUME IV

ÍNDICE

| | |
|------------------------|---|
| <i>Capítulo XXXII</i> | <i>Conflitos políticos</i> |
| <i>Capítulo XXXIII</i> | <i>Sargento Cafinfin.....</i> |
| <i>Capítulo XXXIV</i> | <i>Cônego Duarte.....</i> |
| <i>Capítulo XXXV</i> | <i>Dudu Queiroz</i> |
| <i>Capítulo XXXVI</i> | <i>Pessoas e fatos curiosos.....</i> |
| | <i>Cônego Rochael – filho importante do Brejo.....</i> |
| | <i>Padre acusado de mandante de assassinato.....</i> |
| | <i>Maestro Tomás de Aquino tem nome Rua no Brejo.....</i> |
| | <i>Carta do Escritor Nelson Barbalho.....</i> |
| | <i>Ilustrações com fotos antigas legendadas.....</i> |
| | <i>Decreto Imperial nº 7.590, de 03.01.2880.....</i> |

VOLUME V

ÍNDICE

Capítulo XXXVII Heróis da Guerra do Paraguai.....
Capítulo XXXVIII Miscelâneas históricas.....
Capítulo XXXIX Gustavo Falcão.....
Capítulo XL Prefeitos, Ruas e vultos do Brejo.....
Capítulo Especial: Origem da Família Marinho Falcão.....
Ilustrações com fotos antigas legendadas

VOLUME VI

ÍNDICE

| | |
|------------------------|--|
| <i>Capítulo XLI</i> | <i>Bispo de visita ao Brejo em 1836.....</i> |
| <i>Capítulo XLII</i> | <i>Posturas municipais</i> |
| <i>Capítulo XLIII</i> | <i>Dados gerais do Brejo nos anos 1884/1890.....</i> |
| <i>Capítulo XLIV</i> | <i>Conflitos de limites Brejo/Pesqueira</i> |
| <i>Capítulo XLV</i> | <i>A Família Cordeiro e sua ação política.....</i> |
| <i>Capítulo XLVI</i> | <i>Importantes registros históricos.....</i> |
| <i>Capítulo XLVII</i> | <i>“Os Cahetés”- Cantata nacional de 1824.....</i> |
| <i>Capítulo XLVIII</i> | <i>Um Juiz ilustre - Dr. Anselmo Perretti.....</i> |
| <i>Capítulo XLIX</i> | <i>Dr. Félix Peixoto.....</i> |
| <i>Capítulo L</i> | <i>Surgiram Cidades, Prefeitos e Câmaras.....</i> |

FIM

INTRODUÇÃO

A curiosidade foi a origem deste livro sobre a História do Brejo da Madre de Deus.

Certo dia, lendo um volume da “Enciclopédia Nacional dos Municípios Brasileiros”, de número XVIII, à página 70, me deparei com a História que havia concernente à fundação do Brejo da Madre de Deus, neste glorioso Estado de Pernambuco.

O livro mencionado pertencia ao IBGE e me foi emprestado pelo então Agente de Estatística local, o compadre Izaías Gonçalves de Souza.

Depois de verificar detalhadamente os dados existentes sobre a História do Brejo, cheguei a concluir que muito se tinha a narrar, segundo os fatos mais importantes comentados por pessoas entrevistadas, com idade bastante avançada, muitas das quais de quase cem anos e ainda com grande lucidez, relatando acontecimentos que ouviram dos seus ancestrais.

Baseado nessas informações, fonte de real valor histórico, resolvi empreender pesquisas objetivando saber se esses comentários tinham base autêntica, pois, em caso afirmativo, faltava muita coisa interessante a ser contada sobre a verdadeira História do Brejo da Madre de Deus.

Procurei assim, o imprescindível apoio do dileto amigo, o Cônego Antônio Duarte Cavalcanti, então Pároco do Brejo, isto no ano de 1964, e com a aquiescência deste, fazer IN LOCO, uma pesquisa junto ao Arquivo da Paróquia, levando-se em conta a sua existência quase bicentenária na época.

Utilizando uma lupa e com a preciosa colaboração do velho amigo Cônego Duarte, consegui provas documentais de muitas histórias contadas pelas ruas, nos bares, esquinas, pontos de encontros noturnos, mas sem quaisquer registros nos anais da vida do Brejo no que tange à Administração Municipal.

Somente assim, tive condições de provar e dizer algo a mais sobre o Brejo da Madre de Deus, onde catalogando cronologicamente livros antigos da Paróquia, bem como arquivos particulares e fontes diversas, me foi possível formar grande parte da História que ainda não havia sido publicada.

Newton Thaumaturgo

PREFÁCIO

*“Eu nasci no município
De José, pai de Jesus
Lá do alto do Cruzeiro,
Ele vela os filhos seus.
Eu nasci numa terra linda,
O Brejo da Madre de Deus!*

Sobre essa terra linda, o autor Newton Thaumaturgo, traz aos brejenses, aos pernambucanos, aos brasileiros enfim, a “História do Brejo da Madre de Deus”, tão esperada por quantos sabem de sua riqueza, de sua beleza, de seu pioneirismo, mormente tratar-se da narração histórica de um dos mais antigos municípios do Estado de Pernambuco.

Quis o escritor, após incessantes pesquisas para escrever a sua obra, tanto quantas lutas para publicá-la, que um filho do Brejo fosse o seu prefaciador. Para nós, uma grande e grata responsabilidade que, em última análise, significa uma forma de representar aqueles que, como nós, nasceram nessa querida terra.

Alguém já nos disse, e não nos recordamos quem, que o prefácio de um livro é aquela parte que, em geral, escreve-se no fim, coloca-se no começo e ninguém lê. Menos por nós e mais pelo autor, pela pesquisa, pelo interesse, pela obra em si, pela descrição de fatos históricos de um município que fez história, cujos momentos de vida, a tantos enternece, gostaríamos que o contrário acontecesse. Seria dizer um pou-

co de Newton Thaumaturgo e sua obra, na visão de quem, mesmo sem privar de sua maior intimidade, fez jus à sua confiança, ao receber de suas mãos os originais da História do Brejo da Madre de Deus. Na visão de quem sempre se mostrou interessado por tudo que diz respeito à sua terra e que cobrava dos seus filhos ou daqueles que assim se tornaram, pelo amor irrestrito que aprenderam a dedicar ao Brejo, a publicação da história do seu município.

Deixamos o Brejo, numa longínqua manhã de domingo, em abril de 1941. Muitos anos após, na década de 70, voltamos ao Brejo; desta vez acompanhado de mulher, filhos e familiares para que pudessem sentir o que era amar o Brejo, vez que durante anos, ouviram e sentiram eles o calor, o sentimento e o nosso orgulho natural, tanto quanto de outros brejenses que conosco conviveram. No caminho, a demora e a ansiedade eram inquietantes. Havia uma vontade incontida de ver, sentir e avaliar essa terra tão falada. De repente, o Brejo! toda, ou quase toda a cidade à vista, do alto da estrada velha que nos conduzia a ela, passando por Jaracatiá. Próximo à casa do velho Antônio Coelho, vislumbrava-se a pérola da nossa infância, os recantos da nossa saudade e a imagem do que será eterno. Era a visão completa daquele anfiteatro natural, entre as Serras da Prata, do Ponto e do Estrago. Cenário de imorredouras recordações. De pronto, a visão do nosso nascer, do nosso crescer; da gente, das casas, das ruas, dos amigos, da escola, das igrejas, das festas, de seu chão fértil e de tantas coisas mais.

Tudo isso é o que descreve nesse livro, o Jornalista Newton Thaumaturgo, nascido no Recife e profundo estudioso da história do Brejo da Madre de Deus. Como bem diz ele, amar o Brejo já é ser brejense.

A história municipal tem como órgão de máximo incentivo o Centro de Estudos de História Municipal, criado no interior da Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco - FIAM. No professor Luiz Delgado, já falecido, teve um "pioneiro" e "defensor constante da história local", como diz o próprio autor.

José Luiz Delgado, a quem também muito se deve, pelo incentivo e grande trabalho prestado à história municipal, assim se refere em artigo sobre o assunto: "De há muito Pernambuco se destaca no cenário nacional por reunir um contingente extremamente significativo, pela qualidade e pela quantidade, de memorialistas, cronistas e historiadores dedicados à memória do pequeno universo local em que nasceram - outro traço de pioneirismo pernambucano em matéria de culto do passado". Como bem descrevia ele, podemos dizer que Newton Thaumaturgo faz parte dos "pesquisadores que já trabalhavam por conta própria e por próprio amor". Não é um iniciante e se propõe a escrever a crônica do Brejo, levantando todo o seu passado, numa incessante e paciente busca de muitos anos. Após a detida e prazerosa leitura dos originais desse livro, não temos dúvida que o autor é realmente um pesquisador de história, não deixando influenciar pelas asas da fantasia que, se predominantemente forte, o conduziria ao perigoso terreno do romantismo histórico.

De certa feita, conversávamos com Luiz Wilson, médico, memorialista notável e poeta, sobre a História do Brejo da Madre de Deus, já em andamento e que ora apresentamos. Ele nos dizia então: "quero ver essa história do Brejo, que tem ser bem escrita, pois é de uma imensa riqueza e que a muitos interessa". O Brejo, dizia ele, "é

uma espécie de mãe"! Tantos municípios já tiveram a sua história contada. O Brejo não poderia ficar a reboque por tanto tempo. Os seus filhos, sobretudo, tanto quanto os demais pernambucanos, aguardam a publicação das memórias dessa tradicional e antiga comuna municipal. Parte dessas memórias, foram por nós vividas na infância, às quais damos o nosso testemunho. As famílias Falcão, Queiroz, Cordeiro, Muniz, das quais diretamente descendemos, se entrelaçam com as famílias Marinho, Maciel, Campos, Araújo, Batista, Amorim, Tavares, Magalhães, todas intrinsecamente ligadas à história do município. O Brejo é pois, uma grande família.

A curiosidade, diz Newton Thaumaturgo, foi a origem deste pequeno livro sobre a História do Brejo da Madre de Deus. A curiosidade do jornalista, que o levou à pesquisa histórica e a modéstia do homem, que o levou à escrever "um pequeno livro". Um pequeno livro sobre uma grande terra. Uma grande coragem de um homem simples. A partida foi alimentada pelo amor ao Brejo, incentivada pelo amigo Cônego Antônio Duarte Cavalcanti, pároco de então, que lhe fez dispor do quase bicentenário arquivo paroquial. A "Enciclopédia Nacional dos Municípios Brasileiros" e as estórias do boca a boca, o arranque inicial. No mais, os documentos imprescindíveis e as mais diversas fontes, a serem diligente e pacientemente consultadas, por quem se dedica a uma tarefa dessa natureza. A expectativa de quem espera o contar dos fatos que aconteceram nesses mais de duzentos anos do Brejo da Madre de Deus, é representada simbolicamente no palpitar do coração daquele que nós chamamos o patriarca do Brejo, Alípio Magalhães da Silva Porto, o Sinhôsinho, com 96 anos de vida exemplar, de amor e dedicação ao Brejo. Na sua lucidez quase centenária, a ânsia inquietante de quem tan-

to participou dessa história e de quem tanto se interessou por ela. Muitas informações foram por ele transmitidas ao Newton Thaumaturgo.

Nas pesquisas iniciais, fala-nos o autor de uma quase polêmica sobre a data e local da fundação do Brejo da Madre de Deus, entre Mário Melo e José Queiroz, Jornalista e ex-Prefeito do Município. É de todos conhecida a existência de tribos diversas em localidades próximas à cidade do Brejo. Sobre a fundação do Brejo da Madre de Deus, antes mesmo da publicação deste livro, o autor entrou em polêmica com estudiosos da nossa história, a respeito do fundador ou fundadores, aparentemente discordantes que são as suas opiniões. Para Newton Thaumaturgo, que se baseia na "Enciclopédia Nacional dos Municípios Brasileiros", nos arquivos da paróquia e demais pesquisas, o município do Brejo, surgiu na localidade denominada Tabocas, ainda hoje existente, onde se estabelecera o português André Cordeiro. Diferencia ele, quanto ao nascimento do município, que aí teria iniciado, e o nascimento da cidade do Brejo, a qual foi fundada pelos padres recoletas da Congregação de São Felipe de Nery. No capítulo IV, que trata da denominação, desmembramento, freguesia e patrimônio, o autor nos diz que "a fundação do Brejo da Madre de Deus, foi em 1751 e a da cidade em 1752," todavia, diz também com muita evidência, o seguinte: "que a uns trezentos anos passados, aqui em Brejo, havia se fixado o português André Cordeiro, tendo povoado o lugar Tabocas, onde residiu." Comparando com as pesquisas pessoais e penosas, o autor faz referência que no arquivo paroquial encontrou um registro de óbito, em livro de 1818, de uma mulher que contava 75 anos de idade, casada, residente no Brejo e que, por dedução, nascera no ano de 1743, antes portanto da chegada de padres recoletas. Apresenta ainda o autor, dados que justifi-

cariam a discordância existente no tocante à doação das terras à freguesia do Brejo, ainda não criada à época.

As terras, conforme o autor, e com base em suas pesquisas, seriam do lusitano André Cordeiro.

No capítulo IX o autor volta às “provas da fundação”, dizendo tornar-se “até enfadonho, tantas notas com relação a um só fato”. Fato que o autor afirma não ser de sua criação, mas com base em “acuradas pesquisas”. Em “Memórias Históricas da Província de Pernambuco”, volume 1, páginas 68/69, o autor, José Bernardo Fernandes Gama, registra que “a Villa do Brejo foi erecta no ano de 1833”. Diz mais, que “há 85 anos que o Brejo principiou a ser habitado”, assinalando assim que havia povoação no ano de 1748, três anos antes da chegada dos recoletas do Oratório da Madre de Deus. Com esse registro Newton Thaumaturgo coleta mais um dado em favor de seu ponto de vista que é, a seu entender e de tantos outros, o ponto de partida da existência do Município do Brejo da Madre de Deus. A publicação da FIDEPE, de 1982 e oriunda da “Enciclopédia Nacional dos Municípios Brasileiros”-1958, absorve a tese defendida pelo autor quando discorre sobre a história do Brejo da Madre de Deus. É de se perguntar, afinal: por que não a polêmica? A história do Brejo precisa ser contada, divulgada, discutida até. Esse é um desejo abençoado, sobretudo para aqueles que cultuam a terra linda, o Brejo amado, a memória de nosso querido município, de tantas e tantas tradições. Como bem já disse Gustavo Krause, por ocasião do 10º. aniversário da FUNDARPE: “ao apagar o elo da tradição morre a cultura”. A cultura, segundo ele, não é um bem supérfluo, significando ainda “a identidade comunitária”. Saudades, lembranças, emoções renovadas! É o mínimo que sentirão os brejenses e

todos aqueles que gostam do Brejo, ao lerem as páginas desta obra que o autor nos oferece, fruto de um denodado esforço, digno do nosso reconhecimento. Revivemos a nossa infância, as nossas vidas, os nossos elos. Nas ruas de nossa terra, nas casas de nossas ruas. Um momento, uma pessoa, uma lembrança, uma saudade:

***Ouçó os ecos de um dobrado
Na rua de minha cidade
“Laranjeiras”, o velho sobrado,
Recanto da minha saudade.***

Tipos populares retornam às nossas mentes: Sá Aninha, Badé, Cajarana, Seu Cícero, Neco Cabecinha e tantos outros. A professora, D. Glorinha, mestra de muitas gerações, hoje aposentada. Convivendo com alunos apimentados como “Beca de Doro”, Toinho de “seu” Gustavo, o Sarará e Luiz de D. Laura, mais tarde o famoso Silveirinha, destacada figura do rádio pernambucano e há pouco tempo falecido. O Cine Carlos Gomes, ao lado da Igreja do Bom Conselho é ponto de encontro da antiga sociedade brejense. Com Amaro Maciel, o “Marú”, deleitando a todos com o seu trombone e acompanhamento, enquanto, na tela, desfilavam os astros de então. Tudo, em plena mudez. Lá estavam, Tom Mix, Tim Mc Coy, Hoot Gibson, Bufallo Bill, Richard Talmadge, Bucky Johnes, Bob Steele, os preferidos “cow-boys”. Lembramo-nos dos carnavais; os entrudos, as limas de cheiro, os blocos, a “La Ursa”. A tradicional rivalidade, os carnavalescos do Brejo e de Fazenda Nova, distrito querido e famoso. Aliás, sempre desejoso de emancipação. Em destaque, desde a inauguração de sua fonte de águas minerais até o bellissimo espetáculo da Paixão de Cristo, em Nova Jerusalém. Falar das casas senhoriais do Brejo, dos sobradões azulejados, da ca-

deia, das águas do cacimbão, do escorrêgo, é reviver na memória os acontecimentos que muitos viveram e transmitiram aos que lhes sucederam.

Newton Thaumaturgo é um “Jornalista Matuto”, como bem o disse Albérico Magalhães Porto, que o conheceu no Brejo, ainda menino “a participar dos programas da Difusora do Cônego Antônio Duarte”. Nascido no Recife, casado com uma brejense e pai de três filhos. Iniciava como “jornalista interiorano”, escrevendo para um pequeno jornal da Escola Cônego Rochael, do Brejo. Correspondente do Jornal do Commercio,(Recife) no Interior. Ajudou na organização do Arquivo Paroquial do Brejo. Por duas vezes foi Vereador. Participou de quase todas as atividades sócio-culturais e desportivas do município. Promoveu o 1º. Encontro de Jornalistas do Interior de Pernambuco, na cidade do Brejo. Um ano após, realizou o 2º. Encontro em Fazenda Nova, com a participação de Plínio Pacheco. Em Caruaru continuou escrevendo para a Rádio Difusora e jornais “A Defesa” e “Vanguarda”. Correspondente do “Diário da Manhã”. Sócio da Associação de Imprensa de Pernambuco, Secretário Administrativo da Câmara de Caruaru e Assessor Legislativo de várias Câmaras Municipais. Publicou, através da FIAM, o livro “História de Pannels- Terra dos Cabanos”. Publicou ainda o livro “O Barão de Buíque -também Barão do Poço”. Newton Thaumaturgo luta contra a depredação dos registros históricos: livros, placas, árvores, bustos, estátuas, documentos, pinturas e objetos outros. É, na sua simplicidade, um modesto defensor da História Municipal.

A Newton Thaumaturgo, os nossos agradecimentos pela escolha do prefaciador, jejuno em atividade que tais. A sua intenção, temos certeza, estribou-se na lembrança de homenagear os filhos do

Brejo da Madre de Deus, os quais, modesta e orgulhosamente representamos. Enriquecida está, nessa obra, a memória municipal.

(JOSÉ FALCÃO)

Nota do autor: o prefaciador deste livro é Médico e já exerceu elevado cargo junto à Secretaria de Saúde de Pernambuco, tendo assumido por várias vezes as funções de Secretário da Saúde do Estado, mas acima de tudo, é uma pessoa humana maravilhosa, que honra sobremodo o Brejo e sua gente.

Vale salientar que este Prefácio foi escrito há alguns anos passados, razão pela qual refere-se às pessoas de Alípio Magalhães (“Sinhozinho”) e da Professora dona Glorinha Aguiar como vivas, quando vieram a falecer após a elaboração desse depoimento generoso.

“HINO DO BREJO

Letra: Cônego Antônio Duarte Cavalcanti

Música: Maestro Ulisses Lima

*Entre as Serras do Ponto,
do Estrago e da Prata
Repousa o meu Brejo.*

*Terra bicentenária
Cidade lendária
Outra terra não invejo*

*Quero bem ao meu brejo
onde tem tradição
tem nobreza e tem fé*

*Quero bem ao meu brejo
onde impera o Senhor São José.*

*O meu Brejo tem montes,
tem rios, tem fontes
tem brejos sem fim*

*Quero sempre o meu brejo
inteirinho pra mim!*

HOMENAGENS

Ao Bel. em Direito e Advogado ADEMILSON DE MENEZES CORDEIRO, que tem apoiado a divulgação em livros editados sobre a História do Brejo da Madre de Deus-PE, resgatando assim, valores do Município que foram olvidados em passado recente, como também, a colaboração voluntariosa do Administrador de Empresas e Web designer José Alves Martins Neto, que foi fundamental na diagramação e formatação deste livro histórico.

Aos Vereadores e ex-Vereadores do Brejo da Madre de Deus e demais Municípios de Pernambuco.

Ao amigo-irmão ELIAS SOARES DA SILVA, ex-VEREADOR por CARUARU durante três décadas e um abnegado pelas causas Municipalistas. Um ser humano por excelência.

Aos amigos funcionários e ex-companheiros de trabalho nas Câmaras Municipais de Pernambuco.

DEDICATÓRIAS

Dedico este livro da História do Brejo da Madre de Deus, a todas as pessoas que escreveram comigo, direta ou indiretamente, estas páginas sobre a vida dessa comunidade valorosa do Agreste pernambucano. Vale ressaltar que algumas dessas pessoas ofereceram maior parcela de colaboração, no caso os amigos de saudosa memória, Cônego Antônio Duarte Cavalcanti, ex-Pároco do Brejo, principal incentivador para que eu escrevesse parte desta História em capítulos nas páginas do JORNAL DO COMMERCIO do Recife, o que ocorreu com a colaboração do inesquecível Jornalista Jorge Campello, responsável pela edição do então SUPLEMENTO DO INTERIOR daquele importante Jornal, isto semanalmente.

POST-MORTEM

Uma dedicação póstuma toda especial aos inesquecíveis amigos:

**GILVAN CAVALCANTE DE OLIVEIRA
GILVAN DE SOUZA CALADO
GETÚLIO AMARAL e
Dr. RUI UCHOA CAVALCANTI**

Que em vida foram benfeitores, generosos com os pobres e amigos dos amigos, e até dos que não eram seus simpatizantes.

IN MEMORIAM

À ardorosa brejense ERUNDINA PEREIRA BARROS, incansável batalhadora pelas causas nobres do Brejo da Madre de Deus e que pereceu deixando saudades, visto que como Professora prestou grandes serviços à Educação no Brejo.

À UMA GRANDE AMIGA DO BREJO:

PROFESSORA DULCE CAVALCANTI
(Dulce de “São” Avelino) que alfabetizou muitas crianças com dedicação e competência. Foi uma Mestra de escol e deixou muitas saudades.

DEDICATÓRIA ESPECIAL

Aos meus pais Antônio Thaumaturgo de Gervázio e Adélia Maria de Gervázio, (falecidos), com todo amor filial.

Aos meus irmãos Heráclito (falecido), Georgina (“Geó” reside em Recife) e Bismarck (falecido), fraternalmente.

Aos meus sobrinhos Carlinhos, Marquinhos, Serginho, Aurélio, Carmem Dolores, Lúcia, Socorro, Adriana e José Maria "In Memoriam"; todos filhos de minha irmã Geó com Manoel Rodrigues da Silva, "São Rodrigues" (falecido), que foi Presidente da Câmara Municipal do Brejo, com todo carinho do modesto Autor desse pequeno Livro.

À minha esposa Hosana, aos meus filhos, noras e genro Newton Júnior/Mônica, Anna Karollina/Fernando e Rilke Marconi/Sheila.

Aos meus netos Ageu, Luccas e Fernandinho, Newton Neto, Morgana e Júlia, carinhosamente.

AGRADECIMENTOS

À:

Dr. José Falcão

Professora Margarida Pinto

Professora Leonor Falcão (In Memoriam) e

Ao Bel. RONALDO MELO, Contador Público de Prefeituras e Câmaras Municipais e dileto companheiro de trabalho no âmbito do Municipalismo pernambucano e nacional.

RECONHECIMENTO

À juventude brejense, especialmente à Juventude estudantil, pela convicção de que o futuro do Brejo da Madre de Deus não está no aumento de sua população ou de seus edifícios, mas na capacidade e inteligência dos filhos, e especialmente no amor de todos por um Brejo forte e firme nas suas decisões.

À formação religiosa do povo desta terra de São José, para que a Fé permaneça inabalável em DEUS.

Finalmente, ao DIVINO ESPÍRITO SANTO, meus agradecimentos por me haver iluminado no caminho da perseverança, mostrando-me que o Bem sempre haverá de vencer o Mal, venha de onde vier.

O Autor

DADOS PESSOAIS DO AUTOR

Nome: Newton Thaumaturgo, brasileiro, Técnico em Assessoria Legislativa Municipal, nascido em Recife-PE no dia 30 de agosto de 1937, filho de Antônio Thaumaturgo de Gervázio e Adélia Maria de Gervázio, casado com Hosana Pinto Thaumaturgo, de cujo matrimônio nasceram Newton Júnior, Anna Karollina e Rilke Marconi, sendo avô de Ageu, Lucas, Fernando Filho, Morgana, Newton Neto e Maria Júlia. Reside há muitos anos na cidade de Caruaru-PE.

É Sócio Benemérito da União dos Vereadores de Pernambuco, Secretário Administrativo da Câmara Municipal de Caruaru-PE, ex-Vereador por duas Legislaturas no Brejo da Madre de Deus, foi Correspondente do Jornal do Commercio(Recife), Diário da Manhã(Recife) e outros Jornais, tendo atuado no Departamento de Jornalismo da então Rádio Difusora de Caruaru e como Sócio da Associação da Imprensa de Pernambuco(Matricula No. 2269), promoveu Encontros de Jornalista do Interior de Pernambuco em Brejo da Madre de Deus e Fazenda Nova.

Foi Secretário Geral das Prefeituras Municipais de Cupira e Panelas e Assessor Especial do então Prefeito de Lagoa dos Gatos - PE, cargos que exerceu simultaneamente na década de 1970, por vários anos. Atualmente é Assessor Legislativo de Câmaras de Vereadores Municipais.

Participou com aproveitamento elogiável do CURSO DE DIREITO PÚBLICO PARA VEREADORES, ministrado pela Escola Nacional de Serviços Urbanos-ENSUR, sob os auspícios da Secretaria de Planejamento da Presidência da República-SEPLAN, através da Secretaria de Articulação com os Municípios-SAREM, em 13.01.1985-Rio de Janeiro-RJ. Fez o CURSO DE TÉCNICA LEGISLATIVA ministrado pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal-IBAM- Rio de Janeiro-RJ em 1988. Fez o CURSO DE ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SECRETARIA ministrado pela ENSUR e IBAM- Rio de Janeiro-RJ em 1973. Frequentou o CURSO DE ADMINISTRAÇÃO ORÇAMENTÁRIA promovido pela Fundação Instituto de Administração Municipal-FIAM, órgão do

Governo de Pernambuco, realizado em Caruaru-PE no período de 15 a 19.07.1970.

PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS

Participou como convidado especial, do 1º. Congresso Nacional de Funcionários de Câmaras Municipais, realizado em Blumenau - Santa Catarina, em agosto de 1986, com o seguinte programa: “O Novo Processo Legislativo”- Professor Mayr Godóy; “A Nova Organização Municipal”-Professor Castro Aguiar; “Novo Enfoque de Gerência Administrativa e Financeira das Câmaras Municipais”- Professor Raul A. da S. Neves; “Fontes de Informações para o trabalho parlamentar”, - Professor Stanislau Stein; “O Vereador e o Funcionamento da Câmara Municipal”- Professor Michel Miguel Temer Lulia; “Movimentos Comunitários e a Câmara Municipal”- Professor Luís Aureliano Gama de Andrade; no Congresso realizado em Blumenau, acima mencionado, presidiu a Mesa sobre o Painel “O VEREADOR E O FUNCIONAMENTO DA CÂMARA MUNICIPAL.”

Participou ainda dos Congressos Nacionais de Vereadores promovidos pela UVB (União dos Vereadores do Brasil) nas seguintes cidades e Capitais brasileiras: Brasília-DF; Rio de Janeiro -RJ; Recife-PE; Natal-RN; Fortaleza-CE; Porto Alegre-RS; São Paulo-SP; Salvador-BA; Vitória-ES; Manaus-AM, Camburiú-SC; Gramado-RS; Foz do Iguaçu-PR; tendo em uma dessas oportunidades, conduzido Vereadores de Caruaru, Brejo da Madre de Deus e outros Municípios, a conhecerem o Parlamento Argentino em Bueno Aires, e ainda a visitar cidades como Punta Del Leste e Montevideú, Capital do Uruguai e também a cidade de Assunção, Capital do Paraguai, além de outras cidades desses Países.

Participou também de Encontros de Legisladores e Técnicos Municipais nas cidades de Juiz de Fora, Minas Gerais, Pelotas no Rio Grande do Sul. Participou em julho de 1992 da 1ª Conferência Internacional do Poder Local, sob a direção do renomado Mestre em Direito Público, Professor Diogo Lordello de Mello; do VII Congresso Nacional dos Servidores de Câmaras Municipais e do 1º Encontro de Informática Legislativa, e do XXV Congresso de Técnicos em Administração Fazendária Municipal, realizado na Universidade Católica de Pelotas-RS.

Como convidado especial da União dos Vereadores de Pernambuco foi o Debatedor com o renomado Mestre Professor Pinto Ferreira, no 1º Encontro de Constituintes Municipais de Pernambuco, realizado no mês de fevereiro de 1989 na cidade de Caruaru-PE, quando se analisou o ANTEPROJETO DE CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DE PERNAMBUCO.

Foi palestrante no 1º FORUM DE DEBATES DE VEREADORES PERNAMBUCANOS realizado na cidade de Garanhuns-PE, promovido pela UVAM(União dos Vereadores do Agreste Meridional), bem como no 2º FORUM na mesma cidade, onde foi agraciado com uma placa metálica considerando-lhe UM DOS MELHORES MUNICIPALISTAS DE PERNAMBUCO, isto através de escolha por votação secreta de todos os Vereadores participantes.

Foi autor de ANTEPROJETOS DE LEI ORGÂNICA para mais de 30% dos Municípios de Pernambuco. Proferiu palestras a convites, nas seguintes cidades entre outras: Caruaru, Cabo, Gravatá,

Chã Grande, Pombos, Paulista, Olinda, Camocim de São Félix, Brejo da Madre de Deus, Garanhuns, Pesqueira, São João, Salgueiro, etc.

No dia 31 de março de 1985 a convite, foi palestrante no ROTARACT CLUB DE CARUARU, sobre Poder Legislativo Municipal, em reunião festiva realizada naquele dia, tendo recebido Certificado do aludido Club.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES HONORÍFICAS

É Cidadão de Panelas, Caruaru, Agrestina e do Brejo da Madre de Deus, títulos concedidos por unanimidade dos Vereadores daqueles Municípios; recebeu solenemente a MEDALHA DO CENTENÁRIO GRAVATÁ-1993; foi agraciado com o Certificado de HONRA AO MÉRITO da cidade de Gravatá - PE; recebeu a MEDALHA DA IMPRENSA DO INTERIOR DE PERNAMBUCO; o Auditório da Casa do Vereador na Cidade do Recife foi denominado pela Diretoria da União dos Vereadores de Pernambuco de "Auditório Municipalista Newton Thaumaturgo"; foi distinguido por Certificados de Honra ao Mérito de vários Municípios pela colaboração que ofereceu quando da elaboração das Leis Orgânicas Municipais em Pernambuco. Parte da história de sua vida foi gravada pelo "Museu do Som e da Imagem" em Caruaru -PE.

GALERIA DE EX PREFEITOS DO BREJO DA MADRE DE DEUS-PE



Barão de Buíque



Família Camboim ou Cambuim | Facebook

Ex-Prefeito FRANCISCO ALVES CAVALCANTI CAMBOIM (BARÃO DE BUÍQUE)



Ex-Prefeito FRANCCELINO ARAÚJO DE ALBUQUERQUE



Ex-Prefeito ANTONIO MAGALHÃES DA SILVA PORTO



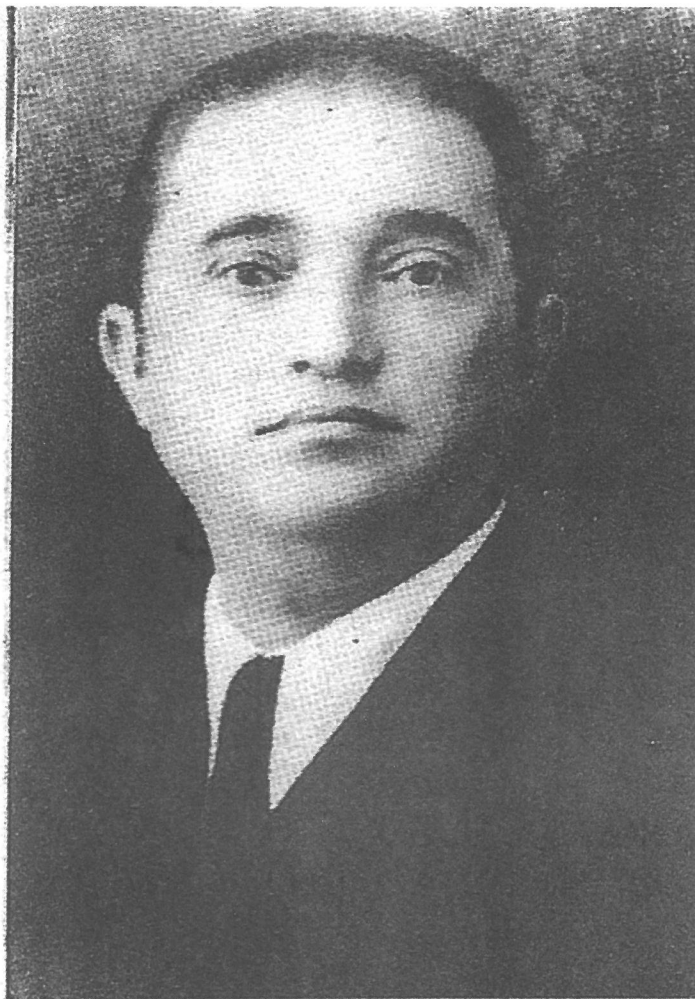
Ex-Prefeito ADJAR DO REGO MACIEL. Era tio de Alípio Magalhães e foi uma pessoa de destaque na vida social e política do Brejo.



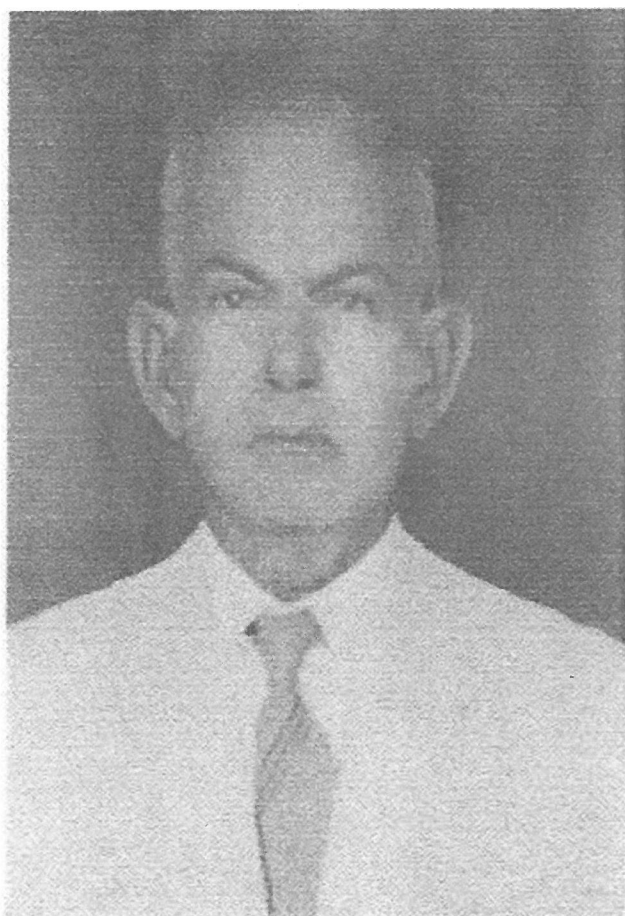
Ex-Prefeito ALÍPIO MAGALHÃES DA SILVA PORTO – “SINHÔZINHO”



Ex-Prefeito ABÍLIO TELMO DA ROCHA BARROS



Ex-Prefeito GUSTAVO MARINHO FALCÃO



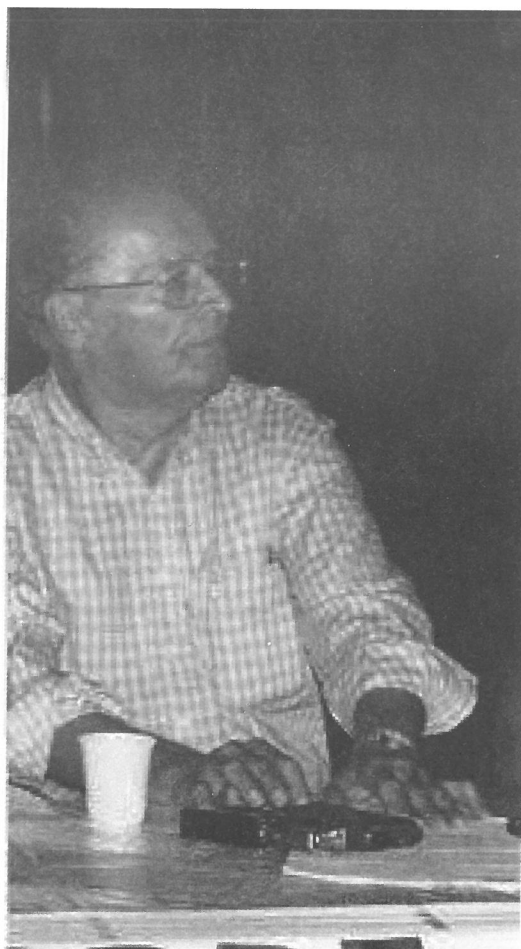
Ex-Prefeito DIRCEU VALENÇA DE OLIVEIRA



Ex-Prefeito JOSÉ BATISTA DE QUEIROS SOBRINHO – “DUDU QUEIROS”



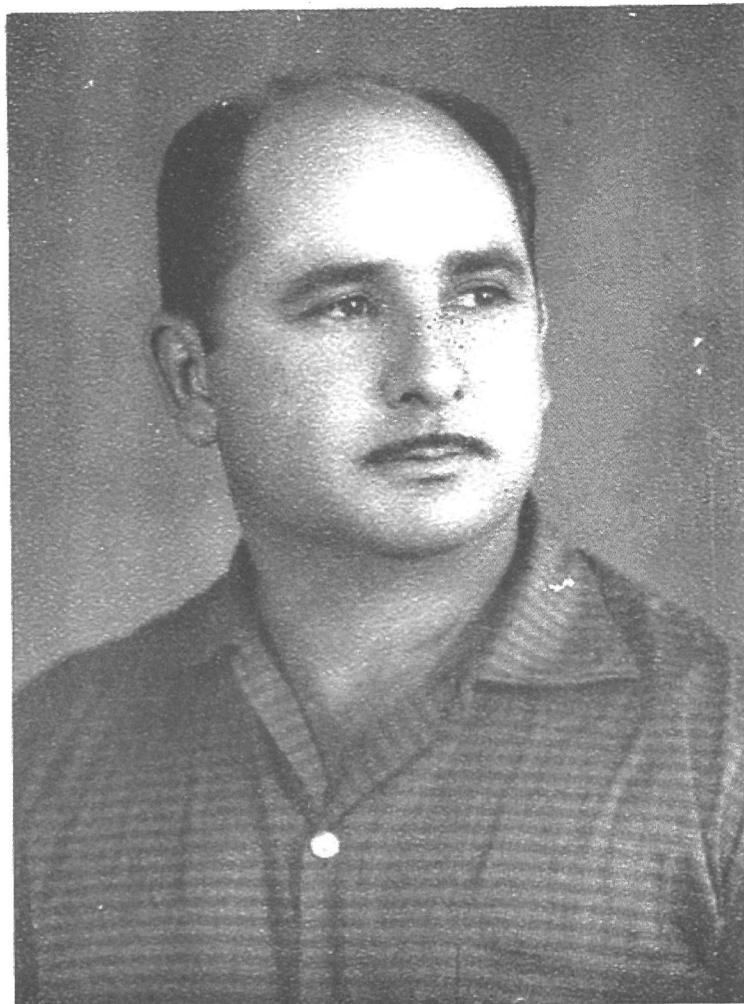
Ex-Prefeito NAPOLEÃO BATISTA NOGUEIRA



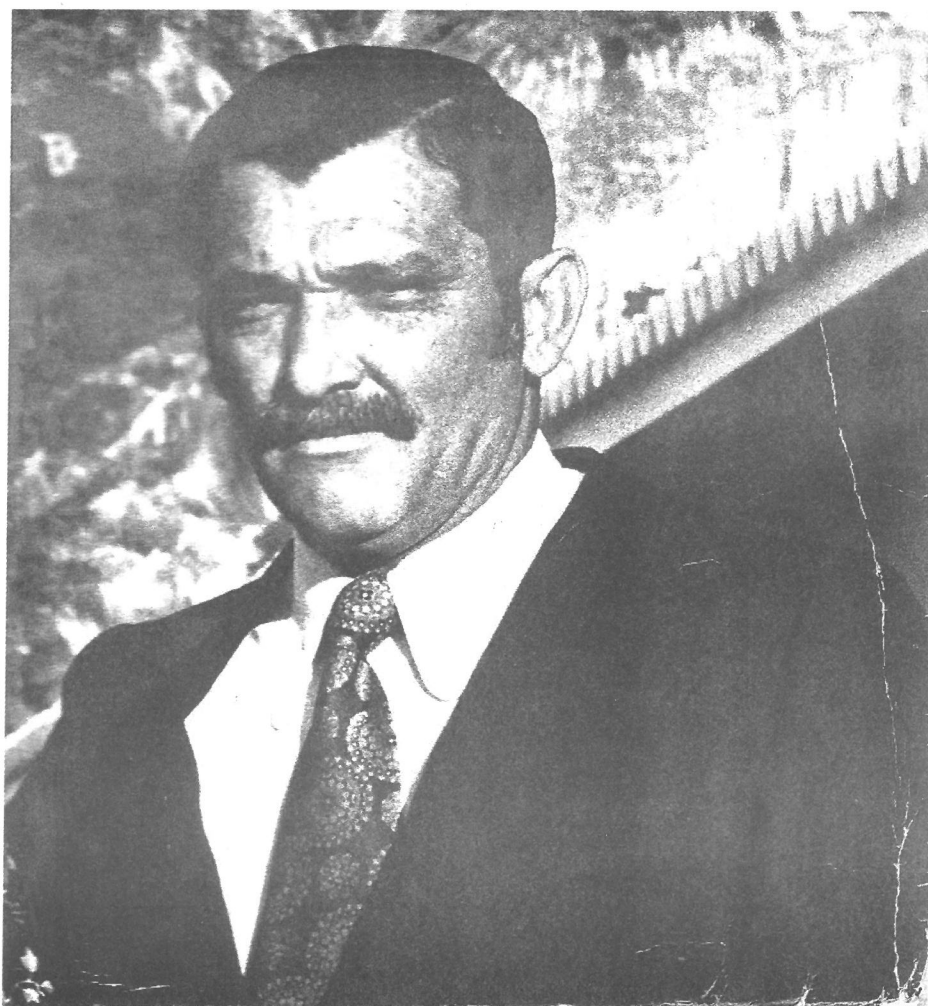
Ex-Prefeito JOSÉ INÁCIO DA SILVA



Ex-Prefeito ORESTES RODRIGUES DE FREITAS



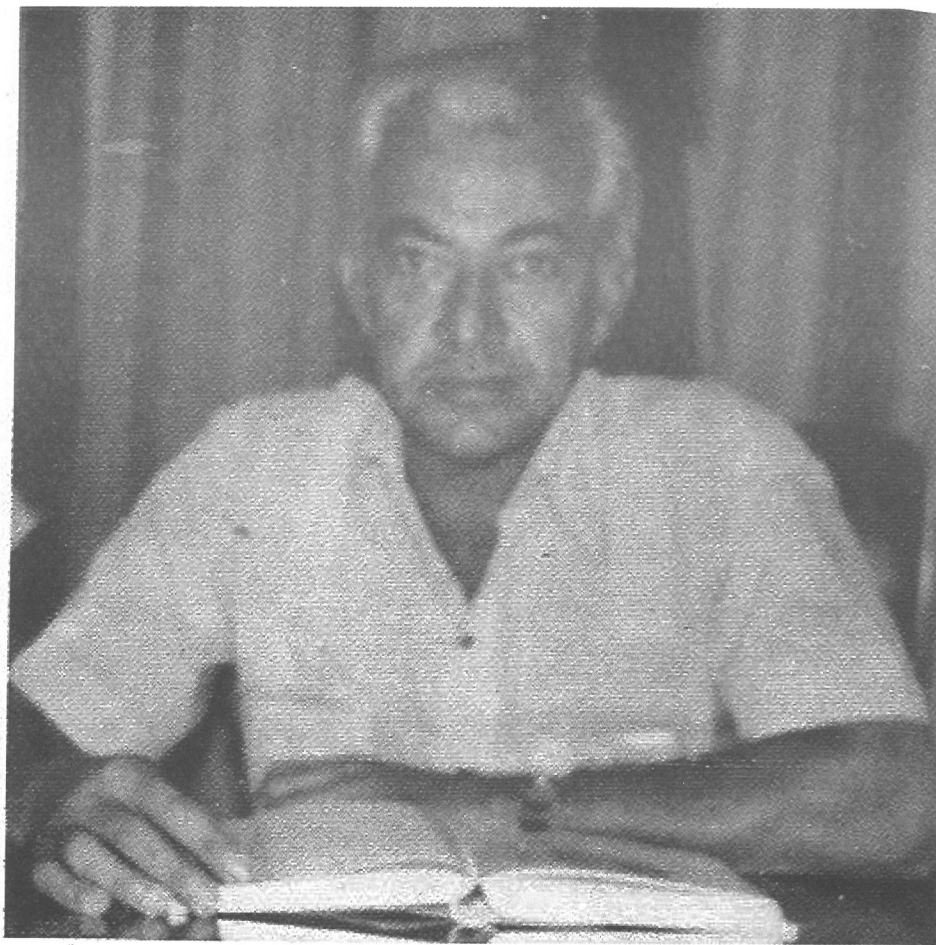
Ex-Prefeito GILVAN CAVALCANTI DE OLIVEIRA



Ex-Prefeito PAULO LUCENA DE MENDONÇA



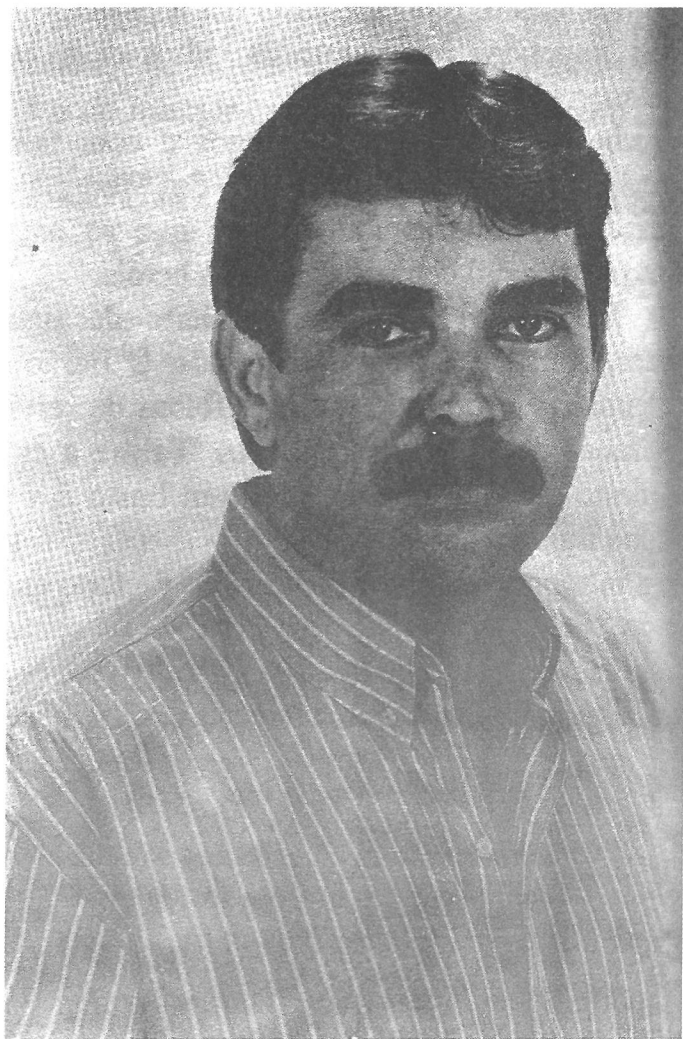
Ex-Prefeito ABELARDO ARGENTINO CALUMBY



Ex-Prefeito ISRAEL CORDEIRO DE ALMEIDA



Ex-Prefeita MARLY DE SOUSA VIEIRA MENDANÇA – 1ª Prefeita



Ex-Prefeito DR. JOSÉ EDSON DE SOUSA



Ex-Prefeito ROBERTO ABRAHAMIAN ASFORA

Capítulo XXXII

CONFLITOS POLÍTICOS

Quando, da assunção ao Poder Político em Pernambuco dos integrantes da então União Democrática Nacional-UDN, com a eleição do Engenheiro Dr. Cid Feijó Sampaio ao Governo do Estado, isto no ano de 1958, cuja posse aconteceu num sábado dia 31 de janeiro de 1959, muitos municípios do interior passaram a ter uma vida política completamente estranha, uma vez que os partidários do então Partido Social Democrático - PSD não conheciam o outro lado da política, isto é, nunca estiveram “debaixo”, pois pertencer a UDN era mesmo um sacrifício muito penoso ou talvez considerado coisa de idealistas.

No Brejo da Madre de Deus em 1958, era líder e chefe político do Partido do Brigadeiro Eduardo Gomes, UDN o Sr. Abílio Telmo da Rocha Barros¹, filho de português da melhor estirpe, mas brasileiro de coração desde a sua infância vivida no Brasil. Homem generoso, flexível até para com os seus mais ferrenhos inimigos.

Do outro lado, chefiando o PSD no Brejo desde a redemocratização do País, estava o Sr. Benedito de Souza Dantas, Tabelião Público, homem inteligente, sério e honesto, oriundo do Município de Flores, onde já havia militado como político pessedista. Ainda havia na década de 1950, os partidários do PTB - Partido Trabalhista Brasileiro, liderado pelo Sr. Severino Salustiano de Farias, conhecido por “Farias”, que era Chefe do Posto de Monta Estadual no Brejo. Homem educado, calmo, diligente e atuante em política.

O clima político nessa época (1950/60) esteve muito “quente” no Brejo da Madre de Deus, pois mesmo sendo genro do líder e chefe da UDN, Sr. Abílio Telmo, o então jovem Bacharel em Direito, Dr. Antônio de Souza Dantas, mais conhecido por Dr. ANTONINO DANTAS, filho do líder e chefe pessedista Sr. Benedito de Souza Dantas, havia sido eleito Prefeito do Brejo, e eram ferrenhos inimigos, tendo em certo período chegado ao diálogo, que por sinal não durou muito, face à discordância surgida com a não aceitação da parte do Prefeito Antonino Dantas na vigência de uma Lei que estabelecia determinada área do Município como “TRAVESSÃO”, isto é, lugar onde não se pode criar gado bovino sem a existência de cercas que protejam as lavouras da região.

Com o pensamento contrário ao do sogro, o Prefeito passou a receber muitas pressões políticas tanto do próprio Abílio Telmo, como de seus mais influentes amigos, notadamente da Câmara Municipal onde o Sr. Abílio era o Presidente do Legislativo local. A UDN contava apenas com dois Vereadores, o próprio Presidente e o Vereador José Cupertino de Souza, mais conhecido por José Candu. Já o PTB contava com três Vereadores: Severino Salustiano de Farias, João Bernardo Torres e Manoel Cassiano, enquanto o PSD tinha quatro dos nove: José Higino de Souza, José Nunes de Souza, Abel Rodrigues de Freitas e o irmão deste, Orestes Rodrigues de Freitas. Os Vereadores do PTB liderados pelo Vereador Farias, estrategicamente se aliaram aos Vereadores udenistas, passando assim, a ser maioria de bancada oposicionista na Câmara Municipal e oposição declaradamente sistemática contra o Prefeito. Todas as mensagens, projetos, requerimentos, pedidos de autorização de verbas imprescindíveis solicitadas apelo Prefeito Antonino Dantas, eram derrotados com o “voto de

Minerva”, isto é, o voto que decidia a maioria que o Presidente tinha por direito regimental, no caso de empate nas votações. Foi daí que no ano de 1953, as coisas ficaram feias, no cenário político do Brejo da Madre de Deus. O Dr. Antonino Dantas por sua vez suspendeu todos os serviços públicos, inclusive a coleta do lixo na cidade e nos Distritos, até mesmo o lixo deixado das feiras do sábado, que ficou se amontoando nas ruas principais da cidade sem que ninguém se atrevesse a retirá-lo, mesmo sem despesa para a Prefeitura. A cidade ficou triste e feia. Ninguém dava um passo para acabar com o impasse negativo que se contatava. As pressões aumentavam de lado a lado. Depois da falta de coleta do lixo, surgiu a escuridão. O Prefeito não dispunha de verba para comprar óleo diesel para o “motor elétrico” que aquela época fornecia energia a toda cidade. As obras paradas, o lixo aos montes nas ruas e a escuridão, onde á noite a juventude fazia queimar pedaços de pneus velhos e vez por outra, ateavam fogo nos montes de lixo. Era um quadro desolador para todos os habitantes do Brejo e sem sentido para facção nenhuma, o povo era de qualquer forma, o único prejudicado.

Esperava-se a qualquer momento, coisas piores. Brigas e mortes se prenunciavam, pois ninguém pensava (os políticos) num apaziguamento. E como se previa, o pior aconteceu na tarde do dia 12 de fevereiro de 1953, no recinto da Câmara Municipal, onde acirradas discussões enlutaram o Município. Quando o Presidente da Câmara, Vereador Abílio Telmo passou a Presidência da Casa ao Vice-Presidente Vereador Orestes Rodrigues de Freitas, indo para o Plenário, o Vice-Presidente recusou assumir a Presidência sob a alegação de que se tratava de um golpe, pois, se assim acontecesse, a Bancada do PSD ficaria desfalcada do direito de um voto, uma vez que àquela altu-

ra os políticos da cúpula do Brejo, sabiam os planos de ambas as facções, isto é, da SITUAÇÃO e da OPOSIÇÃO. A Bancada do PSD era composta por quatro Vereadores, precisando apenas de mais um, e esse um, já estava acertado com o Vereador ligado à Oposição, face aos conchavos mantidos com o PSD local, isto porque sendo este proprietário de uma panificadora (Padaria) no Brejo, precisava da concessão de uma QUOTA na aquisição da farinha de trigo para o seu estabelecimento comercial, pois a farinha que vinha industrializando era comprada a intermediário e no chamado "câmbio negro". Os situacionistas arranjaram a tal "quota" sob a condição de adesão. Ficou tudo combinado para a reunião do dia 12 de fevereiro de 1953. Mas os sa-gazes políticos da coligação UDN/PTB, armaram um contragolpe que funcionou, embora com saldo lamentável. Conseguiram os oposicionistas que o mesmo Vereador que ia aderir ao PSD, fosse ao Recife para conseguir a exigida "quota", que por sinal já havia secretamente conseguido com os pessedistas, mas não teve coragem de revelar. No Recife, armado o esquema, levaram o Vereador até ao Bairro de Boa Viagem, e entre uma e outra dose de whisky escocês, mandaram o dito Vereador assinar os papéis para recebimento da "quota", só que em meio desses papéis haviam duas folhas em branco, que o mesmo já bastante "alegre", assinou-as. Depois um advogado, velha raposa da UDN, datilografava a renúncia do Vereador pretensioso, mandando reconhecer a firma. Esta era uma das razões que o Presidente da Câmara Municipal de Vereadores do Brejo, Sr. Abílio Telmo, havia passado a presidência dos trabalhos ao Vice-Presidente Vereador Orestes de Freitas, pois com o Vereador que ia aderir, o Prefeito passaria a ter maioria no Plenário. Mas como o Vice-Presidente voltou atrás e resolveu dirigir a Casa Legislativa que, imediatamente pediu ao Vereador Manoel Cassiano que se retirasse do recinto, pois estava em seu poder

o seu pedido de renúncia que foi lido e apresentado em Plenário. Em seguida o Vereador petebista Severino Salustiano de Farias, pediu que de conformidade com o Regimento Interno da Casa, o Vereador Orestes de Freitas Rodrigues também se afastasse do recinto, havia um artigo no citado Regimento que dizia que quando o Vice-Presidente convocado pelo Presidente para assumir a presidência recusasse a convocação, era obrigado a retirar-se do recinto da Câmara. Os ânimos ficaram exaltados e as ofensas morais e depois físicas surgiram entre os Vereadores Abel Rodrigues de Freitas e Severino Salustiano de Farias, que sacando de um revólver fez uso do mesmo, dando um tiro que causou a morte imediata do Vereador Abel de Freitas. Foram em seguida deflagrados outros tiros de arma de fogo e um conflito generalizado no recinto da Câmara, saindo também ferido o Presidente da Câmara Sr. Abílio Telmo, embora sem muita gravidade. Minutos depois o Vereador Severino Farias fora preso no recinto do Consultório Médico do Dr. Jair Cavalcanti, pelo Cabo Cícero e o Soldado Genézio, da Polícia Militar, só entregando-se após conversar com seu amigo Ismael Cordeiro de Melo (Maia) que havia secretariado naquele triste evento e depois que recebeu sob palavra de honra dos militares de que não seria linchado ou coisa semelhante, pois do contrário, não entregaria o seu revólver e preferia morrer lutando a ser um covarde.

Depois do diálogo entre ambos (Farias e o Cabo da Polícia), foi o mesmo conduzido à Cadeia Pública local, tendo no percurso recebido apoio moral e físico do seu cunhado Joel Campos, que inclusive chegou a empurrar um soldado que estava pretendendo maltratar Farias.

Após a morte do Vereador Abel de Freitas, o Juiz de Direito da Comarca, Dr. José Nery de Souza, pessoalmente estabeleceu a

ordem pública, garantindo a integridade física do Vereador preso, tomando medidas preventivas junto à Polícia.

O Vereador Orestes de Freitas, irmão da vítima ficou tão desolado, que mesmo vendo o seu irmão morto, não conseguiu dar um tiro sequer, e solicitado pelo Sr. Enoch Cordeiro, fez entrega do seu revólver calibre 38 que se encontrava em uma das suas mãos. Já o Vereador José Higino de Souza, que tendo usado no tiroteio a sua arma (um Parabellum) contra Farias, quando este saía do interior da Câmara para se homiziar no Consultório Médico do Dr. Jair, e que graças a uma topada que levou no exato momento, não foi atingido, mas deu a impressão que havia sido mortalmente baleado e tanto foi assim que o Vereador José Higino para livrar-se de prisão em flagrante pelo suposto assassinato, saiu em desabalada carreira, parando por trás de um arvoredado existente em um morro que fica perto da Igreja Matriz de São José, mas como estava de terno branco, foi fácil a sua localização em meio ao verde das plantas silvestres. Um amigo se dirigiu até lá a mando do Prefeito e contou tudo, trazendo para a casa do Sr. Benedito Dantas, onde foi tranquilizado.

Outros fatos que merecem registro entre diversos, foi um corte pequeno que o Vereador Manoel Cassiano levou no momento do tiroteio, em uma ponta de pedra existente numa pedreira que ficava por trás do prédio onde funcionava a Câmara, e pensou que havia sido uma bala, mas o médico constatou que não tinha sido ferimento por arma de fogo e sim um arranhão. Já o Vereador José Nunes e João Bernardo pularam um muro que dava para a casa vizinha da Sra. conhecida por "dona Felícia", e caíram sobre o galinheiro, sujando-se todos. A Câmara de Vereadores do Brejo, na época, era na Rua da Liberdade, defronte da casa de residência do Coletor Estadual. Por outro lado o Prefeito Antonino Dantas, (Antônio de Souza Dantas), de sau-

dosa memória (faleceu em Recife como Juiz de Direito ou Desembargador). Logo após a triste ocorrência, de revólver em punho, se dirigiu para o local onde a vítima se achava e em meio ao caminho, muito exaltado, atirou para cima e a sua genitora dona Adelaide Dantas que se encontrava ao lado do filho para demovê-lo de atitudes violentas, desmaiou e algumas pessoas tiveram a impressão que ela houvesse sido atingida pelo disparo. Foi uma coisa horrível, a tarde de 12 de fevereiro de 1953. O Sargento Abel Wanderley, Delegado de Polícia do Brejo, ao tomar conhecimento dos fatos, saiu com um rifle calibre 44, da marca Winchester, às mãos e calçado apenas com as meias, pois na hora do tiroteio estava descansando em sua residência. Enquanto isto, o Tenente Domingos Cururu, como era conhecido, homem valente, especialmente pelos serviços prestados à Polícia contra o banditismo em "Volantes" que comandou, morava numa propriedade rural e ao tomar ciência do acontecido, rumou montado a cavalo até a cidade, armado até os dentes. Era amigo íntimo do Vereador Farias.

À noite do mesmo dia, chegava ao Brejo um reforço policial sob o Comando do Major Natanael Carvalho. O Major Natanael era delegado Regional de Polícia e Delegado em Caruaru. Depois de contatos com o Dr. José Nery de Souza, Juiz de Direito da Comarca, assumiu como Delegado Especial os trabalhos do inquérito e após ouvir declarações de testemunhas, resolveu transferir o Vereador preso Severino Salustiano de Farias para a Cadeia Pública de Caruaru, por achar que em Brejo ele corria o risco de ser assassinado.

No dia seguinte, o Prefeito Dr. Antonino Dantas e vários amigos se deslocaram para a Vila de Mutuca, no Município de Pesqueira, onde assistiram ao sepultamento do Vereador Abel de Freitas, vitimado, que também ali era proprietário de terras e muito estimado.

Depois de impronunciado sob a alegação jurídica de falta de provas de autoria do crime, o edil Severino Farias foi residir no Rio de Janeiro, onde exerceu altas funções na então SUPRA, órgão do Ministério da Agricultura no Governo Goulart, não voltado mais ao Brejo da Madre de Deus. Muitas vezes quando ainda queria está incógnito, Farias mandava para Amauri de Barros Correia, proprietário da Farmácia São José, em Brejo, cartões postais com gravações eletrônicas, contendo mensagens aos amigos.

Depois de tudo isto, de tantos aperreios, o Dr. Antonino Dantas, resolveu renunciar ao mandato de Prefeito do Brejo, abandonando a política e seguindo a trilha do Direito, quando através de Concurso Público, foi aprovado e nomeado Juiz de Direito, chegando a ser Juiz da Capital e substituto de Desembargador no dia 1º de maio de 1976.

O líder udenista Abílio Telmo da Rocha Barros, "Seu Abílio", como era conhecido, acometido de problemas circulatórios, veio a falecer com apenas 58 anos de idade, no dia 19 de abril de 1959, deixando como seu substituto político, o então genro, Gilvan Cavalcanti de Oliveira, que posteriormente se elegeu Prefeito do Brejo derrotando fortes candidatos nas pessoas do Dr. José Carlos Soares de Santana e o Sr. Orestes Rodrigues de Freitas. O Sr. Abílio Telmo foi Prefeito do Brejo mais de uma vez, teve dois genros que foram também Prefeitos e o sogro também o foi, e os pais dos genros também foram Prefeitos.

¹ O Sr. Abílio Telmo da Rocha Barros era filho de Antônio Telmo da Rocha Barros e Teolinda Fausta da Silva Barros. Nasceu a 8 de dezembro de 1901 em Recife, seus pais eram portugueses. Quando criança esteve em Portugal, onde perdeu a visão de um olho, brincando com agulhas de fazer croché, pertencente a sua avó paterna. Herdou alguns bens imóveis em Portugal que renunciou para parentes pobres. Em Brejo foi um ser humano por excelência, sempre ajudando aos pobres e tratando com respeito aos humildes.

Capítulo XXXIII

SARGENTO CAFINFIN



Manoel Pereira da Silva I, era nos idos de 1959, um leal 3º. Sargento da Polícia Militar de Pernambuco, amigo fiel dos seus amigos ou a quem servia por gratidão ou orientação política, pois assim era naquele tempo. Vulgarmente conhecido pelo apelido de “Sargento Cafinfin”.

*Quando ainda Cabo da Polícia, Cafinfin ficou famoso ao enfrentar no Município de Limoeiro, mais precisamente na então Vila de Passira, hoje cidade, políticos e familiares do Coronel Chico Heráclio, impedindo propositadamente a realização de um comício, havendo um desses políticos que detinha mandato legislativo, lhe encostado na barreira uma metralhadora e Cafinfin encostando no mesmo o cano de uma pistola automática calibre 45, dizendo ao político limoeirense: **“Se puxar o dedo contra mim você leva desvantagem, pois morre um cabo velho e um Deputado vai pro inferno.”** Era o que diziam.*

Houve uma certa sensatez e diálogo e, se separaram sem ninguém atirar um no outro, mas o comício não foi realizado. Nessa época o Coronel Chico estava rompido com o Governo e dias depois, o Cabo Cafinfin era promovido por merecimento ao posto de 3º. Sargento da Polícia Militar.

Depois das eleições daquela época (1954), Cafinfin foi destacado para outros Municípios, e um deles foi o de Vitória de Santo Antão, onde impôs a ordem e respeito num Bairro chamado Cajá, tendo certa vez feito um anarquista e desordeiro provar as próprias fezes, uma vez que o mesmo havia feito necessidade fisiológica na via pública, tão somente para escarnecer das autoridades locais. Bandidos e maconheiros e, sobretudo ladrões, não atuavam onde Cafinfin destacava como

Comissário de Polícia, porque sabiam que o “trunfo era pau” e as vezes um pouco de urina ou óleo queimado de veículo, como “tira-gosto”.

No ano de 1959, quando a UDN (União Democrática Nacional) passou a governar Pernambuco com a eleição do Dr. Cid Sampaio para Governador pelo referido Partido juntamente com outras agremiações partidárias, Cafinfim foi destacada para o Brejo da Madre de Deus, através do prestígio e interesse do então Deputado Estadual Dr. Aducto José de Mello, objetivando “ajudar” na campanha municipal ao candidato Gilvan Cavalcanti de Oliveira, genro do líder udenista no Brejo, Sr. Abílio Telmo da Rocha Barros.

Passando alguns dias na cidade, foi designado para servir no Comissariado de Polícia da Vila de Fazenda Nova, 2º. Distrito do Município, onde se situava o “Quartel General” do Partido Social Democrático - PSD, liderado pelo famoso chefe político, Sr. Epaminondas Mendonça, onde ninguém contra ele ganhava eleição, pois além do seu prestígio usava a máquina governamental em toda a sua plenitude quando o caso era eleição. Era o adversário número um da UDN no Brejo, e que se manteve por várias décadas no “Poder”.

E Cafinfim foi para lá, com as devidas recomendações, especialmente do Deputado Aducto José de Mello.

Cafinfim era um tipo muito interessante. Andava “armado até os dentes” como costumamos dizer, pois, além de uma pistola calibre 45, da marca Colt, amiga inseparável, portava ainda um revólver 38 e outro calibre 22, bem como um punhal cuja lâmina tinha uma vinte polegadas, e que segundo ele, era em quem mais confiava. Conduzia com

esse “arsenal” uma mochila com balas para essas armas e uma cartucheira na cinta com munição para revólver 38.

Conta-se que certa vez, Cafinfin chegou a desmaiar num exercício realizado pela Polícia no Quartel em Recife e levado à Enfermaria os médicos ficaram pasmados com o arsenal encontrado com ele, além do embornal com balas de fuzil e um cantil.

No Interior do Estado de Pernambuco destacando quase que não andava fardado. Usava roupas folgadas, um lenço vermelho ao pescoço, um grande chapéu de palha à cabeça, em cada dedo das mãos um anel em níquel, prata e até ouro. Quando políticos maquiavélicos o convidavam para que aceitasse ser Delegado de Polícia, Cafinfin recusava de imediato, dizendo:

“Não senhor. Minha leitura não dar, e não fica bem a gente assumir um cargo sem ter competência.”

Mesmo não sendo legal e nem permitido, Cafinfin tomava partido na política partidária, desde que os seus candidatos fossem do lado do Governo do Estado, pois os contrários ao situacionismo eram considerados “inimigos”, uma vez que no seu entendimento como pessoa inculta, ele servia e ganhava do Governo e somente a ele devia servir com risco da própria vida, o que era explorado por políticos da época.

No Brejo da Madre de Deus, Cafinfin “pintou o sete” contra os seguidores da “oposição”, quer municipal, quer estadual, e de outra forma não foi com as pessoas que estiveram contra a UDN no tempo do Deputado Aducto Mello, Abílio Telmo e Gilvan Cavalcanti de Oliveira. Sofreram o diabo por parte do Sargento Cafinfin, especialmente os partidários do líder pessedista em Fazenda Nova, Epaminondas Mendonça, a quem Cafinfin pressionou bastante e arbitrariamente.

Certa vez Cafinfin prendeu um eleitor de “Seu” Epaminondas, chamado “Manoel Cego” e fez o mesmo engolir um ratinho catita, completamente vivo, dizendo: “É pra você não andar falando mal do pessoal do Governo.”

Costumava o Sargento Cafinfin, a colocar junto à sua cama quando Comissário de Polícia em Fazenda Nova, duas ou três ratoeiras feitas de madeira, e do tipo alçapão, pois esses roedores tinham aos montes no quarto onde ele dormia, que por falta de apoio dos chefes principais, era em um armazém cedido pelo então líder da UDN em Fazenda Nova, o ex-Vereador e ex-Juiz de Paz, João Bernardo Tôrres, homem bom e que sofreu muitas represálias políticas quando estava de “baixo”, isto é, na “oposição” ao Governo do Estado de Pernambuco.

Os malfeitores temiam Cafinfin como “o diabo teme a Cruz”, pois, ladrão, maconheiro, conquistador de menores e políticos falador de mal do Governo, para engolir um ratinho vivo, era coisa fácil de mais para ele fazer. Cafinfin era alto, com quase dois metros e era valente. Vez por outra colocava um desses “tipos” acima mencionados, dentro de um tonel cheio de água fria e à noite se saísse de dentro sem ordem, engolia uma catitinha viva, com rabo e tudo. Tudo isto instigado

por políticos maiores, para agradá-los e na sua “santa ignorância”, não sabia que praticava torturas físicas, psicológicas e desumanas. Creio que os pecados de Cafinfin foram praticados na sua grande maioria, sob o aval de maus políticos da época e isto sempre ocorria de lado a lado, quer no PSD quer na UDN, hoje acontece com menor intensidade.

Cafinfin era respeitador, honesto e não explorava ninguém, não gostava de pedir favores pessoais aos políticos a quem servia, e gostava de tratar muito bem as pessoas pobres ou modestas que residiam na Zona Rural do Município, até mesmo chegou a comprar facas peixeiras, para presentear trabalhadores rurais.

Certo dia eu estando em Fazenda Nova, me chamou para dizer o seguinte: “por favor, vá ao Comissariado e solte um homem que está ali preso sob a acusação de roubo de uma cabra, mas não diga a ele da sua intenção.”

Cafinfin constatou tratar-se de um pai de família com onze filhos e pobre como Jó.

Fiz como ele recomendou. Levei a chave do presídio que ele me entregou e chegando lá abri o “xadrez” e falei para aquele homem:

“Olhe, corra. Vá embora enquanto é tempo, pois o Sargento Cafinfin foi buscar um rato para você comer vivo.”

O pobre homem ainda relutou, mas eu insisti e abrindo a porta puxei-o pelo braço e disse: “corra, rapaz.” E ele saiu em desaba-

lada carreira e nunca mais roubou nada, pois tempo depois estive conversando com o mesmo, que morava num sítio perto de Fazenda Velha, e relatou: "a gente com os filhos passando fome, mata até para dar de comer aos mesmos. Foi por isto que eu naquele tempo carreguei a cabra." E foi mesmo. Embora legalmente não se justifique o roubo.

De outra vez, Cafinfin foi solicitado por senhores idosos que residiam em Fazenda Nova, para que o mesmo proibisse a brincadeira do "Serra velho" na "Quarta-Feira de Trevas" que antecede à Quinta-Feira Santa, Cafinfin garantiu que não permitia, porém estudantes que vinham com os pais do Recife para passar o período da Semana Santa em Fazenda Nova. É sempre "estudante", isto é, gosta de presepadas e resolveram dialogar com o velho Sargentão Cafinfin, explicando-lhe que tudo era apenas uma brincadeira tradicional e que ele abrisse mão para eles. Cafinfin pensou, pensou, acendeu um dos seus costumeiros charutos que colocava sobre os seus dentes de ouro, cuspiu, e falou:

"Eu vou fazer uma proposta a vocês. Eu deixo fazer o "Serra velho", mas vocês primeiro têm que "serrar" o velho Epaminondas, está certo?"

A turma de estudantes refletiu um pouco e falou:

"Nós vamos pensar nisso e logo mais vamos dizer ao senhor, certo?."

E Cafinfin: certo. Eu aguardo.

Cafinfin sabia que eles eram filhos de amigos do Sr. Epaminondas Mendonça, e muitos até hospedados na casa do líder do PSD em Fazenda Nova (Oposição ao Governo de Cid Sampaio que era da UDN).

Cafinfin esperou e nada de resposta dos estudantes. É que eles não iriam desgostar os seus pais e amigos, e por ter pensado nisso foi que Cafinfin ficou aguardando outra presepada dos mesmos, e de fato aconteceu. Por volta da meia-noite da Quarta Feira de Trevas para a Quinta-Feira Santa, quando todos dormiam e o silêncio predominava na Vila de Fazenda Nova, eis que começaram as badaladas do sino da Capela em pleno coração da Vila, e o povo acordou, pois sino não se toca na Semana Santa, é a tradição. Cafinfin que já estava de olho naqueles estudantes, a fim de evitar o "Serra velho", surgiu inesperadamente na Capela da Vila, que mesmo fechada, continuava com o sino repicando. É que defronte a antiga Capela (foi demolida para se construir a atual), estavam quatro estudantes formando uma "escada" para que um pudesse alcançar o sino. Cafinfin não hesitou, puxou o rapaz de baixo, e derrubou mais dois, tendo ficado um dependurado, era o que tocava no sino. Cafinfin ordenou: "desça rapaz, para acertar as contas." E o estudante "afrouxou":

"Sargento pelo amor de Deus, não me faça mal. Eu peço-lhe desculpas. Eu sou de boa família, o senhor compreende. Isso é coisa de gente jovem."

Cafinfin : "deixe de conversa e desça logo."

Quando o rapaz desceu, Cafinfin deu-lhe uma lição de moral, dizendo-lhe: “como é que você é gente de família e faz uma esculhambação dessa?”

“Olhe sargento eu faço parte do elenco do Drama da Paixão, eu sou São Pedro (não era do elenco, mas disse para livrar-se), pode acreditar.”

“Muito bem São Pedro, o senhor sendo o “chaveiro do Céu” e Santo, não sabe que é proibido tocar sino na Quinta-Feira Santa? Eu vou dispensar, mas não faça isso outra vez”, disse Cafinfin.

O rapaz agradeceu e foi embora. No outro dia o comentário tomou conta da Vila de Fazenda Nova: Cafinfin prendeu São Pedro tocando sino.

A vida de Cafinfin teve fatos interessantes como esses: nascido no alto Sertão de Pernambuco, na Serra do Mã, lá para as bandas do Município de Exu e ainda jovem, com apenas 16 anos de idade, só ouvia falar na bravura de Lampião, que dominava as caatingas e em cuja companhia havia alguns parentes de Cafinfin, como “Gato Bravo”, “Benedito” e outros mais.

Certo dia conversando ele com um “cabra” do Rei do Cangaço, Lampião, o Capitão Virgolino Ferreira, lhe foi dito que para ser ‘homem do Capitão, tinha de ser valente e fazer “prova de fogo”, isto é, matar um amigo íntimo, um parente próximo, quer fosse tio, primo ou irmão. Cafinfin tinha muita vontade de participar do Bando de Lampião o que era na época uma honra para qualquer jovem, e mesmo adulto, o que não era fácil.

Um dia chegou em casa dele, vindo da roça, encontrou sua irmã mais velha, “engomando”, isto é, passando o ferro com brasa em roupas deles, e aproveitando a ocasião que esta sua irmã foi até a cozinha olhar a panela de feijão que se encontrava no fogão à lenha, Cafinfim sorrateiramente, arrancou três botões de uma camisa nova que ele tinha, e momentos depois, pedia a mesma irmã que queria a camisa nova para fazer uma viagem, e ao pegar a camisa que já estava engomada, isto é, passado à ferro, Cafinfim deu um grito com o rosto cheio de ódio simulado. E disse; “tá vendo sá peste o que você fez com a minha camisa? Desgraçada. “Eu vou beber seu sangue agora.” E meteu a faca que portava na irmã, que velozmente não foi morta, mas atingida no braço, levemente. E Cafinfim investindo de novo e a irmã se defendendo, não morreu porque logo depois chegava o pai de Cafinfim e um amigo, que evitaram a desgraça. Na madrugada do dia seguinte, Cafinfim fez um matulão, apanhou um rifle e saiu mundo à fora a procura do bando de Lampião, e não demorou muito tempo e achou o lugar desejado.

Disse-me o Sargento Cafinfim, atendendo a minha curiosidade, que das coisas horripilantes que presenciara a que mais lhe tocou o sentimento como ser humano. E ele disse:

“Foi quando um grupo de homens do Capitão Virgolino chegou a uma fazenda perto de Floresta, e pegaram um boi colocando-o sobre quatro forquilhas, que enterradas deixava o animal suspenso sem nenhuma reação nas patas, uma vez que cortaram os tendões das mesmas, e ainda da cauda do bovino. Depois fizeram uma fogueira ao lado, e começaram a cortar o boi de trás para a frente, enquanto o bobino dava urros horríveis, a turma comia a carne da traseira que era assada na fogueira em forma de churrasco, sob risos e mais risos dos mesmos par-

ticipantes, que gritavam: “vamos gente comer carne assada de boi vivo.”

Isto foi a coisa que Cafinfim achou mais dolorosa em toda a sua vida, pois matar gente em luta não era nada de mais para ele. Certo dia Cafinfim foi apanhado propositadamente, por uma “Volante” da Polícia Militar, sem reação nenhuma, ficou revoltado com a malvadeza que viu fazerem com o boi. Não foi preso e sim incorporado a Polícia como Soldado raso (recruta) e depois passou à “pronto”, chegando a ser Cabo, sargento e depois reformado como Tenente.

Já velho, certa vez foi agredido por uns robustos rapazes que não gostavam dele, em Fazenda Nova, e instigado a uma vingança por algumas pessoas amigas e familiares, Cafinfim limitou-se a dizer:

“Não, eu já fiz muita coisa errada e é preciso que pague. Já dei em muita gente e quem dá também um dia apanha.”

Foi um verdadeiro ato de arrependimento de coisas praticadas erroneamente, o que se torna tal atitude em um ato nobre e de perdão perante Deus e o povo, bom exemplo de vida. Não vale a pena fazer o mal a quem quer que seja. Cafinfim foi sem querer, um instrumento na prática de muitas coisas erradas, mas no fundo era uma pessoa boa, e arrependida.

Capítulo XXXIV

CÔNEGO ANTÔNIO DUARTE CAVALCANTI

No fim do ano de 1965 fizemos uma série de entrevistas históricas, que foram publicadas no Suplemento do Interior, do Jornal do Commercio, da Cidade do Recife, sob o título “PERSONALIDADES DO BREJO”.

A segunda entrevista foi com o Cônego Antônio Duarte Cavalcanti, então Pároco do Brejo da Madre de Deus, pois a primeira entrevista fizemos com Alípio Magalhães da Silva Porto, conhecido por “Sinhôzinho”, que tem capítulo também na História do Brejo, já publicadas.

Antes de falarmos sobre o Cônego Antônio Duarte, vamos transcrever aqui a entrevista que realizamos com o mesmo:

“PERSONALIDADES DO BREJO

*(2ª. de uma série de entrevistas.
Por Newton Thaumaturgo)*

Continuando o nosso trabalho de entrevistas com pessoas de destaque neste Município, hoje temos como entrevistado a figura do Cônego Antônio Duarte Cavalcanti, atual Vigário da Freguesia, que embora não sendo filho do Brejo da Madre de Deus, já prestou e conti-

nua a prestar, inestimáveis serviços à nossa terra, nos mais variados setores. Vamos pois, com as perguntas e respostas:

P--- Cônego Duarte, onde nasceu, em que data e qual a sua filiação?

R--- Nasci na cidade de Paudalho, neste Estado, no dia 26 de abril de 1904, sendo filho legítimo de José Duarte Cavalcanti e Petronila Duarte Cavalcanti.

P--- Em que ano iniciou os seus estudos e onde?

R--- No ano de 1911 iniciei meus estudos primários numa Escola Mista, dirigida pela Professora Maria Florinda do Rosário, conhecida por "Pixica", na cidade de Paudalho com a idade de 12 anos ingressei no Seminário de Olinda, tendo estudado em Natal, João Pessoa e feito o curso teológico no Seminário Provincial de São Paulo. Fui ordenado na cidade de Pesqueira, no dia 6 de abril de 1930, pelo saudoso Bispo Dom José de Oliveira Lopes.

P--- Quais as Paróquias onde esteve durante todo esse tempo de sacerdócio?

R--- Minha primeira Paróquia foi Pesqueira, onde servi de Coadjutor do Padre Câmara, hoje Monsenhor Alfredo de Arruda Câmara, Deputado Federal por Pernambuco. Com a morte do Bispo Dom José Lopes, o seu sucessor, Dom Adalberto Sobral, fez minha nomeação para Floresta do Navio, isto em 1933, tendo permanecido ali quatro anos como Vigário. Em seguida fui Vigário Provisionado de Cus-

tódia, até o ano de 1945. Logo após fui convidado pelo mesmo Bispo, a fim de construir o Seminário Menor de São José, em Pesqueira. Finda a construção e ficando o Seminário em estado de funcionamento, segui para São Luiz, no Maranhão, como Secretário Particular de Dom Adalberto, já com o título honorário de Cônego. Lá reconstruí o Palácio Arquiepiscopal na Capital maranhense.

Em 1949 fui designado Pároco do Brejo da Madre de Deus, pelo então Bispo da Diocese de Pesqueira, Dom Adelmo Machado, atual Arcebispo de Maceió, Alagoas.

P--- Cônego Duarte, qual foi a sua primeira obra social aqui no Brejo da Madre de Deus?

R--- Fundei em fevereiro de 1956, a ESCOLA PAROQUIAL SÃO JOSÉ, com matrícula inicial de 80 alunos, composta de crianças pobres, de ambos os sexos, dando-lhes toda a assistência possível, dentro e fora de minhas possibilidades. Depois construí o atual Salão Paroquial, onde procuro instruir a mocidade na arte dramática e orfeônica, ultimamente, há 3 (três) anos passados, fundei a Escola de Corte e Costura Nossa Senhora de Fátima, na qual inúmeras moças do meio rural, principalmente, receberam os seus diplomas, ficando aptas a desempenhar suas funções, e conseqüentemente ter um melhor nível de vida.

P--- Existem outros meios de assistência, do tipo: educação religiosa para adultos semi-analfabetos?

R--- Sim. Tenho uma boa máquina projetora, bem assim uma quantidade regular de diafilmes educativos, com os quais faço exi-

bições explicativas, atinentes aos problemas de saúde pública, catequese, assuntos pátrios, etc. Mantenho, ainda em funcionamento um serviço de difusão, cobrindo toda a cidade, isto em convênio com a Secretaria de Saúde, graças a boa vontade do Dr. Álvaro Vieira, atual Secretário.

P--- Qual o maior prazer que já teve?

R--- Isto aconteceu no dia 7 (sete) de abril de 1930, quando ordenado no dia anterior, celebrei pela vez primeira o Santo Sacrifício da Missa, pois sentí, naquele dia que de fato era um "ALTER VIR", isto é: um outro homem.

P--- Que diz em referência ao Brejo?

R--- Terra de gente simples e boa, na qual a maioria dos habitantes é católica, valendo salientar que, neste rincão abençoado, jamais medrou qualquer seita. Haja visto não existir uma só igreja de outras religiões. Noto, porém, e com tristeza, que um dos entraves do seu soerguimento, tem sido a desunião dentre seus próprios filhos, quando se relaciona ao setor de política partidária.

P--- Quantos e quais seus irmãos?

R--- Vivos são 5.—Inês, hoje Madre Duarte, pertencendo à Congregação de Santa Dorotéia, atualmente em Alagoa Grande; Maria do Carmo, que comigo vive desde sua infância; Luiz Duarte, Maestro e Pintor, e Maria das Dores casada e residente em Recife.

P--- Cônego, qual a razão da frase latina que se nota no jipe da Paróquia "Tibi honor Episcopo"?

R--- Uma homenagem que presto a Dom Severino Mariano de Aguiar, meu atual Bispo, por ter sido ele quem ofertou o veículo, que muito tem servido os meus trabalhos paroquiais. Daí assim, demonstração patente da minha gratidão para com o meu querido Bispo. (tradução livre: "Às honras ao senhor Bispo").

P--- Cônego Duarte, finalizando, gostaria de saber, qual ao seu ver, as obras públicas mais necessárias ao Brejo presentemente?

R--- Newton: observo a necessidade de um Ginásio onde nele a mocidade possa atirar para longe o câncer do analfabetismo. Em segundo plano, vejo a necessidade de canalização d'água para que assim seja sanado um dos problemas vitais; em terceiro plano, a real concretização da estrada que liga Brejo à Fazenda Nova.

O entrevistado de hoje, tem sido um baluarte na vida desta comuna, mantendo os melhores laços de amizade, com pessoas dos mais diversos credos políticos e religiosos, e sendo de fato um brejense de coração, conforme proclama publicamente.

Eis aí, o relato de uma figura das mais humanas e inteligentes que conhecemos em toda a nossa vida.

O Cônego Duarte, muitas vezes incompreendido por políticos radicais do Brejo da Madre de Deus, teve os seus descontentamentos, mas mesmo assim, tentou superá-los com trabalhos profícuos, a exemplo da reconstrução da igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho (1), da Casa Paroquial, do Salão Paroquial com palco para apresentações teatrais, projeções cinematográficas, e um Serviço de Som inve-

jável àquela época, além da Escola Paroquial São José, Escola de Corte e Costura Nossa Senhora de Fátima, e também a construção da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes junto à igreja do Bom Conselho, aquisição de imagens e paramentos para a Matriz e Co-Matriz, sem se falar o trabalho que encetou nas Capelas dos Distritos e Povoados. Adquiriu um Sino grande para a igreja através de políticos, isto sem compromissos; e semeou cultura a muita gente no Brejo, inclusive ao autor deste livro que foi um dos seus alunos.

Andou a pé e a cavalo, de sítio em sítio, angariando fundos para a reconstrução da igreja do Bom Conselho, misturando-se com os pedreiros e serventes, e fazendo todo o serviço de instalação elétrica mais difícil, com risco da própria vida, quando subia à torre do aludido templo.

Mas uma história que merece registro é a vida extra-sacerdotal do Cônego Duarte. Homem das mil e uma atividades: motorista (condutor de veículo motorizado), eletricista, musicista, compositor, cantor sacro, mágico excelente, hipnotizador, marceneiro, pedreiro, filatelista e uma série de outras profissões, pois não recordamos de uma coisa que o cônego Duarte não soubesse um pouco de tudo. Conhecia muito bem o latim, que falava e escrevia fluentemente o francês e outras línguas com menor fluência. Chegou a ser premiado pela composição de um hino encomendado para um Congresso Eucarístico. Adorava nos seus eloquentes discursos ou sermões, adotar as famosas cabalas greco-romanas. Era um orador de escol. Mudou-se, já aposentado de suas funções, para a Cidade do Recife, onde veio a falecer.

Quando Vigário de Floresta no alto sertão de Pernambuco, certo dia, involuntariamente, teve um encontro com Lampião, o Rei do Cangaço, bem como com Maria Bonita, Antônio Ferreira, irmão de Lampião, e outros cangaceiros. Tudo aconteceu quando no ano de 1933, tomou o seu automóvel modelo 1928, de cor vermelha, juntamente para prestar assistência religiosa a um fazendeiro que desejava confessar-se e comungar, pois, encontrava-se muito enfermo, com o então jovem Padre Duarte, o seu Sacristão e compadre posteriormente. Aconteceu que o carro não podia chegar até a casa do fazendeiro doente, a estrada não oferecia condições de tráfego de automóvel, principalmente naquela época de poucos veículos motorizados no sertão e quase em todas as cidades do interior, porém, onde a estrada terminava para veículo, tinha que se viajar sobre cavalos, deixando o veículo na casa que oferecesse maior segurança. E assim fizeram, no entanto, tomaram caminho errado, entrando por uma vereda, e por mais que andassem não avistavam a casa da fazenda pretendida. Notaram que estavam “perdidos”, mas voltar já não adiantava, o mais viável era prosseguirem até encontrar uma pessoa ou casa de residência para pedirem informações seguras. Mais adiante se depararam com um homem armado com rifle, que gritou:

“Alto lá, quem vem aí?”

O Padre Duarte conheceu logo se tratar de um cangaceiro e foi dizendo:

“É de paz. Quem está aqui é o Vigário de Floresta do Navio. O Padre Duarte e o seu Sacristão.”

O cangaceiro determinou que se aproximasse. E era já três horas da tarde de uma quinta-feira do mês de novembro de 1933.

O Padre e o Sacristão chegaram para perto do homem armado e como o Padre estava com um "Pára-pó" (capa que protege da poeira), o cangaceiro indagou: "o senhor é Padre mesmo, cadê a batina?" O sacerdote em apreço desceu do cavalo, tirou a capa, mostrando a batina e a c'róa raspada na cabeça.

Foi aí que o Padre Duarte, receoso, perguntou arriscando o sucesso no diálogo com o fora da lei:

"Eu desejo falar muito com o Capitão Virgolino, por favor, avise pra ele, diga que é o Padre de Floresta".

O cangaceiro deu um forte assobio e logo apareceu um outro homem armado, que levou o recado a Lampião e em poucos minutos chegavam outros dois com a recomendação de só o Padre ir até lá, o Sacristão não, ficava esperando onde estava.

O Padre entrou caatinga à dentro e viu de trinta em trinta metros, aproximadamente, um homem armado montando guarda. Chegando ao acampamento onde Lampião estava e que veio ao encontro do Padre pedindo-lhe com voz aguda "a benção seu Vigário", o que fortaleceu muito o Padre Duarte.

Em seguida mandou o Vigário sentar sobre um tronco de uma árvore caída e começou a indagar conversando, especialmente porque o Padre havia ido ali, tendo o Padre contado toda a história da viagem que empreendeu, pelo que Lampião lhe dissera: " Eu já lhe vi de

longe montado numa baratinha encarnada". Depois começou a falar sobre os seus inimigos de Floresta, um por um, até ficar irritado e proferir palavrões sem respeitar o Padre, e quando falou sobre "Siato" (Fortunato de Sá Gominho) seu inimigo capital, ficou tão furioso que levantou-se com um punhal à mão, tendo o Padre Duarte nesse momento rezado intimamente o Ato de Contrição, pensando que Virgolino (Lampião) ia mata-lo, mas era a sua maneira de ser quando zangado. Tirou do embornal que conduzia à cinta um pedaço de "fumo de corda" e começou a picá-lo para fazer um cigarro de palha. Aliviado, mas trêmulo, o Padre voltou a conversar. Lampião tinha muita raiva de "Siato" porque este nunca atendeu aos seus pedidos e ainda influenciava comerciantes de Floresta a não dar nada a Lampião, e na obra de Luiz Wilson "Roteiro de velhos e grandes sertanejos", volume II, à página 552, consta o seguinte:

" Quando Virgolino encontrava, então na estrada uma tropa de burros ou um caminhão com mercadoria para "A Nova Aurora" (representante em Floresta de vários Bancos, entre os quais o Banco do Brasil), mandava botar a carga abaixo e tocava fogo no que era de "Siato".

A certo momento o Padre Duarte perguntou a Lampião:

"Capitão, eu gostaria de lhe oferecer umas carteiras de cigarros que tenho no alforje que está no cavalo, bem assim, umas medalhas de Nossa Senhora da Conceição, que pretendo benzer e lhe presentear." Lampião deu um grito e chamou um dos seus homens, dizendo-lhe: "Obedeça a "Sêo" Vigário". O Padre transmitiu ao cangaceiro que fosse até onde se encontrava o Sacristão e que trouxesse as carteiras de

cigarros da marca Selma e as medalhas, o que momentos depois chegavam às suas mãos.

Ao proceder a bênção das medalhas, Lampião chamou todos os companheiros e mandou que cada um ao receber a medalha do Vigário, lhe tomasse a bênção e beijar-se a medalha para protege-los. E assim foi feito, todavia, Maria Bonita apressou-se em pegar uma medalha, pelo que Lampião deu-lhe um tapa na mão, mandando que ela tivesse modos, pois o Vigário vai entregar para todo o mundo.

Quando foi fumar dos cigarros recebidos, deu um para o Padre fumar primeiro, depois é que se serviu. Antes de escurecer totalmente, Lampião mandou dois homens ir levar até a estrada que dava para uma outra onde bem perto estava a casa do fazendeiro a quem o Padre ia receber a sua confissão, porém, antes, cochichou com os dois cangaceiros, e o Padre quando estava sendo levado foi rezando calado todo o caminho, pois não sabia que ordem haviam recebido de Lampião. Ao chegar onde desejava, juntamente com o Sacristão, deu graças á Deus e resolveu oferecer de gorgeta dez mil réis a cada cangaceiro, o que era muito dinheiro àquela época, foi quando em voz al e zangado um deles perguntou:

“ Padre, o senhor obedece ao seu Bispo?”, o Padre respondeu que sim. E ele concluiu: “eu obedeço também ao meu Capitão. O senhor não viu quando ele me chamou e falou em segredo comigo, foi para dizer que não recebesse nada do senhor.”

O Padre disse-lhes: “que Deus lhes abençoe, filhos.”

Padre Duarte passou muito tempo sem revelar esse encontro a ninguém. Certa vez, alguns comerciantes de Floresta resolveram atender uma exigência de Lampião, que se referia ao pedido de um montante de cinco contos de réis, e tendo os mesmos se cotizados, conseguiram o dinheiro, mas não havia quem se dispusesse a levar no lugar por Lampião determinado. O Padre Duarte tomando conhecimento do fato, se propôs a ir, e muitas pessoas o aconselhavam para que ele não se arriscasse, mas só que não fazia nem um mês que o Padre havia tido o encontro com ele e ninguém sabia. Entregaram o dinheiro e no dia e hora aprezados, o Padre estava na casa de um proprietário rural, lugar marcado para a entrega dos cinco contos de réis. O que foi estranho ao Padre, é que o dono da dita casa onde o dinheiro seria entregue, não sabia de nada, e todos da família ficaram amedrontados, mas o Padre Duarte os acalmou. Às primeiras horas da noite, bateram à porta, e o Padre foi receber quem chamava. Apareceu um homem a procura do dinheiro do Capitão, foi quando o Padre se identificou e concluiu que aquele homem não fazia parte do bando de Lampião, pois ele havia observado bem a fisionomia de todos quando da entrega das medalhas que fizera. E disse para o portador: “Olhe meu amigo, o Capitão Virgolino é meu amigo, diga a ele que amanhã pela manhã ele mande buscar o dinheiro que eu entregarei e se possível eu mesmo irei lá fazer a entrega.” O homem desapareceu até hoje.

Muita gente abusava usando o nome de Lampião, pilhando comerciantes diversos. E o Padre Duarte levando ao conhecimento dos comerciantes que se cotizaram para conseguir essa importância ele-

vada para Lampião, resolveu guardar em um cofre por algum tempo o dinheiro, que tempo depois foi devolvido a todos que contribuíram, isto com grandes elogios ao Padre Duarte, então Vigário de Floresta.

O Cônego Antônio Duarte Cavalcanti foi um sacerdote atuante, competente e um grande benfeitor do Brejo da Madre de Deus, sem a menor sombra de dúvidas. Faz parte da História desta terra a quem serviu com amor.

Capítulo XXXV

JOSÉ BATISTA DE QUEIROZ SOBRINHO

*No dia 18 de dezembro de 1965, através do Suplemento do Interior, do Jornal do Commercio, do Recife, a exemplo de outras entrevistas, fizemos publicar uma matéria histórica com a figura amiga e humana do Sr. José Batista de Queiroz Sobrinho, conhecido e chamado carinhosamente por **Dudu Queiroz**, ex-Delegado de Polícia do Brejo da Madre de Deus, nomeado que havia sido como Suplente de Delegado quando isto era comum por indicação política simplesmente, bem como ex-Prefeito do Município do Brejo. Dudu Queiroz era tio do ex-Senador e ex-Deputado Federal por Pernambuco, Wilson de Queiroz Campos, que era pai do ex-Senador e ex-Governador de Pernambuco, Carlos Wilson Campos e do atual Deputado Estadual pernambucano, André Campos.*

Dudu Queiroz em sua “Fazenda Juá”, em tempos idos, era um dos mais fidalgos anfitriões do interior do Estado. Homem de reconhecida idoneidade moral, valente e “barriga cheia”, como se dizia, isto é, de mesa farta para ele e para quem chegasse até a à sua residência. Nunca quis casar, embora tivesse ficado noivo mais de uma vez e gostasse de mulheres das danças, das festas nordestinas em geral, desde o forró às vaquejadas. Valia a pena participar das festas juninas patrocinadas por “Sêo” Dudu Queiroz, na “Fazenda Juá”, de sua propriedade. Abastado fazendeiro, respeitado e com muito prestígio no Município do Brejo e na região.

Quando Prefeito do Brejo da Madre de Deus, deu demonstração de capacidade e patente honestidade administrativa, sobretudo de tranquilidade política, respeitando os adversários e harmonizando os munícipes.

Transcrevemos aqui, a entrevista publicada:

“PERSONALIDADES DO BREJO

4ª de uma série de entrevista

Por Newton Thaumaturgo.

*A reportagem do Jornal do Comercio, para entrevistar mais uma personalidade do Brejo da Madre de Deus, teve que se deslocar até a “Fazenda Juá”, neste Município, onde reside o cidadão José Batista de Queiroz Sobrinho, mais conhecido por **Dudu Queiroz**. Recebida cordialmente, manteve com o entrevistado o seguinte diálogo:*

P--- Desejamos saber inicialmente onde nasceu, quando, e qual a sua filiação?

R--- Nasci na “Fazenda Juá”, aqui no Brejo da Madre de Deus, no dia 16 de julho de 1898, sendo filho legítimo de Fortunato Batista de Queiroz e Joaquina Teodolina de Queiroz.

P--- Onde estudou o curso primário?

R--- Estudei com a Professora Luiza Leopoldina Lopes, paga pelo meu saudoso pai, para ensinar a mim e meus irmãos.

P--- Como iniciou a sua vida e qual o ramo que tomou?

R--- Iniciei trabalhando no campo juntamente com o meu pai, cuidando do gado e da agricultura, depois negocie em sociedade com Sebastião Campos, no ramo de vender tecidos no varejo, tendo após

a morte do meu pai, voltado à “Fazenda Juá”, onde vivo até hoje (1965, é falecido).

P--- Que cargos chegou a ocupar no Brejo, além do de delegado de Polícia, no tempo do cangaceirismo?

R--- No ano de 1947, fui eleito Prefeito do Município, num pleito renhido e bem disputado, tendo concorrido com dois candidatos fortes que foram Abílio Telmo da Rocha Barros e Benedito de Souza Dantas, ambos falecidos.

P--- O que fez à frente da Prefeitura?

R--- O setor que mais atuei, foi o de abrir novas estradas por todo o Município, sendo principais as com destinos à Santa Cruz do Capibaribe, Tabocas, Mandaçaia, Jataúba, indo até os limites com o Estado da Paraíba. Dotei ainda a cidade do Brejo de um sistema melhor de fornecimento de energia elétrica, tendo para esse fim adquirido um possante grupo eletrogênico. Instalei também um Motor (para fornecimento de energia elétrica) na então Vila de Jataúba. Construí uma “Caçimba Pública” na cidade do Brejo para abastecimento d’água a população. Fiz a muralha que contorna a Co-Matriz de Nossa Senhora do Bom Conselho. Construí o Cemitério existente na Vila de Fazenda Nova, como também o Açougue Público, uma casa para o Município, ainda em Fazenda Nova. Comprei a casa que serve atualmente (1965) de residência oficial do Prefeito, entre outras coisas que me foi possível realizar.

P--- “São” Dudu, na sua gestão como Prefeito Municipal, quais as obras que mais lhe deram prazer?

R--- *A abertura de novas estradas, cortando todo o Município e trazendo mais divisas para o Brejo. Como Prefeito tudo fiz para incrementar o desenvolvimento do Brejo, através do setor rodoviário.*

P--- *No seu modo de ver, quais as obras mais necessárias ao Brejo, no momento?*

R--- *Um Ginásio e uma Maternidade, embora precisem também do Sistema de Abastecimento de Água, e melhores estradas.*

P--- *Quantos irmãos vivos tem o senhor?*

R--- *Tenho 7 (sete) vivos (1965) que são: Petronila, Inez, Eugênia e Maria José, que residem em Recife; Alice que vive no Rio de Janeiro; Adamastor, em Aracaju e Jeferson que mora aqui no Brejo.*

P--- *Finalizando gostaria de saber que diz o senhor a respeito da presente situação nacional, uma vez que o senhor é um homem que militou por vários anos na política partidária?*

R--- *“Em referência à situação do Brasil, presentemente, acho que a nossa salvação foi a Revolução de 31 de Março, pois, sem ela estaríamos no caos. Infelizmente a mesma ainda não chegou a atingir totalmente os maus brasileiros, mas por certo atingirá, uma vez que não parou, mas pelo contrário, revigorou suas forças, com o Ato nº 2.”*

O nosso entrevistado de hoje (1965), sem sombra de dúvida, uma figura proeminente no cenário do Brejo da Madre de Deus naquela época. Homem respeitável e de fato uma personalidade brejense.

Nota do autor: tempos depois, a Revolução de Março que ele elogiou, cassava injustamente o mandato democrático do seu sobrinho, o ex-Senador Wilson de Queiroz Campos.

Capítulo XXXVI

PESSOAS E FATOS

O Brejo da Madre de Deus tem muitas coisas bonitas para se admirar, dadas pela Natureza, a exemplo da Serra da Prata, que quando molhada pelo orvalho ou águas das chuvas, e recebendo a luz solar ou reflexos da luz emanada pela Lua, fica reluzente, brilhando como se de prata fosse realmente. Nesta Serra, formada por enorme pedra, se notam efigies das mais diversas, feitas naturalmente, como uma cruz formada por crosta branca, e ainda uma figura que aparenta a de um bispo com a tiara à cabeça, o que não é difícil de se localizar a olho nu.

Temos ainda o Banho do Escorrego, em cuja bica se tem formidável banho ao ar livre, num contato direto com a natureza em todos os seus aspectos, e totalmente gratuito no passado, não sabemos se agora mudou o sistema, onde se tomava banho acompanhado de um gole de pinga com limão, umbu ou outro tira-gosto qualquer.

Já no topo da ladeira do lugar denominado Sítio Jaracatiá, existe ainda a fusão de um coqueiro com uma gameleira, como que um convite aos homens para que se unam e se respeitem mutuamente, porque “só o amor constrói”.

Palmeiras imperiais balançam as suas folhas altas, enquanto duas delas guarnecem majestaticamente, a igreja de Nossa senhora do Bom Conselho, que é a Co-Matriz do Brejo. Belas igrejas a de São

José e a do Bom Conselho, onde lindas imagens outrora postas nos altares, sensibilizam católicos fervorosos e turistas que vinham ao Brejo.

Sobrados azulejados, de linhas arquitetônicas diversas, dão ainda um aspecto monárquico e belo ao Brejo bicentenário.

As Serras do Ponto, Amaro, Estrago, são outras belezas naturais que encantam as pessoas que se voltar para elas uns instantes nas suas reflexões. A pedra onde se encontra um CRUZEIRO, como símbolo de Fé. O “Pináculo” que existe na Serra do Estrago, também chamada de Boa Vista, onde se descortina belo panorama, às vezes desconhecido da maioria dos brejenses, que nunca quiseram ver as coisas bonitas que o Brejo tem. O Brejo antigo do caudaloso Rio Capibaribe que cortou por muitos anos o território brejense, inclusive nascido na Lagoa do Angu, que em época remota pertencera ao Brejo; dos rios e riachos bonitos, como foram Cabaço, Açudinho, Tabocas, Salobro, Bengala, São Francisco, Cajazeiras, Juá, Veado Podre, Jaracatiá, Riacho do Meio, Jatobá, Cabreiras, Mandacaru, Lagoa do Angu, Bitury, Mulungu, Madre de Deus, Aldeia Velha, Riacho da Serra, Riacho Doce e outros.

Quem não conheceu em Brejo os cacimbões existentes em ruas, praças e muitas casas e que antigamente abasteciam com água o povo da cidade?

Quem não lembra das calçadas que circundavam as casas residenciais e comerciais e que era conhecida por “Bola”, por representar uma circunferência, onde outrora a juventude brejense, à noite, passeava e namorava com tudo o que existia de pureza, respeito e

alegria jovial. Era como uma passarela, onde cada jovem queria se mostrar mais elegante, às seus enamorados que ficavam passeando de braços dados expandido beleza e amor, sob os olhares dos adultos e familiares sentados às calçadas em suas poltronas.

O Brejo da Madre de Deus tradicional desde as suas origens, quando famílias com aspectos e comportamentos nobres se instalaram e viviam tranquilas, mudou muito. As casas comerciais tradicionais diminuíram, a produção agropecuária mirrou, as tradições estão ameaçadas, tem sido vítima de um progresso desordenado, imposto pelo mundo moderno. Quem não recorda da grande produção de goiabas no lugar Tabocas perto da Barra do Farias, onde caminhões e mais caminhões conduziam essa gostosa fruta para fábricas de doces em Pesqueira, Belo Jardim e Olinda, além da enorme quantidade de bananas, que o município exportava?

O Brejo foi um dos maiores produtores de café em grão, algodão, goiaba, banana, pinhas, maracujá, jacas, cana "caiana", mangas, laranjas e hortaliças. O Brejo tinha tudo isto com sobra. Consumia e vendia. Hoje já não é assim, pois, somente a cenoura tem prevalecido sobre as demais culturas, e mesmo assim está ameaçada a sua produção. Solo fértil, clima bom e gente corajosa.

Quem hoje com a terceira idade, no Brejo, não recorda das plantações de videiras (pés de uvas) então pertencente a Elizeu Tabosa, cujas uvas receberam elogios através da imprensa, como idênticas as melhores uvas de Portugal? Quase todos os quintais havia videiras, e Josué de Souza Pinto, conhecido por "Doca de são Ageu", plantou muitas videiras, mas como na época da colheita estranhos começaram a roubar as mesmas durante a noite, tanto as de Doca como as de Elizeu

Tabosa e de outras pessoas, as plantações diminuíram a ponto de não mais existir hoje.

Havia abundância em tudo no Brejo da Madre de Deus, quer, na produção de milho, feijão, coco da região de Mandaçaia e de toda a margem dos rios Tabocas e Capibaribe, além de outros produtos. O movimento comercial era relativamente maior do que o de hoje e a feira livre também, onde se registrava uma boa produção e venda de rapaduras, e existiam várias casas comerciais que vendiam tecidos, uma vez que naquela época não havia fábricas de confecções tipo "Sulanca", ainda chapéus, guarda-chuvas, cereais a grosso e a varejo, panificadoras excelentes, a exemplo da Padaria de "São" Joca Tabosa, que atendia aos clientes com fidalguia, sem discriminação, tendo deixado como herança o respeito e educação primorosa aos seus filhos Pedro, Elizeu, Miguel, Gercino, Irene, Olga e Lia

Quem daquela época, não se recorda dos roletes vendidos no Brejo, feitos com "cana manteiga" e "cana caiana"? Quem não lembra dos pirulitos feitos por "dona Ritinha de Neco Amaral"? Indeléveis recordações dos clubes sociais, como o CLUBE DOS 20, que funcionava no sobradão azulejado da Rua São José, onde hoje funciona o Museu Histórico do Brejo; também do Grêmio Recreativo Brejense, localizado na Rua São José, cuja diretoria era composta por Jussy Amorim, Dulce Pinto, Leonor Falcão, Edson Wanderley, José Marinho, Jurandy Amorim, Julieta Vieira e outros jovens nas décadas de 50/1960. Eram clubes formidáveis, muita organização e respeito, a ponto de não se permitir a participação de pessoas suspeitas ou desconhecidas que não fossem apresentadas sob a responsabilidade de quem indicasse ou solicitasse para participar dos bailes ou qualquer outra festividade social. Depois, infelizmente, as dissensões políticas acabaram com tudo isto.

No setor desportivo, o Brejo contava com o HUMAITÁ FUTEBOL CLUBE, com o UNIÃO ESPORTE CLUBE e ainda o INDEPENDENTE SPORT CLUB, que fundamos depois, com jovens brejenses, no dia 7 de Setembro de 1959. Além de “futebol havia as corridas de cavalos, o chamado ‘PRADO’”, e a vida social era por demais animada.

Os festejos juninos e carnavalescos eram maravilhosos. Tudo isto diminuiu e outros acabaram. Até as “festas das novenas religiosas” não se ouvem falar mais. A festa de Nossa Senhora do Bom Conselho no dia 15 de agosto foi extinta ou quase extinta, pois chegou a ser uma grande festa religiosa e com muita participação e diversões populares. As brincadeiras do SÁBADO DE ALELUIA, onde se destacava o “Sítio do Judas”, com o “Inventário” e a participação de pessoas da sociedade, também já não se pode mais fazer. O progresso tecnológico e as inovações religiosas acabaram com tudo o que era tradição no Brejo. As festas de casamentos na zona rural são diferentes agora. As festas natalinas, com alfinins, “geladas”, gasosas, castanhas confeitadas, pastoril infantil, passeios de ônibus pela cidade, que chamavam naquele tempo de “sopa”, carrosséis, cinema, barracas típicas com comidas saborosas, gengibirra e galinha e perus assados, enquanto nas mesas dos ricos, se bebia “Macieira 5 Estrelas”, comiam-se nozes e castanhas portuguesas. Muitas bolas de sopro coloridas, e alguns rapazes com presepedas colocando colchetes (alfinetes) nas saias das matutas, ligando-as, sem as mesmas notarem de imediato, pois ficavam juntas tanto nos atos religiosos públicos, como nos pastoris ou apresentações de Bandas de Músicas como eram chamadas, onde os músicos fardados eram confundidos com soldados da Polícia Militar, o que amedrontava alguns matutos menos avisados. Isto tudo era antigamente, hoje não poderia ser do mesmo jeito. Só que ontem isto era com muita alegria e paz, não havia tanta violência como ocorre nos tempos modernos de hoje.

A passagem do ANO NOVO era autêntica confraternização, hoje, já se tem receio de apagar-se as lâmpadas na hora da passagem de anos, com medo que alguém cause terror ou vinganças, aproveitando-se do escuro. A violência está imperando no Mundo chamado Moderno.

O Brejo da Madre de Deus, repositório de tantas tradições, está diferente de há trinta ou quarenta anos atrás, e diferente em muitos setores, para pior.

Urge, portanto, que pessoas abnegadas procurem proteger alguma coisa que ainda existe de belo e tradicional, para que daqui a dez anos apenas, não se registre a triste e inaceitável história que morreu por omissão, que não se sabe ao certo como determinados fatos aconteceram. Morrem os fatos e as pessoas que deram tudo no passado para a grandeza de sua terra. Um povo sem memória é um povo sem história. Está fadado ao fracasso. Não tem do que se orgulhar.

Não faz muitos anos e quase todas as noites o povo brejense em grande parte, se divertia comparecendo aos cinemas, num tempo que é certo, que não havia televisão, mas ainda hoje existem cinemas nos maiores centros do Brasil, e do Mundo. No Brejo acabaram com o Cine Carlos Gomes, antigo, que no início projetava filmes mudos, com o trombonista Maru tocando nas suas dependências, antes do horário de início da projeção do filme da semana que era acompanhado por uma outra pessoa que tocava violão. No interior do Cine Carlos Gomes existiam telas pintadas á óleo nas paredes, e continha propaganda comercial da Pharmácia Porto (com Ph), obra do pintor Xavier, que autografava

va as telas pintando uma chave e complementando com ER. Uma cabeça de um leão com enorme juba e com a boca aberta, mostrava por onde saia a projeção. Tudo começava às 5 horas da tarde, isto depois de três avisos dados através de uma enorme campainha elétrica, que inclusive interferia nos poucos rádios da cidade, que eram da marca Piloto, com olho mágico (Phillips holandês). Anos depois, Mário Falcão introduziu vários melhoramentos no Cinema Carlos Gomes, que adquiriu. Substituiu cadeiras velhas por novas poltronas e instalou um motor elétrico próprio, uma vez que o Motor Público da Prefeitura vinha se quebrando constantemente. Fez ainda Mário Falcão, funcionar no Cine um potente e bem organizado serviço de som externo, onde se ouviam sucessos musicais do momento. O recinto do Cine Carlos Gomes no tempo de Mário Falcão também serviu para reuniões oficiais, shows artísticos diversos. Depois, o Dr. Hildebrando Marques, dentista, casado com uma filha do Brejo, dona Nina Wanderley, filha do casal Silva/Liça Wanderley como eram conhecidos, foi escolhido para a presidência da tradicional festa anual do Padroeiro do Brejo, São José, que se realiza ainda hoje, no dia 19 de março, dia consagrado pela Igreja Católica ao mesmo Santo. E par angariar fundos financeiros, instalou no prédio onde funcionava O Grêmio Recreativo, na Rua São José, um outro Cinema, que tomou o nome de Cine São José, Como não havia poltronas no salão, foram colocados vários bancos de madeiras, sem encostos, podendo sentar-se em cada um, até seis pessoas. O primeiro filme nacional projetado no Brejo da Madre de Deus foi nesse cinema, e era com Oscarito, não sei o quê"... dos Marujos", era o nome do filme que não recordo. Foi aí que a concorrência com o Cine Carlos Gomes "pegou fogo", pois cada qual que quisesse apresentar películas de maior agrado do público.

Passaram a projetar filmes e seriados dos melhores e com motivações diversas: filmes de bang-bang, de Tarzan, bíblicos, etc. e davam prêmios que eram sorteados aos espectadores.

No Cine São José, do Dr. Hildebrando, quando o filme não agradava, os jovens da época derrubavam os bancos na saída, bastando empurrar um banco que como pedras de dominó em pé e juntas, começavam derrubando todos, sendo preciso que o Dr. Hildebrando mandasse colocar e pregar taliscas de madeira ligando um ao outro.

Hoje, essas casas de diversões já não existem, e nem outras foram instaladas nesse sentido, com exceção de casas para danças e apresentações de artistas-cantores contratados.

As noites no Brejo eram animadas e quando não havia projeções cinematográficas, que ocorriam nas quartas e quintas-feiras, e nos sábados e domingos, as famílias iam até o Salão Paroquial onde o Cônego Duarte promovia bingos, show's e apresentações de suas bonitas mágicas.

A Difusora Paroquial que o Cônego Duarte instalou, distribuía centenas e centenas de prêmios interessantes e ao vivo, aos acertadores de charadas novíssimas e charadas chamadas casais, além de "adivinhações", que eram feitas pelo Serviço de Som em referência, bem como nos aniversários das pessoas que eram sócios da Difusora Paroquial São José, que possuíam até a carteirinha de sócio.

Programas instrutivos, programas de calouros, aprendiam-se muito com o Cônego Duarte. A Difusora Paroquial era apolítica. Divulgava notas de casamentos, de objetos perdidos, aniversários, notas fúnebres e qualquer anúncio que fosse de caráter político partidário e tudo era reverti-

do em favor das crianças pobres em número de oitenta, que estudavam na Escola Paroquial, que foi uma das melhores escolas primárias que o Brejo havia tido, tendo inclusive ganho em primeiro lugar numa apresentação cívica na cidade de Pesqueira, num desfile comemorativo da Independência do Brasil (7 de Setembro), tanto pela disciplina, como pela maneira garbosa com que desfilara. Depois de alguns anos com a saída do Cônego Duarte do Brejo, tudo acabou. Foi uma pena.

As campanhas políticas no Brejo eram divertidas. Havia dois blocos distintos, a ala dos "GATOS" e a dos "RATOS". A primeira integrada pelo então candidato a Prefeito José Inácio da Silva, cuja origem é de uma família com cognomes de animais carnívoros e aves, como sejam: "gatos", "maracajás", "bem-te-vis", etc.; do outro lado o segundo grupo político, sob a liderança de Abílio Telmo, da UDN, replicando o primeiro, por haver adotado um estandarte para a campanha eleitoral, onde se notava a figura um grande gato, resolveu adotar um rato grande com um gato à boca, e foi aí que o "caldeirão" político esquentou e ferveu. Ferveu tanto a situação política do Brejo nessa época, que culminou com um tiroteio entre partidário do "Gato", que estava ajudando o candidato José Inácio da Silva, conhecido e chamado por "Zé Gato" naquele tempo, o estudante José Lívio Tenório, de tradicional família brejense e radicada no Município de Barreiros, com elementos do Destacamento de Polícia local, sob o comando do Sargento Macário, que era o Delegado de Polícia do Brejo da Madre de Deus, tendo saído um soldado alto e forte, chamado Amaro, com um tiro na coxa, dado por José Lívio, que se encontrava no Brejo para ajudar José Inácio na campanha para Prefeito. Após Lívio haver atingido o policial militar, momentos antes o esbofeteara, foi cercado por outros soldados com quem trocou tiros e amparando-se numa palmeira (tamareira) que havia na Praça onde o

tiroteio ocorria, mesmo sem mais munição, falou para os soldados que não se entregava ao Delegado e quem se aproximasse levava tiros. Foi quando o alguém em desabalada carreira entrara de igreja a dentro e chamava o Dr. José Nery de Souza, Juiz de Direito da Comarca, que estava rezando e era justamente na hora da “Bênção do Santíssimo”, porém Dr. Nery não relutou e logo que o Padre baixou a custódia, correu até onde Lívio estava cercado pelos soldados, já a aquela esta altura sob a mira de fuzis, e salvou a vida de Lívio, dando-lhe total garantia, e responsabilizando o Delegado pela integridade física do mesmo.

Foi preso e autuado em flagrante, por haver resistido a prisão e ter baleado um soldado no “estrito cumprimento do dever”. Tudo começou porque a Polícia não havia permitido que os partidários de José Inácio, (“Zé Gato” na época), fizesse uma das “passeatas”. Lívio ficou quinze dias preso, na Cadeia do Brejo da Madre de Deus e o então candidato a Governador João Cleofas de Oliveira, patrocinou as despesas com a sua liberdade, gastando com advogados, fianças, médico e remédios para o tratamento do soldado e viagens, 18 mil cruzeiros, ou 18 contos de réis, como diziam.

Meses depois de solto, Lívio voltou ao Brejo vestindo a farda do Exército, na qualidade de Aspirante (CPOR), com correspondência a Oficial, e os soldados quando passavam por ele prestavam continência, o que fazia com que os partidários de José Inácio fizessem os mais elogiosos comentários, dizendo: “prendam ele agora, prendam!” Lívio Tenório, anos depois foi eleito Prefeito por duas vezes do seu Município, Barreiros.

JOSÉ LUCENA DE MENDONÇA

Durante a campanha municipal quando Zé Inácio foi candidato a Prefeito do Brejo , o então Professor José Lucena Mendonça, filho do Sr. Epaminondas Mendonça (de Fazenda Nova), mandou imprimir folhetos com versos por ele mesmo preparados, cuja tema final de cada estrofe era o mote:

*“ O rico vota no rico,
O pobre vota em Zé Gato.”*

Foi esta a mais positiva propaganda em favor do então candidato do PRP (Partido de Representação Popular), que graças ao Sr. Deolindo Saraiva, então Escrivão da Coletoria Estadual, no tempo em que o Coletor Estadual era o Sr. Erasmo Lira, formou para dar legenda ao seu amigo José Inácio. Saraiva como era conhecido era um sertanejo resolutivo de Exu, e pertencia as famílias Sampaio e Alencar.

HISBELO CAMPOS: “NÃO SAIO.”

Certa vez num dia de eleição majoritária e proporcional para o Estado de Pernambuco, isto no ano de 1954, o jornalista Hisbello de Queiroz Campos, irmão que foi do ex-Senador e ex-Deputado Federal Wilson de Queiroz Campos, falecido há poucos anos atrás, era candidato à deputação estadual e por perseguição política seus adversários mandaram apreender o seu automóvel que estava no centro da cidade do Brejo da Madre de Deus onde o mesmo Hisbello se encontrava.

No ato da pretendida apreensão Hisbelo Campos protestou veementemente e não aceitou aquela coação descabida. Ponderou para o Fiscal de Trânsito que disse não abrir mão, e que ia recolher o carro à Delegacia de Polícia local a qualquer preço. Foi aí que Hisbelo Campos entrou no carro e falou para o Guarda de Trânsito que estava sendo instrumento de politiqueiros, dizendo:

“Pode fazer o que quiser, mas eu não sairei de dentro do carro e lhe responsabilizarei pelo que acontecer com a minha votação, pois sou candidato a Deputado e você está me prejudicando. Diga a esse filha da puta que mandou apreender meu carro, que eu depois anularei a eleição do Brejo.”

O Juiz da Comarca que era também o Eleitoral, tomando conhecimento dessa situação, rumou até o lugar da ocorrência, mandou a Força Federal que se encontrava requisitada dando segurança ao pleito nos Municípios pernambucanos, recolher o Guarda de Trânsito e deu total apoio a Hisbelo Campos, que infelizmente o Brejo da Madre de Deus não teve a sorte de tê-lo Deputado. Hisbelo ainda jovem e cheio de vida, foi acometido de doença que lhe roubou a vida prematuramente. Era inteligente, culto, atuante, combativo e corajoso. Poucos brejenses amaram tanto a sua terra. Denunciava os inimigos do Brejo através de publicações de artigos que escrevia nos jornais da Capital, sob o título “BILHETE AO BREJO”.

Era semelhante a Chico Manoel quando escrevia as coisas erradas praticadas por potentados ou adversários dele, quando era Presidente do Partido Social Democrático-PSD, no Brejo.

No jornal *CIDADE DO RECIFE*, edição de segunda-feira, 26 de abril de 1954, escreveu Hisbelo:

“BILHETE AO BREJO”

Estamos de novo na luta. De nada adiantamos velhos processos da ditadura. A imprensa é livre e ninguém é escravo. Por isto estamos de volta.

Quatro assuntos tocam de perto a nossa terra, tão decantada por nós que a amamos e tão negada por cafajestes que aí só aparecem para pedir votos. Às vezes nem dão as caras; mandam prepostos de fora para fazerem força por eles. Ou, então, pagam com empregos a um e outro para que lhes sobrem alguns votos nas eleições. Mas esses empregos, dados a dois e três cabos eleitorais, certamente não garantirão, na minha terra, a certos candidatozinhos, a honra de uma centena de votos. O povo do Brejo da Madre de Deus está alerta e os embrulhões da marca de Elpídio Tabosa tomem tento. A coisa mudou, mudou tarde, mas já mudou...”

E continua Hisbelo no seu “Bilhete ao Brejo”:

“ É interessante ver-se a falta de compostura de certos representantes do povo. Que patriotismo ou que bairrismo poderá falar alto nos corações desses energúmenos e descarados estranhos quando apresentam na A.L.E. projetos para raptarem do Brejo da Madre de Deus mais terras do que lhe roubaram?

Jataúba, Fazenda Nova, Mandaçaia, São Domingos poderão, daqui a poucos anos, tornarem-se independentes, constituírem-se em Municípios

sem a interferência desses páraquedistas ou dos maus filhos da nossa terra, que negam o seu berço.

Onde nasceram Fábio Corrêa, Tabosa de Almeida, Emídio Cavalcanti, Elpidio Branco, Miguel Mendonça?

No Brejo da Madre de Deus? Mentira.

São estranhos à nossa terra, aos nossos sofrimentos, à nossa desgraça, às nossas crises, ao nosso regresso.

Quando disse, na residência do chefe político da UDN--- Abílio Telmo da Rocha Barros--- na presença do jornalista Paulo Mattos e do ilustre médico Dr. José Carlos Santana, que a minha terra estava regredindo, tinha razões sobradas. Terra sem estradas, sem pequenas indústrias, sem um metro quadrado de calçamento, sem uma ponte na entrada da cidade para quem vai de Fazenda à sede da Comarca; terra sem destino certo, com um Grupo Escolar, novinho em folha, mas sem poder funcionar por falta de tudo, servindo, a atual e miseravelmente, para caça de alguns votos em favor de um candidato que nunca conseguiu eleger-se, apesar de ser o Chico Pança de tantas batalhas eleitorais... ”

E continua Hisbelo:

“Na ocasião necessária, preenchidas as exigências da Lei, Jataúba e Fazenda Nova deixarão de pertencer àquela velha cidade, que é mãe de Garanhuns, Belo Jardim e de muitas outras cidades, inclusive da Comarca de São Francisco, que nos foi tomada pela Bahia

(vejam o artigo de José do Patrocínio--- *Jornal do Commercio* de 16.4.54--- pág. 9--- “Bilhete do Interior”).

Diz bem Zé do Patrocínio: que dei ao Brejo tudo que podia um homem dar pela sua terra. Mas o Zé vive dando mais do que eu: a inteligência e o seu esforço pela terra que também é sua.

Quanto à estrada, levo ao conhecimento do meu amigo e confrade: nada foi ainda conseguido. As promessas de Pontes Vieira não foram cumpridas totalmente, mas GEMINIANO CAMPOS e ALÍPIO MAGALHÃES vão dar uma cutucadela na memória do caruaruense que também quer tirar “sua lasquinha” no nossa Brejo...

Ô gente descarada, heim, Zé?

E finaliza dizendo:

Outro assunto é sobre a produção agrícola da minha terra.

O feijão está a dois mil réis, o milho é quase de graça, mas os rios não deixam chegar ao Brejo a não ser urubus. Urubus-aves e urubus-candidatos à caça de votos. Urubus candidatos, que de tão peitudos nessas eras ansiosas etc., atravessam os rios com água na boca...

Podem babarem-se, mas do Brejo está de porteirinha fechada com seu Dudu e o major Abílio.

Quem quiser informações sobre tudo isto, consulte José do Patrocínio e Paulo Mattos. Até pra semana.”

Assim, Hisbello Campos se dirigia ao povo do Brejo, sua terra adorada, que não soube atender aos seus reclamos políticos, que redundariam em benefício da própria Brejo da Madre de Deus.

Tudo isto, são registros curiosos e históricos do Brejo, a exemplo do que publicou o DIÁRIO DE PERNAMBUCO há um Século passado, sobre uma chuvarada enorme que se deu no Brejo, pelo que transcrevemos para conhecimento histórico do Brejo:

*“Diário de Pernambuco – Anno LIV- Nº 48-
Quarta-feira, 27 de fevereiro de 1878
Revista diária.*

CONTEMPLANDO PERSONALIDADES BREJENSES - GERAÇÕES



Capitão Frederico Cordeiro de Mello, integrante da famosa Guarda Nacional em Brejo da Madre de Deus. Descendente do fundador do Brejo, o português André Cordeiro. Residiu no lugar “Teixeira” deste Município, onde era proprietário. Homem inteligente, honesto, e amigo. Pai de Maia, Mila e Enoch Cordeiro de Mello. Foi influente no cenário político e social do Brejo.



Vista do Brejo antigo



São José, Padroeiro do Brejo da Madre de Deus



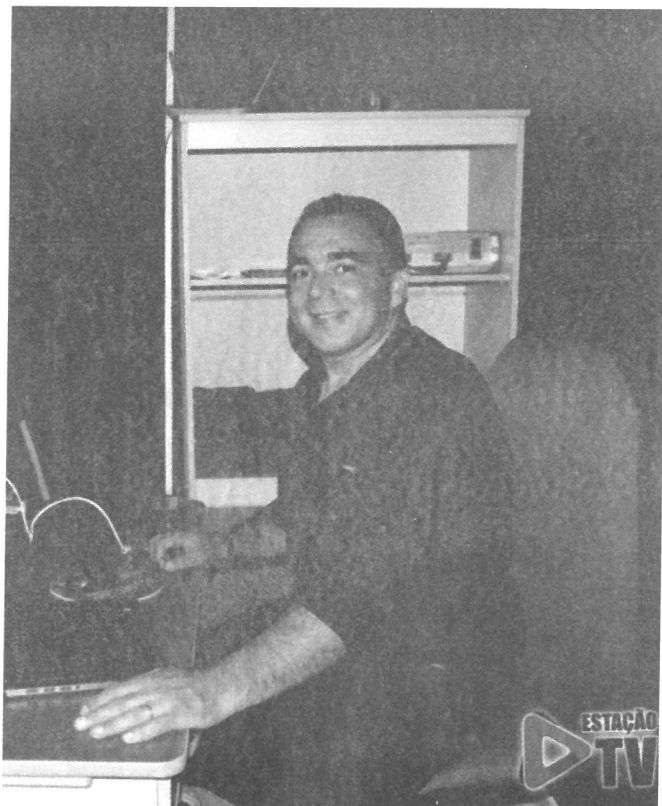
Hilmary Tavares Pinto Medeiros, grande Brejense, professora e bióloga, dona de um coração humanista. Filha de importantes brejenses já falecidos, Josué de Sousa Pinto (Doca), que foi empresário e Técnico-Veterinário e de Dona Candinha Tavares Pinto, funcionária pública de muitos serviços prestados ao povo e a Prefeitura do Brejo da Madre de Deus.



Professora Maria da Solidade de Menezes Cordeiro

Brejense, nascida em 10 de agosto de 1958, filha de Maria José de Menezes (Déo) e de Ismael Hypólito Cordeiro de Melo (Maia). Pedagoga de formação e Mestre em Ciências da Educação. Coursou Pedagogia na Faculdade de Filosofia de Caruaru – FAFICA. Fez especialização na Universidade São Gonçalo – RJ e Mestrado em Asunción – PY pela Universidade Americana. Atua como formadora, palestrante, consultora

e técnica educacional em Consultorias da Capital. Desenvolveu sua vida profissional como professora do Ensino Fundamental, de Magistério (Curso Normal Médio), nos Cursos Latu Sensu na Universidade Joaquim Nabuco – Recife, Educadora de Apoio, Supervisora Escolar, Presidente de Conselho Escolar e Presidente do Conselho Municipal de Educação do Jaboatão dos Guararapes. Com publicações de artigos educacionais em periódicos, também atua como orientadora e revisora de trabalhos acadêmicos. Atualmente está na Secretária Executiva da Rede Primeira Infância de Pernambuco – REPI/PE e aposentada nas redes públicas, estadual e municipal. Mãe de Deonilsa Suellen Menezes Cintra e Lavoisier Maia Menezes Cintra. Sua trajetória profissional permeia com a Educação Continuada pelo Nordeste, especialmente na maioria dos municípios pernambucanos. Tem orgulho de suas raízes, de sua família, da sua religiosidade e da cultura brejense. Tem o respeito e a admiração do autor deste.



Jovem Jornalista, **Atahanderson Mesquita**, fundador do Blog Estação de Notícias e da Estação TV para internautas, responsável por este veículo de comunicação, que de forma isenta e imparcial a qualquer tipo de religião ou ideologia, divulga e une para os brejenses aqui no Brasil e no mundo, notícias e fatos do Brejo da Madre de Deus e de Cidades adjacentes. Tem relevantes serviços prestados à comunidade brejense.

Homenagem do colega de jornalismo, autor deste, Newton Thaumaturgo e do Advogado e Empresário Ademilson de Menezes Cordeiro.



Ismael Cordeiro de Mello, (Maia) e Maria José de Menezes Cordeiro, (Déo), de cujo nasceram: Ademilson, Adeílson, Maria da Solidade, Adilson, Ismael, Benildes e Rubem Cesar. Foram 30 anos de uma convivência marital com respeito e amor. Deixaram saudades e amigos.

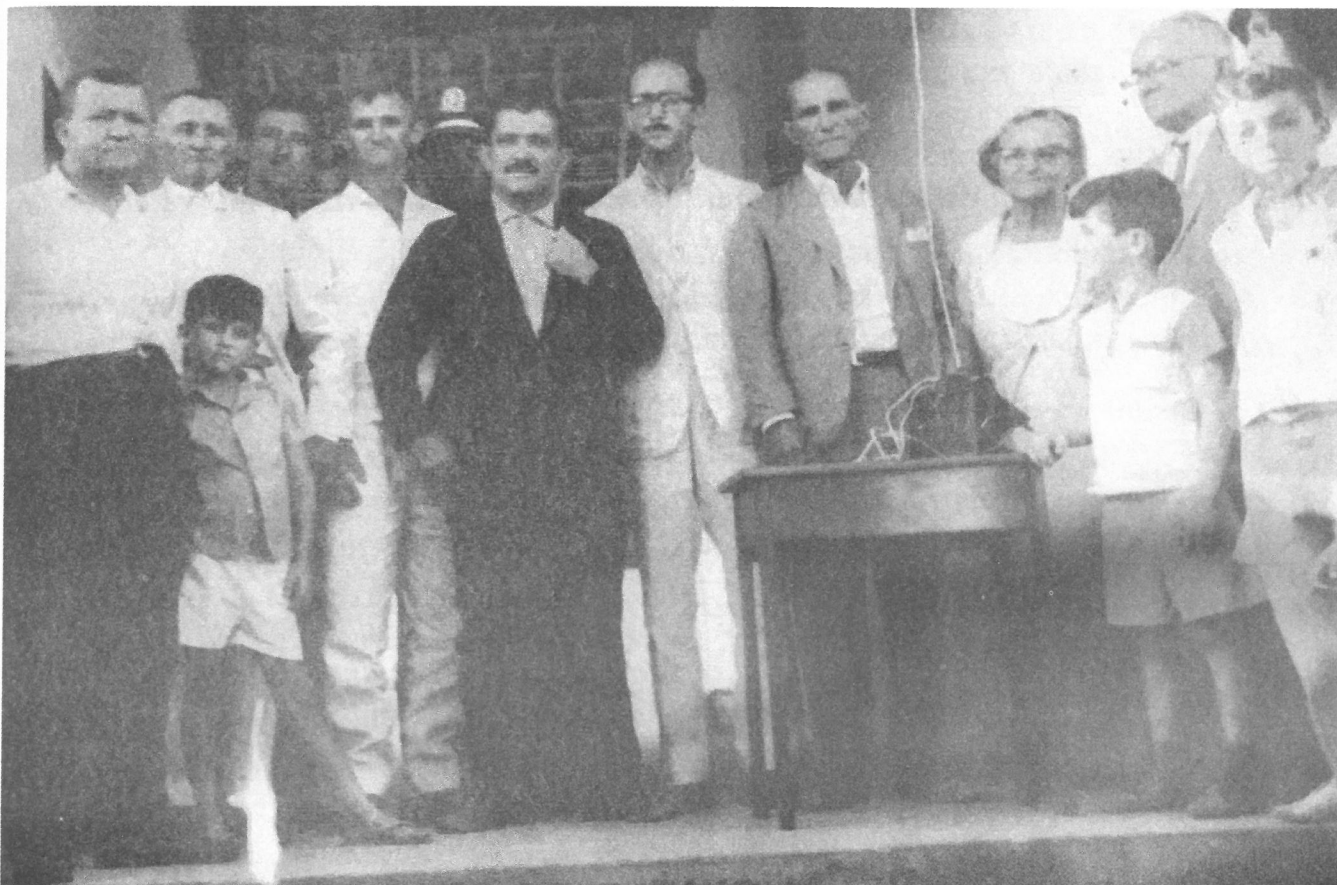


Foto de Ismael Cordeiro de Mello, **Maia**, onde se vê uma pequena mesa a sua frente, ladeado da esquerda para a direita pelo Professor José Lucena, Manoel Quincas, Heleno Albuquerque, José Marinho, Cabo Ramiro, Ex-Deputado Paulo Mendonça, Mário Falcão e ainda pelo casal Sebastiana e Epaminondas Mendonça, além de algumas crianças e jovens dessas famílias.

Brejo da Madre de Deus--- Escrevem-nos dessa Villa, esta missiva:

“Hontem á tarde tivemos uma grande chuva na villa, que se estendeu á alguns lugares visinhos; uma das melhores que tem havido há alguns annos. Muitas casas tomaram água a ponto de entrar pelas portas posteriores e sair pelas da frente, arrastando móveis, etc. E se não tivesse havido cuidado com as crianças, talvez houvessem perecido algumas.

A população vai mais animada; já se planta; porém o grande número de retirantes ainda aqui se conserva. A commissão diz que não tem mais o que dar, de modo que os particulares vêem-se diariamente cercados delles.

Porque razão não se manda executar a obra da Cadeia, para que já uma lei votou o necessário crédito? É indispensável essa obra, que consiste em calçada de volta do edificio, na qual as sentinellas passeiam para bem observar os presos.

Fizeram-se aqui umas pequenas estradas, sem valor algum e deixaram a Cadeia, que reclama semelhante melhoramento.

Sábado, os presos, aproveitando o momento da feira, praticavam um arrombamento, quando foram casualmente pressentidos, evitando-se a sua evasão.”

Vemos desta forma, as ocorrências históricas e interessantes que achamos por bem registrar em nosso livro sobre o Brejo da Madre de Deus; este Brejo, repleto de coisas bonitas, vividas e contadas, nas mais diversas narrações.

Pessoas que foram devotadas ao engrandecimento do Brejo nos campos de atividades diversificadas, do vendedor de água, carvoeiro, políti-

co, médico, professor, funcionário, motorista, enfim, em qualquer ramo de atividade profissional.

CONTEMPORÂNEAS

Resolvemos registrar nomes de pessoas diversas, que por qualquer razão de atividade, fizeram ou ainda fazem parte da sociedade brejense, muitos com relevantes serviços prestados ao Município, outros que se destacaram pela simplicidade, pela popularidade, pelo comportamento incomum, enfim, por motivos dos mais diversos, mas que deixaram lembranças boas.

Quem dos mais idosos, não conheceu ou não se recorda da pessoa de um Abílio Telmo da Rocha Barros, de um Benedito de Souza Dantas, do Dr. José Carlos de Santana, o Médico e o político; de Sr. França Araújo, o dono de Engenho de Rapadura, de produtor de café e político que foi; do Mestre Rafael e de José Nanã, Professores primários na zona rural do Brejo e o último também agrimensor; de José Cupertino de Souza, conhecido por José Candu, que foi por muitos anos Vereador no Brejo e com reduto eleitoral em Mandaçaia onde residia; do Sr. Epaminondas Mendonça e do Sr. João Bernardo Torres, ambos líderes políticos em Fazenda Nova, o primeiro do PSD e o segundo da UDN, ambas pessoas queridas nessa comunidade; de Inácio Viterbo de Araújo, político residente em Passagem do To, que pertencia ao Brejo e hoje é de Jataúba, Inácio Viterbo foi Vereador por diversas vezes; “Bichinho” assim chamado carinhosamente, cujo nome era José Lopes de Siqueira, que como político, para defender os perseguidos, foi vítima de um tresloucado policial militar que ceifou a sua vida de maneira covarde em Jataúba; “Corujinha”, lá do Jacu, Povoado hoje de Jataúba, que além de po-

lítico, foi também Vereador, mas era excelente fogueteiro; José Higino de Souza, farmacêutico dos mais antigos com muitos serviços prestados á comunidade jataubense, e que como político foi Vereador e candidatos a diversos outros cargos, homem educado e atencioso para com todos; Sr. Bijoga como era conhecido, boiadeiro, fazendeiro, pai de grande prole, residente em Jataúba onde tinha fazenda de gado, era muito respeitado e querido; Gustavo Marinho Falcão, comerciante e Prefeito mais de uma vez do Brejo da Madre de Deus, sendo um homem fidalgo e pai de numerosa prole; e Joaquim Herculano do Amorim, fazendeiro e morador no Brejo, pessoa educada e de boa conduta, morador no Brejo; João Pereira Tabosa, Sr. Joça Tabosa, comerciante e uma pessoa honesta a toda prova, além de muito educado para com todas as pessoas; Napoleão e Sebastião Nogueira, irmãos, paraibanos, comerciantes no Brejo, o primeiro de tecidos e o segundo miudezas, o primeiro chegou a ser Prefeito por 11 meses no Brejo, e foi na sua Administração que o Brejo teve o primeiro serviço de calçamento, o da Rua São José; Sr. Miguel Cordeiro, chamado de Sr. Minú, proprietário no Brejo e dono de uma “Banco de jogo do bicho”; Onofre de Barros Velho, dono de hospedaria e um homem bom; Cícero Velho, pessoa trabalhadora, atenciosa para com todos, bom pai e bom esposo; Alípio Magalhães, chamado “Sinhozinho”, farmacêutico famoso, que na mocidade exerceu o cargo de Prefeito do Brejo; Sr. Tôta, que tinha propriedade em Cacimba de Pedro onde residia, de tradicional família brejense; Sr. Tôta, proprietário no lugar “Estrago” adjacente à cidade do Brejo, onde tinha engenho de rapadura, depois teve carrossel e casa de jogo de azar, era um homem bom; Teodoro do Amaral, Sr. Dóro, proprietário e homem inteligente, educado e elevado espírito filantrópico; “Bem” e Dudu Amaral, excelentes pessoas; Srs. Roberto e Marcos Tavares, proprietários e políticos, senhores respeitáveis em todos os setores do Brejo; Jéferson Quei-

roz, o popular *Fercinho*, pessoa amiga, irmão do ex-Prefeito do Brejo *Dudu Queiroz*, mesmo sendo uma pessoa simples no contexto social do Brejo, era um homem bom e amigo; *Dudu Queiroz*, fazendeiro, político e festeiro, as festas juninas na sua "Fazenda Juá" era das melhores do Brejo; *Wilson*, *Hisbelo* e *José de Queiroz Campos*, foram pessoas cultas, inteligentes e importantes no cenário estadual e nacional, tendo o primeiro exercido mandatos eletivos de Senador e Deputado Federal e Estadual; *José Cafinfa*, cambista de jogo de bicho, era baixinho, morava na Rua São José e era uma pessoa boa; *Cosminho*, o Coveiro, trabalhador e honesto; *Neco Cabecinha*, de família tradicional do Brejo, descendente do fundador, sofria de desequilíbrio mental, inofensivo, com a mania de ser militar com patente elevada, andava fardado com insígnias no peito e gostava de visitar os enfermos e ficar ao lado do doente considerado terminal onde muita gente não o deixava entrar na casa do doente, pois tinha-o como um agouro; *Pipiu*, lá do Sítio Amaro, que vendia carvão vegetal e tomava muita aguardente e que morreu atropelado por um veículo motorizado; *Sr. Sebastião André*, com o seu vozeirão, residente em Passagem do Tó, político, Guarda Arrecadador do Estado, pessoa decente e respeitador; *Pedro Doca* lá de Jataúba, comerciante no ramos de aves e ovos que levava em garajás para vender no Recife a comprador certo, era um homem bom; *Sr. Severino Miguel*, também de Jataúba, era comerciante, foi político e exerceu mandatos eletivo de Vereador e Prefeito de Jataúba, sendo muito respeitado por todos que o conhecia; ainda de Jataúba: os músicos *Tanga* e *Zi*, *José de Amara*, *Horácio* vaqueiro de grandes vaquejadas, *dona Maria* matriarca de família *Siqueira*: *Bichinho*, *Zezinho*, *Biu*, *Augusto* e *Quiterinha* e outros, salve engano, que não recordamos; *Pai Nem* em Brejo, comerciante, bonachão alegre e pessoa da melhor qualidade, e seus irmãos *Minança* e *Ginú*, donos da bodega que intitularam de "Fogosa", no Brejo, onde inici-

aram suas atividades comerciais; José Tavares de Melo, comerciante, filho de Sr. Caboclo lá do Estrago; os irmãos Joel, Artur e Ananias Campos, filhos de Agnelo Campos que é nome de Rua central no Brejo, e eles pessoas de família tradicional e pessoas respeitadas por toda sociedade brejense, bons brejenses; Erasmo Campos, o Gordo, comerciante, músico e uma criatura alegre e maravilhosa; Sr. Neco Tavares como era chamado, comerciante, proprietário rural, tendo exercido vários cargos ; Sr. Batista, comerciante e vidraceiro no Brejo, colocava molduras em estampas (imagens impressas) de Santos da Igreja Católica, morava em Laranjeiras e era originário do Sítio Amaro, do Brejo, sendo uma pessoa religiosa e ardoroso Legionário de São José do Brejo que no passado foi “Camisa Verde”, integralista do Partido de Plínio Salgado; Dr Jocelino Caldas, Médico competente e educado por excelência, uma pessoa digna em todos os sentidos; as irmãs Penha, Maria, Joana e Ana, que moravam em “Laranjeiras” na cidade do Brejo e eram proprietárias rurais e muito religiosas; dona Cordeira e Dionízio, antiga professora, mãe de Maria Adalcina e avó de Lucy e Jacy Costa; Acilino, limpador de fossas no Brejo, e tocador de pratos na Banda Musical no Brejo, hilariante nas suas conversas, e fazia todo mundo rir quando “cantava” o Hino Nacional em “engrês” como ele dizia; Enoch, Mila e Maia Cordeiro, filhos do Capitão da Guarda Nacional Frederico Cordeiro, lá do Sítio Teixeira, no Brejo; Dudu Aguiar, esposo da famosa professora dona Glorinha, que era mãe de Daniel, Amadeu, Célia e Mércia; José Cirilo de Albuquerque, Expedicionário da FEB na Itália na 2ª Guerra Mundial, casado com dona Dos’Anjos, foi Vereador no Brejo; Sr. Manoel Sebastião dos Santos, conhecido por “Manoel Maracajá”, comerciante e com participação nos assuntos políticos do Brejo, foi também Integralista, partidário de Plínio Salgado, sendo pai de Agnelo, Bento, Dos anjos de Julieta e Iracema; José Teodomiro Marinho,

Inspetor e professor primário municipal, político atuante, tendo sido Vereador pelo Brejo; Luiz Dantas, violonista, compositor, culto, Gerente da então Cooperativa de Crédito do Brejo, depois dona da Farmácia Nossa Senhora de Fátima, que adquiriu por compra a Alípio Magalhães, Sinhozinho, que era a Farmácia Porto pioneira no Brejo, tendo mudado o nome por ter obtido a graça pedida de melhora na visão, uma vez que era ateu e alcançando se converteu ao catolicismo; Sr. João Araújo, conhecido popularmente por João Nica, Guarda Arrecadador do Estado e proprietário rural no Brejo; quem não lembra de Raimundo Amaral, chamado por "Gato Preto", gostava de jogos de qualquer modalidade, tinha boas relações de amizade, animava os carnavais do Brejo e era alegre e brincalhão; quem idoso não recorda do Sr. Cícero Cajarana, que mesmo na velhice não cansou de trabalhar, sem aposentadoria naquela época, carregava sobre os ombros em um "galão" duas latas de água que vendia ao povo que solicitava, uma vez que não havia abastecimento d'água no Brejo naquele tempo; quem mais velho não lembra das irmãs dona Lourdes e dona Cezar da Miudeza; de Dr. Rui Uchoa Cavalcanti na época recém formado vindo de Belo Jardim clinicar no Brejo e ajudar muita gente, notadamente os pobres; de Sr. Ageu Gonçalves, esposo de dona Júlia, meus sogros, marchante e comerciante no Brejo; de Pedro Aleixo de Souza, comerciante, que gostava de jogar bilhar e sinuca, mas que foi um homem de visão no desenvolvimento comercial do Brejo; de Izaias Gonçalves, funcionário do IBGE no Brejo, com a sua espiritualidade no falar e contar histórias; do Sr. José Binga, pai de Izaias e outros, que sendo quase analfabeto, participava ativamente das decisões políticas do Brejo, apoiando candidatos à cargos eletivos; do Sr. Amaro Gonçalves, que trabalhava na Loja de Tecidos do Sr. Zizi; Sr. "Dô", irmão de Zé Binga e Amaro; Artur Leonel de Castro, comerciante e proprietário de caminhão naquela época e bem

sucedido na vida; José Ferreira de Lima, conhecido por "Ceçar", homem trabalhador e o representante do Patrimônio de São José no Brejo, de numerosa prole, exemplar chefe de família e além de honesto era uma pessoa bondosa; Aníbal Barros, comerciante, inteligente e que sempre está atualizado com os acontecimentos nacionais, ler bastante, pessoa de visão e amiga, foi candidato à Prefeito do Brejo, mesmo sem obter sucesso, não guardou ressentimentos de ninguém, é irmão de Vazinho, José Atiça, Terezinha, Maria José e Pierine, (as duas últimas falecidas); de Rutênio, filho de Amauri de Barros Correia, o Amauri da Farmácia; Jáson Velho, pai de Zé do Gás, assim conhecido, e de Maria, Helena e outros, salve engano; Abel Carneiro, o Abel do Posto de Monta, pessoa boa e comunicativa; Gilvan Cavalcanti de Oliveira, ex-Prefeito do Brejo, meu compadre e pessoa honesta e amiga; Abdon Sales, lá de São Bento do Una, era casado com a brejense Ester Tavares, foi Fiscal Geral da Prefeitura do Brejo e dono de Hospedaria com a mulher; Valentim Tavares e sua esposa dona Doninha, pessoas boas; José Valentim, Manoel, Zezito, Galego, Antônio, Edna e Floriza, são filhos do casal Valentim/Doninha, boas pessoas; José Avelino, Raimundo de "São" Avelino; Sr. Pedro Vicente e dona Terezinha; Rita e Dandão de "São" Ageu; professora Laurita Régis Correia e sua irmã professora Cleonice Régis, prestaram inestimáveis serviços culturais e educacionais ao Brejo; Lôzinha Falcão (Leonor), além de professora por excelência, foi uma grande dançarina ("pé de ouro") e uma das moças mais animadas na realização de eventos sociais diversos no Brejo, pessoa do melhor quilate; Nelson Falcão, bom alfaiate, bom amigo e inteligente; Dutinha e Eunice Cordeiro, um casal amigo e pessoas excelentes; Rivaldo Lira, o Vavá, um amigo de longas datas, hoje Advogado no Brejo, um bom amigo meu e do Brejo; Antônio Pereira, o Carcereiro, um dos mais animados nas festividades carnavalescas e juninas do Brejo, só fez amigos e

amizades, deixou saudades; Antônio Pereira Filho, o “Toinho”, foi casado com Urze Tavares e hoje vive no Brejo, substituiu Urze no Cartório de onde já deve está aposentado, sendo irmão de Ernani, Carminha e Afonso; Antônio Pereira o caiador de casas e vendedor de rifas nos finais de semanas e nas grandes festas de Natal e Fim de Ano com os seus recheados “Balaios”; Cônego João Amâncio de Araújo Lima, o Padre Amâncio lá do Salobro, que lutava contra o comunismo e fundara a Cruzada Contra o Comunismo nacionalmente reconhecida pela Igreja; Sr. Candinho Aguiar, lá da Fazenda São Paulo, que gostava de oferecer queijo, pamonha, canjica e bolo a quem quer que fosse até a sua casa, ou mesmo passando na estrada defronte da sua residência. Era um homem de mesa farta e do coração aberto ao bem. Católico fervoroso, pois todo o mês mandava celebrar uma Missa na Capela da Fazenda São Paulo; “Sêo” Acúrcio Aguiar, a exemplo do pai e dos irmãos, procedia de igual modo, e creio que os descendentes estão ainda no mesmo caminho, a exemplo de Pedro Aguiar, Padre licenciado da Igreja Católica Apostólica Romana, sempre solícito e atencioso notadamente com os mais humildes; Sr. Cordeiro Veloso, já falecido, que a exemplo de Mundinho, proprietário de engenho de rapadura, residiam em Sítio Tabocas, eram homens decentes; Sr. Pedro Paiva, pai de Dolores, de Nair e de Docarmo, moravam em “Laranjeiras”, nome antigo da Av. Barão de Buíque na cidade do Brejo, ótima pessoa e sua família constituída de filhas maravilhosas; Pedrosa, filho de Pedro Mororó, gerente da fábrica beneficiadora de algodão pertencente a ao Dr. Arcoverde, que ficava em Avenças (oficialmente Av. Cleto Campelo) e durante as comemorações juninas promovia em sua espaçosa residência no Brejo, os melhores bailes e quadrilhas de São João; quem idoso não se recorda do Sr. João Paes lá de Jacarará; de Pedro Florentino, irmão do Monsenhor Florentino que foi Pároco por muitos anos em Bezerros; Sr. Zizi, comerciante

de tecidos e homem esclarecido que lia muito e estava sempre por dentro dos acontecimentos nacionais; de João Menino, Inácio Aleixo, Capitão Abelardo Calumby, que chegou a ser Prefeito do Brejo; Padre Francisco de Assis Neves; do Motorista de caminhão Pedro Américo era pai de Creuza e de Tadeu, casado com dona Júlia Chaves; do Padre Duarte, Pároco e benfeitor do Brejo por longos anos; o marceneiro e pedreiro José David, que viveu quase 100 anos, e trabalhou na reconstrução da igreja do Bom Conselho no Brejo juntamente com o Cônego Duarte; Finfa (Josefa) Chaves, catequista e grande colaboradora da Paróquia do Brejo, sempre cuidando das igrejas de São José e da do Bom Conselho, além de ajudar muito nas festividades religiosas em geral; Paulo Pereira, sempre trabalhou carregando feiras em uma carroça de madeira, com honestidade e esforço próprio; Manoel Pereira, ex-comerciário e ex-representante do INPS no Brejo, e ainda Secretário da Junta de Alistamento Militar, pessoa boa e educada; Luíza Araújo, ou "Luiza de dona Bía", como era conhecida, tendo como único irmão o compadre José de Bía.. Foi por quase 40 anos Amanuense da Câmara de Vereadores, há poucos anos falecida; "João do Amaro", o Maestro da Banda de Música de Fazenda Nova, ex-funcionário da Secretaria da Fazenda de Pernambuco, faleceu ainda relativamente moço; Sr. Joaquim Janoca, sogro de Chico Janoca como era conhecido, pai de Fausto, Zé Amarelo e Bela(falecidos) e dona Dores, e avô de Neuza, Dêdê e Cosmo; "São" Dedê, o que fazia malas para vender na feira, era também mágico e fazia apresentações teatrais coma sua filha Silvinha, era pai também de Eraldo um ótimo alfaiate e pessoa boa que morava também no Brejo. "São" Dedê tinha uma deficiência auditiva. Era muito inteligente e comunicativo.

Quem idoso não se recorda de Chico Teixeira, o Motorista de carro de aluguel no Brejo, que passou um tempo com um automóvel preto modelo 1948, pertencente a Severino Salustiano de Farias, conhecido por todos como “São” Farias?; de Manoel Patrício que vivia constantemente fazendo gaiolas para vender e bastante idoso; de Zé Guedes e seu jeito de bancar jogos de azar, especialmente o jogo com dados nas feiras e festas, o que era permitido antigamente, além de fazer política aberta em favor da UDN do Sr. Abílio Telmo; de Zú, Oficial de Justiça, Chefe de numerosa prole, Hermes, Daniel, José, Nildo o Nerôca, Paulo que foi Vereador, além de Eunice, Bebê, Penha e Íris, casado com dona Flora; de dona Teca, que tomava conta do Sítio que Sinhôzinho tinha na rua, e que vendia mangas, bananas e outras frutas sadias; de dona Rosinha de Mestre Rafael, que vendia frutos na sua casa que ficava no início de “Laranjeiras” como era chamada a Av. Barão de Buíque; Elias Gonçalves, também Oficial de Justiça, irmão de Elizeu Gonçalves, este pai de Zezinho, o “Cabeleira” como era chamado por amigos e de suas irmãs Maria e Bernadete e do irmão Lázaro; do sapateiro João de Barros Alencar, conhecido por Barrinho, que foi nomeado Suplente de Delegado do Brejo por indicação de Abílio Telmo, e chegou a assumir a Delegacia de Polícia por algum tempo pela ausência de titular; de João Corcunda, dona de casa de jogo de azar, e uma pessoa muito querida pelos frequentadores do carteado, também muito comunicativo e amigo; Sr. Severino, chamado por “São Biu da banca de bicho”, que ele bancava o jogo de bicho no Brejo e depois foi proprietário de um caminhão que servia para transporte diversos; Inácio Alfaiate, que além de alfaiate, era jogador de futebol e mesmo com a idade avançada era um bom jogador naquela época; Marçal Nunes, ferreiro e artesão no uso do ferro, fazendo instrumento agrícola, consertando armas de fogo, fazendo

espingarda, consertando veículo, transferindo depois os seus conhecimentos para os filhos Ulisses e Chico, que se tornaram nos melhores mecânicos daquela época; Francisco Marinho dos Santos, chamado Chico Marinho, lá da “Baixinha” que com trabalho prosperou e se estabeleceu no ramo de venda de tecidos e armarinho, instalando uma loja no Brejo, tendo depois adquirido uma “bomba de gasolina” moderna, o que era um avanço na época e depois passou a ser proprietário de caminhão que viajava transportando mercadorias e produtos diversos do Brejo para Caruaru, Recife e outras cidades; João Calado, Sargento e depois Sub-Oficial da Marinha do Brasil, culto, tendo sido Adido na Embaixada do Brasil em Londres, Inglaterra, mas sempre ligado ao Brejo que amava como filho. João Calado tinha o seu coração situado ao lado direito do peito e o seu fígado no lado esquerdo, o que foi constatado somente quando o mesmo fizera exames médicos para ingressar na Marinha; Ricardo Marinho outro brejense que se notabilizou saindo pobre e sem cultura do Brejo da Madre de Deus, e depois, tornou-se alto funcionário federal, tendo escrito artigos em defesa de sua terra em jornais do Recife; José de Souza Calado, foi funcionário estadual (Secretaria da Fazenda), comerciante, promotor de festas carnavalescas e líder político no Brejo, era do PSD governamental; Professor e Advogado Albérico Magalhães Porto, emérito professor na Capital onde era Diretor do Colégio Estadual e Catedrático da Cadeira de Francês. Homem culto e simples, uma amante de sua terra natal, o Brejo e um ser humano por excelência; Waldemar Porto (Dema Porto) e Isaura Porto, irmãos de Albérico e de Sinhozinho; dona Judith Araújo, esposa de Abílio, filha de França Araújo e dona Nanu, e mãe de Jupyra, Sônia e Telma; “Marreta”, irmão de João “Corcunda”, um empregado doméstico quase familiar, mesmo sendo humilde, na casa de dona Judith; Titã, vinda do Sítio Amaro, e integrada à família de dona Judith Araújo até hoje,

morando há anos na casa de Telma; Clóvis Siqueira, esposo da emérita professora Maria José Arruda Siqueira, pessoas amigas e amantes do Brejo e sua gente; Lázaro Marinho, o vendedor de leite, mesmo doente, sofria de ataques epiléticos, mas sempre ganhando a vida com trabalho, vindo todos os dias de Cacimba de Pedro para vender leite no Brejo; Joça, o Sacristão, que morava na Rua São José; Brasiliano, o Barbeiro, que era o mais preferido, pois tinha cadeira moderna e uma boa conversa com todas os clientes. Uma ótima criatura; José Nunes de Souza, ajudou muito nas festividades religiosas locais, junto ao Cônego Duarte, foi Vereador e Presidente da Câmara do Brejo, comerciante, gostava na mocidade de andar decente e elegante, sempre patrocinado nessa época por sua avó que era produtora de café em grãos; Zé Mago, lá de Pedra Grande, Cabo de Rodagem como chamavam, pois a Prefeitura entregava a ele os serviços de melhoramento de estradas vicinais e era ele que com a família e outros trabalhadores braçais, ajeitava as rodovias municipais por vários anos; Eugênio Samba, o homem que sustentou, mesmo sendo de pouco haveres, por um bom período, o futebol brejense, criando e mantendo o União Esporte Clube; João de Rosária, que fazia ataúdes, caixão de defuntos e malas para viagens, mas o seu fraco quando jovem era jogar futebol e jogava bem, diziam; José Moreira, o Chefe de Escoteiro, que jogava futebol no São Paulo Esporte Clube de Caruaru, famoso na época, e que passando a residir no Brejo organizou o futebol local, jogando pelo Humaitá, que ele ajudou a restaurar e dá alegria aos desportistas brejenses. Tinha um chute tão forte que os goleiros da época tinham medo de pegar a bola nas cobranças de pênalti feitas por ele; Jussaty, Jurandy e Jussy Amorim, os elegantes rapazes da cidade, filhos do casal Joaquim Herculano do Amorim e Zuleide Araújo do Amorim; Ledo Tabosa, que começou como acólito do Cônego Duarte e terminou sendo Gerente de uma Agência do Banco do Brasil no Ser-

tão; Antônio Virgínio, o velho encarregado da antiga “Uzina Electrica Municipal” e que por descuido, foi uma vez apanhado pela correia que envolvia o grande volante do Motor de Luz do Brejo e quase morria, tendo passado parte do seu corpo entre a correia e o volante (roda grande de ferro). Diziam que o mesmo Antônio Virgínio era o homem de confiança de dona Iluminata, mãe de Pedro Guenes, grande empresário no Brejo e homem de visão industrial, e quando dona Iluminata queria botar o seu dinheiro em cédulas para levar sol e evitar mofos, mandava Antônio Virgínio ficar vigiando o dinheiro dela; Dr. Antônio Dantas, conhecido por Dr. Antonino Dantas, filho de Benedito Dantas, que de Bacharel em Direito galgou o cargo de Prefeito Municipal do Brejo, através de eleições livres, e depois casou com uma filha do seu maior adversário político o Sr. Abílio Telmo, que mesmo assim não houve entendimento entre ambos. Depois de uma gestão confusa e conturbada, submeteu-se á concurso e foi nomeado Juiz de Direito, terminado os seus dias como Juiz na Capital, possivelmente aposentando como Desembargador; Berenice Araújo, sempre jovem e culta, tinha uma caligrafia invejável, muito talento em tudo que abraçava ou tentava fazer, uma grande defensora do Brejo; Zezinho Falcão, Amaro de Cícero, Zezito Nogueira, Hélio, Nozinho, Rosilda, Rosimilda e Nildinho Falcão, Margarida Nogueira e Irene, Zé e Tóta Nogueira, estes filhos de Sebastião Nogueira, Erundina, Nilda de Zé de Nica, Elineide, Olga e Nevinha, estas duas últimas irmãs de Lêdo, filhos de Artur Leonel e dona Lia Tabosa; Odair e Olga de Miguel Tabosa e seus irmãos João Oslo e Odorico Tabosa; Eunice, Eugênia, Iluminata, Socorro e Ritinha, filhas de Enoch Cordeiro, bem como Amauri, José, Antônio, Geraldo, Luiz, Eduardo; Adalberto de “Sêo” Batista, que foi acólito do Cônego Duarte, juntamente comigo, Hélio, Ledo, Nildinho, etc.; Zequinha Falcão, filho de dona Ventura, e Servidor do Judiciário local, salve engano é Partidor

o seu cargo, ou Avaliador, não sei bem; Êmmanuel Santos Júnior, o nosso dileto “Manuelzinho”, hoje Juiz de Direito na Comarca de Caruaru, filho de Êmmanuel Vieira dos Santos e de dona Maria do Carmo Santos. Quando muito jovem morou no Brejo tendo participado da vida sócio-cultural, inclusive junto à Difusora Paroquial São José, onde o Cônego Duarte promovia festivais e Manuelzinho tocava lindas músicas com seu realejo; Sr. Avelino Gonçalves, que morava em Avencas e bastante idoso quando o conheci, pai de numerosa prole, dentre os quais de dona Júlia Pinto, dona Flora de Zú, Dulce Cavalcanti a professora que vivia em sua companhia. Antônio de Constância, o “noveneiro” que construiu a Capela de Santa Luiza junto ao Cemitério do Brejo; Orestes de Freitas, que além de grande proprietário no Brejo foi líder político, Vereador e candidato a Prefeito; José Guerra o alfaiate, que gostava de organizar e ajudar times de futebol. Era de Serra Branca, Paraíba; dona Maria de José Feliciano, como era conhecida, proprietária do Hotel Boa Esperança, o então único da cidade, que ficava no início de Avencas para quem saía do centro da cidade do Brejo; Manoel e Caboclo, irmãos marchantes que moravam perto do Cemitério para bandas de Cacimba de Pedro; Laurizete, a quem chamavam por “Lau”, embora seu nome correto era Severina, que morava na fazenda do seu pai, chamada “Fazenda São Severino”, na entrada de quem ia para o lugar Cacimba de Pedro, adjacente e pertencente ao Brejo. Era uma moça educada e muito bonita, sempre cortejada por vários rapazes da sociedade brejense; dona Felícia, que morava no Brejo, na cidade, com a sua filha Maria, e que fazia e vendia os maravilhosos e apetitosos sequilhos do Brejo; Zé Novo, sua esposa Léri e filha Ana Maria (professora), que tinha oficina mecânica no Brejo e sempre foi uma pessoa trabalhadora e honesta, ganhando o pão com o suor do rosto; outro Zé Novo que comprava e vendia galinhas e outras aves como peru aos habitantes do Brejo, era uma

*pessoa muito alegre; Tóta, lá de Cavalo Ruço, filho de Manoel Chico, sempre interessado pela grandeza do Brejo e de sua região, embora simples, era muito inteligente; “Pedrão” lá dos chamados “brejos”, pra bandas de Cavalo Ruço; dona Ventura que vendia cocadas e tinha um pequeno refeitório que atendia feirantes aos sábados e morava na Rua conhecida como “Bola”, no centro da cidade; dona Zefinha, mãe de Alaor (músico, exímio clarinetista), Estênio (Marinheiro que faleceu num acidente marítimo) e Yolanda. Era uma mulher corajosa e trabalhadora; Manoel Alexandre e José Bernardo, ambos do Brejo onde moravam, organizadores de blocos carnavalescos de antigamente; alguns dos meus colegas de salas de aulas com a Professora Maria José, filha do Município de Tacaimbó, que lecionava no Brejo daquela época: Erundina, Neuza, Nozinho de Zequinha, Elineide e Nevinha Tabo-
sa, (irmãs de Lolita e Olga), Creuza de Pedro Américo, Irene Nogueira, Carminha, Dorinha e Nita, filhas de dona Maria que vendia bolos e morava lá fim da rua chamada Laranjeiras, no Brejo; Jovita, Lenira Gonçalves, Irene de Cacimba de Pedro, Nilda e Nivaldo de Zé de Lica, Zé de Bia, Luiza Cosmo Janoca, Marina e outros que me falha á memória. A nossa então Professora Maria José, quase todos os dias solicitava-me para acompanhá-la à igreja do Bom Conselho para com a mesma rezar um novenário ao Sagrado Coração de Jesus, isto à noite, muitas pessoas diziam que ela rezava para alcançar a graça de arranjar um bom casamento e se é verdade, era conseguiu ser atendida, pois logo que saiu do Brejo casou na sua terra natal. Era formidável como amiga e professora, de quem guardamos boas recordações; Caré, o vendedor de cal e sua burrama carregada de sacos de cal pela cidade e estradas; “São Cosmo do Motor de Algodão”, como diziam, ótima pessoa; Paulino Batista, o soldado que se reformou como Sargento por antiguidade e não deixou de usar a farda e o revólver de cano longo, sempre tocando har-*

mônica com seu irmão Manoel Batista que era sanfoneiro e possuía um bonito e grande acordeão; “Sinhá Preta”, ex-escrava, cujo nome era Silvéria Maria da Conceição, pessoa boa e tomava uma pinga medonha; o Sr. Manoel Fortunato que tinha sítio com fruteiras e comprava frutas a outros sitiantes, principalmente mangas, goiabas e bananas, e revendia para as fábricas de doces da região; Sr. Elói Mineiro, que tinha um banco de revenda de cereais na feira livre do Brejo, e pai de Zé Mineiro, Carlinhos e Avenor Mineiro, bons músicos, e depois caminhoneiros com veículos próprios. O Carlinhos, foi Militar como Músico, tendo se aposentado como Tenente da Polícia Militar de Pernambuco, ótimas pessoas e muito educados; José Roque, que de empregado em farmácia, passou a ser proprietário de farmácia, residindo em Jataúba onde tem suas atividades comerciais; Manoel Cordeiro da Silva, o conhecido “Manoel de Minu”, face ao apelido do seu pai Minu, tem no sangue o gene da política embora nunca tenha exercido mandato eletivo no Brejo, não sei se foi candidato á algum cargo, mas já exerceu vários cargos públicos no Brejo, uma boa pessoa; Zezé Barbeiro como é conhecido face à sua profissão de barbeiro, oriundo da zona brejeira e genro de Brasiliano Barbeiro mais conhecido; Deda de Zé Mago, uma amiga boa a exemplo de Elizeu e de toda a sua família, que de origem pobre, mas honesta e trabalhadora e sempre respeitada no Brejo; Sr. Pedro Amâncio, lá da Fazenda Salôbro, no caminho para Fazenda Nova para que sai do Brejo, era muito festeiro e político nas horas vagas, de uma prole decente e amigo dos amigos; Sr. Tobias, ou como lhe chamavam de “velho Tobias” que vendia redes daquelas do Ceará, e morava lá no Sítio Tambor; Sr. Manoel Florêncio que vendia “coco da praia”, só que os cocos eram lá de Cachoeira de Tabocas, perto de Mandaçaia, onde residia e era proprietário de sítio; “Breu”, pessoa muito conhecida no Brejo e um incentivador na prática do jogo de futebol, sempre participando dos des-

portos brejenses; Artur, Horácio e Eduardo Mororó, este por último por ser jovem, alfaiates famosos no Brejo quando ainda não prevalecia o costume de se comprar roupas feitas; Sr. Sacadura, eletricitista famoso na década de 50 em Brejo e Jataúba onde morava; Cesário Julião comerciante no ramo de compra e venda de aves para consumo, como galinhas e perus, que levava semanalmente, aos domingos, em garajásus postos sobre carroceria de caminhão, para o Recife, era uma pessoa educada e boa, tinha uma família maravilhosa e querida no Brejo; João Maduro era também um mascate que viajava também ao Recife para vender aves e outros produtos; Sr. Jerônimo, o mecânico famoso e motorista; Sr. Zezé Fernandes, que foi dos primeiros a possuir automóvel no Brejo; Zé de Boa, carregador por muitos anos, com galão com duas latas, aos ombros, de água para abastecer várias casas residenciais no Brejo; Esperidião e Zezé que abasteciam também as casas brejenses de água potável apanhada em fonte chamada "Lagoa", isto transportada em carro de bois que circulava pela cidade de porta em porta, diariamente; Urze Tavares, Oficial do Registro Civil no Brejo e de tradicional família brejense, pessoa fidalga que em vida soube fazer amizades; dona Docarmo com aquela paciência de Jó, trabalhava no Cartório de Imóveis do Brejo, muito religiosa e humana a toda prova; dona Maria Hemetéria, a quem os mais antigos chamavam de "Maroca", foi professora pública municipal por muitos anos no Brejo; dona Iria, que morava em Avenças, confecciona lindas rendas; Dulce Cavalcanti, conhecido por "Dulce de São Avelino", professora particular competente e austera com os seus alunos que sempre foram bons na obtenção de conhecimentos culturais; dona Águeda, a quem chamavam de "Comadre Aguinha", parteira famosa, mora em Cacimba de Pedro, zona rural do Brejo; Tenente Janjão com suas barbas compridas e respeitáveis; Alfredo, o marceneiro, que gostava de criar galos de briga, era uma criatura maravi-

lhosa; compadres Zuca Julião e Toinha, que juntamente com os filhos sempre quiseram bem ao Brejo; quem não lembra de “Sêo” Oscar lá da Lagoa, vizinho do meu compadre Sinhozinho da Lagoa como era conhecido? Quem não recorda de Diano, Maestro da Banda Musical São José no Brejo, oriundo lá de Jataúba, de uma família de músicos; de Pedro Tabosa que foi Presidente não só da banda Musical, mas também do Clube da Sociedade Musical São José, tendo construído com vários apoios, o edifício sede da referida sociedade e promovidos os melhores bailes e festas diversas que orgulhavam os brejenses; lembranças do barbeiro Manoel Padre, mesmo baixinho, era grande na profissão, e no trato com as pessoas; de “Raul fotógrafo”, que além de bom profissional, mesmo sem saber ler, era um dos políticos mais aguerridos e militante em favor do candidato a Prefeito José Inácio; de Jerônimo Tavares, Vereador e que foi o Presidente da Câmara Municipal do Brejo da Madre de Deus, irmão de José César, funcionário graduado da Secretaria de Agricultura de Pernambuco, e das irmãs Dulce, Íris e Socorro Tavares; lembranças do Sr. Rodolfo Marinho, que tendo ido ao Recife no ano de 1937, quando da realização do Congresso Eucarístico Nacional, e visto centenas de padres e seminaristas ali, todos com batinas àquela época, e quando qualquer pessoa falava com ele sobre o Recife, dizia: “aquilo é que é um lugar pra ter Padre”; de Abel Amaral, filho de Dóro Amaral, que se tornou Promotor Público no Brejo. Muitas outras pessoas importantes como autoridades, como operário, como ser humano, como agricultor, e quaisquer outras atividades, poderiam ser citadas, no entanto, a memória não nos permitiu de pronto, registrar mais gente e fatos, e se assim não fosse, a relação não caberia neste livro, uma vez que estamos sujeitos a omitir nomes de amigos íntimos, bem próximos e com relevantes serviços prestados ao Brejo. Como o número das pessoas não citadas é bem maior, certamente os que não foram mencionados fi-

zeram muito pelo Brejo e seus descendentes haverão de continuar nessa trajetória de amor e desenvolvimento. Pedimos as nossas desculpas, pois, não fizemos qualquer discriminação social, política ou religiosa, colocamos o que foi possível, no exato momento que escrevíamos este Capítulo, impossível seria catalogarmos nome por nome de todas as pessoas que conhecemos no Brejo, ou que ouvimos falar pelas virtudes ou erros. Se omitimos alguma pessoa ilustre ou não, não foi propositalmente, mas involuntariamente. Talvez até nomes de heróis brejenses, fica a nossa justificativa e esclarecimento. O Brejo é mais importante do que isto e sua breve História, eu creio, também a será.

PERSONALIDADES DE 1850¹

*Termo do Brejo da Madre de Deus-
Juiz de Direito do Crime: Dr. Antônio Batista Gitirana.*

Promotor Público: Dr. Bento José de Souza.

Juiz Municipal: José Rodrigues do Passo (não togado).

Suplentes de Delegado de Polícia: Francisco Alves Cavalcanti Camboim, Manuel Simão Cavalcanti de Albuquerque, Caetano de Oliveira Melo, Francisco Berenguer César de Andrade Júnior, João de Deus Barros e Francisco Cordeiro Dias dos Santos.

Escrivão do Geral, do Crime e do Cível da Vila de Cimbres, e Privativa do Júri: Luiz José da Espectação.

1º Tabelião Público: Matias Soares de Almeida;

Serventuário Substituto: Antônio Alves Campos

2º Tabelião: Elias Francisco Bastos

Promotor Fiscal Provincial: Dr. Bento José de Souza

Freguesia do Brejo da Madre de Deus: 1850

Vigário Colado: Padre Pedro Marinho Falcão

Coadjutor da Paróquia: Padre José Teodoro Cordeiro;

Educação:

Professor titular da Cadeira Pública de primeiras letras: Manuel Melo Albuquerque - Guarda Nacional no Brejo da Madre de Deus e Cimbres:

Comandante Superior: Francisco Alves Cavalcanti Camboim;

Majores Ajudantes-de-Ordens: João Valentim Vieira de Melo e Antônio Leite Tôrres;

Capitão Secretário-Geral: Bernardino Leite Galvão.

1ª Legião: Coronel Francisco Xavier de Paula Cavalcanti; Major Joaquim Severino Leite; Major do 1º Batalhão: Francisco Cordeiro Muniz Falcão; Tenente-Coronel do 2º Batalhão: Isidoro José Dias dos Santos; Major do 2º Batalhão: Francisco Cordeiro Dias dos Santos.

2ª Legião: Coronel Pantaleão de Siqueira Cavalcanti; Major José Francisco Leite; Tenente-Coronel do 1º Batalhão, João Leite Torres Galindo; Major do 1º Batalhão, Joaquim de Almeida Catanho; Tenente Coronel do 2º Batalhão, Cândido Xavier Pereira de Brito; Major do 2º Batalhão, Joaquim de Carvalho Cavalcanti.

CRIAÇÃO DA GUARDA NACIONAL²

“A Guarda Nacional no Brasil, foi criada pela Lei de 18 de agosto de 1831, quando no período regencial do Padre Diogo Antônio Feijó, como reserva do Exército Imperial, substituindo as antigas Companhias de Ordenanças e as Milícias de Guardas Municipais, declaradas extintas em 20 de dezembro do mesmo ano. órgão permanente em todo o Império e constituído de Companhias, Batalhões e Legiões, postos à disposição das autoridades.

Seu serviço era obrigatório e pessoal, para todos os homens maiores de 18 anos, porém, com isenções previstas em lei.

Cada Companhia devia ter entre 40 e 60 praças, sendo comandada por um Capitão e tendo ainda um Tenente, um Alferes, 1 (um) 1º Sargento, 2 (dois) 2ºs. Sargentos, 6 (seis) Cabos, 1 (um) Tambor e 1 (um) Corneta.

Um Batalhão compreendia quatro Companhias, no mínimo e oito no máximo. O Estado Maior era: um Tenente-Coronel (Chefe); um Major-Assistente, um Major-Ajudante, um Alferes Portabandeira, um Cirurgião - Ajudante, um Tambor - Mor e um Corneta-Mor. Dois ou mais Batalhões formavam uma Legião.

As Companhias de Cavalaria compunham-se de 70 a 100 praças, tendo a mesma oficialidade. Duas Companhias formavam um Esquadrão; dois Esquadrões constituía um Corpo.

As despesas com armamento e munições, bandeira, tambores, cornetas, soldo, eram custeadas pelo Tesouro Nacional.”

Segundo o escritor José Bernardo Fernandes Gama, na sua obra MEMÓRIAS HISTÓRICAS DA PROVÍNCIA DE PERNAMBUCO, no Tomo I, página 69- Ensaio Topographico-Histórico da Província de Pernambuco, publicado no ano de 1844, a famosa Guarda Nacional no Brejo da Madre de Deus, era formada por uma Legião composta de um Esquadrão de Cavalaria, e dois Batalhões de Caçadores, ao todo 699 praças, excluindo-se 107 Reservas. Nessa época (1844) o Brejo tinha uma população livre de 10.255 habitantes, distribuídos em 2.051 Fógos.

(1)- “País de Caruaru”, de Nelson Barbalho, páginas 188/192.

(2)- “História de Vitória de santo Antônio”, de José Aragão, 1º Volume, páginas 189/190.

FORAM PREFEITOS DO BREJO DA MADRE DE DEUS-PE:

Prefeitos nomeados, provisórios e eleitos do Brejo da Madre de Deus-PE:

- 01) *Coronel Francisco Alves Cavalcanti Camboim(Barão de Buíque)
1893 posse –eleito;*
- 02) *Capitulino Marinho Falcão;*
- 03) *Francelino Araújo de Albuquerque–“Sr. França”-*
- 04) *Antônio Marinho dos Santos;*
- 05) *Antônio Magalhães da Silva Porto(Sr. Bitá);*
- 06) *Adjar do Rego Maciel;*
- 07) *Abílio de Barros Correia(Sede Belo Jardim);*
- 08) *Tenente-Coronel Urbano de Sena;*
- 09) *Antônio Severino dos Prazeres;*
- 10) *Djalma Oliveira;*
- 11) *Militão Bezerra;*
- 12) *Alfredo Magalhães da Silva Porto;*
- 13) *Abílio Telmo da Rocha Barros;*
- 14) *Gustavo Marinho Falcão;*
- 15) *Alípio Magalhães da Silva Porto;*
- 16) *José Manoel de Queiroz;*
- 17) *Dirceu Valença de Oliveira;*
- 18) *José Batista de Queiroz Sobrinho;*
- 19) *Padre Petrônio Barbosa;*
- 20) *Erasmus de Oliveira Campos;*
- 21) *José Inácio da Silva;*
- 22) *José Nunes Sobrinho;*

- 23) *Orestes Rodrigues de Freitas;*
- 24) *Napoleão Nogueira;*
- 25) *Antônio de Souza Dantas;*
- 26) *Gilvan Cavalcanti de Oliveira*
- 27) *Paulo Lucena de Mendonça;*
- 28) *Capitão Abelardo Calumby;*
- 29) *Israel Cordeiro de Almeida;*
- 30) *Marly Vieira de Souza Mendonça;*
- 31) *Israel Cordeiro de Almeida;*
- 32) *José Inácio da Silva;*
- 33) *José Edson de Souza;*
- 34) *José Inácio da Silva;*
- 35) *José Edson de Souza;*
- 36) *José Inácio da Silva;*
- 37) *Roberto Abraham Abramian Asfora;*
- 38) *Roberto Abraham Abrahamian Asfora;*
- 39) *José Edson de Souza; (Afastado pelo TRE-PE)*
- 40) *Hilário Paulo - Presidente da Câmara.*
- 41) *Roberto Abraham Abramian Asfora(reeleito).*

CÔNEGO FRANCISCO ROCHAEL PEREIRA DE BRITO
MEDEIROS – UM BREJENSE IMPORTANTE

O Cônego Rochael foi um Sacerdote Católico com grande participação na vida política, religiosa, educacional e social do Brejo da Madre de Deus, onde fez amizades, inclusive com as mais altas autoridades da então Província de Pernambuco, principalmente por ser considerado um intelectual de primeira linha. Foi o primeiro Regedor, que corresponde atualmente ao cargo de Diretor, do então GYNÁSIO PERNAMBUCANO, também chamado de ESCOLA NORMAL DE PERNAMBUCO, tendo sido nomeado no dia 16 de Setembro de 1870 pelo Vice-Presidente da Província de Pernambuco no Exercício de Presidente, Desembargador Francisco de Assis Pereira da Rocha. E foi exonerado por questões políticas, o que muito o contrariou em Carta de 28 de Janeiro de 1878. No dia seguinte a sua exoneração, fez publicar em jornal de boa circulação(DIÁRIO NOVO) um VERSO rimado que dizia:

“A tudo quanto a inveja remorde em sonhos mesquinhos,

Responde um grupo ignaro, dizendo Amém Senhor!

Na frente onde há um raio há círculos d’espinhos

Que a glória remergulham em cálices de dor.”

PADRE ACUSADO DE MANDAR MATAR

O TENENTE-CORONEL ANTÔNIO CORDEIRO

Encetando pesquisa em notícias registradas em jornais antigos de Pernambuco, deparei-me com um trabalho maravilhoso do Escritor e Pesquisador LUIZ NASCIMENTO, registrando um homicídio cruel cometido no Brejo da Madre de Deus em 1850, cuja vítima foi uma importante figura da vida política e social do Município e Região, tratava-se do Tenente-Coronel ANTÔNIO CORDEIRO DE CARVALHO, de tradicional Família do Fundador do Brejo o português ANDRÉ CORDEIRO. O mesmo já havia sofrido várias ameaças de morte por questões políticas partidárias e até intrigas pessoais, não escapou de uma traiçoeira emboscada sendo alvejado por um tiro de bacamarte, tendo morte imediata.

Vivia também no Brejo da Madre de Deus, um Padre conhecido por "Padre Campos" da Igreja Católica Apostólica Romana, que era político e adversário ferrenho do TENENTE-CORONEL ANTÔNIO CORDEIRO DE CARVALHO, que gozava do apoio do então Presidente da Província de Pernambuco HONÓRIO HERMETO CARNEIRO LEÃO e por incrível que pareça exercia também as funções de DELEGADO DE POLÍCIA do Município do Brejo.

Os jornais da época, principalmente os "ARGOS PERNAMBUCANOS", UNIÃO e LIBERAL, publicaram matéria acusando como mandante o "Padre Campos" (JOAQUIM PINTO DE CAMPOS) que chamavam também de MONSENHOR CAMPOS, e realizadas as devidas investigações para se elucidar o assassinato da citada

vítima, chegou-se à conclusão que o criminoso fora um militar dali mesmo, o soldado MARTINS, um preto que trabalhava em serviços equivalente a ESTAFETA, com o "PADRE CAMPOS". Aumentando assim, a desconfiança que o referido Padre teria sido o mandante do crime, e os jornais bateram novamente na tecla, culminando com uma REPRESENTAÇÃO pelo dito acusado, contra os Redatores dos Jornais que o acusavam. Sendo o "PADRE CAMPOS" amigo do Presidente da Província de Pernambuco de então, conseguiu mandar fechar os Jornais e prender os Redatores, no caso também o Padre Católico Cônego Francisco Rochael Pereira de Brito Medeiros e José Antônio de Faria Abreu e Lima, que foram depois libertos por ordem judicial. O último número que circulou foi o do dia 15 de abril de 1849.

Feita a REPRESENTAÇÃO JUDICIAL pelo Padre Joaquim Pinto de Campos a propósito dos artigos publicados contra ele, notadamente no Jornal ARGOS PERNAMBUCANO, insertos em 17 e 18 de Setembro de 1850, onde o Padre Campos era chamado de "o assassino", o "Sacrilego", que tinha vivido "sempre entre crápulas, corrupção e assassina-tos". A ele, DELEGADO DE POLÍCIA no Brejo, se atribuía haver mandado matar o TENENTE-CORONEL da Guarda Nacional ANTÔNIO CORDEIRO DE CARVALHO.

Foram contratados pelo PADRE CAMPOS cinco Advogados para a sua defesa, dentre eles os Drs. JOSÉ DOS ANJOS, NASCIMENTO FEITOSA e JOSÉ ANTÔNIO FIGUEIREDO E MAIS DOIS OUTROS; já pelos JORNAIS o JURISTA Dr. FRANCISCO DE PAULO BATISTA desprezada, isto é, arquivada por falta de provas. Finalmente, a Ação foi arquivada.

O Jornal "O PALADINO" in "VARIEDADES"

"Não deixou o jornal, igualmente, de focalizar temas gerais, sobretudo de interesse local."

COMENTÁRIO:

Do caso, LUIZ NASCIMENTO – Pesquisando jornais da Província de Pernambuco (História da Imprensa de Pernambuco):

"(2) O desabusado periódico de O'Conel, que não deixava de desancar o PADRE JOAQUIM PINTO DE CAMPOS, misto de Sacerdote e Chefe político, divulgou na edição de 13 de outubro de 1851, a espantosa "VARIEDADES" abaixo transcrita:

O homem, por mais perverso que seja, tem sempre uma virtude. Exemplo: há nesta Província um Padre Campos, homem de gênio terrível e feroz réu de muitos crimes, como: homicídio em grande escala, moeda falsa, etc, etc. Este homem mete o nariz em todos os ramos da Administração Pública; mexe na política de todas as Comarcas, mexe na Força Militar, mexe na Magistratura; ele visita a todas e a todos intriga; ele fala mal do seu próprio pai !!! Pois bem, este homem mau, perverso, como acabamos de pintar, tem uma virtude, uma só virtude, e esta muito recomendável: nunca falou no nome da Ilm^a e Exm^a, senhora sua Mãe!..., a cuja memória guarda tão profundo acatamento que ninguém lhe ouviu ainda, nem PER ACIDENS, proferir o seu respeitável nome! É um excelente filho materno... BEATUS VENTER..."

NOTA: “O Jornal O IMPARCIAL, fez diversos ataques ao Monsenhor JOAQUIM PINTO DE CAMPOS. 1859.”

Ele nasceu no dia 04.04.1819 e faleceu no dia 05.12.1887, com 68 anos, 8 meses e um dia. Nasceu na Fazenda Conceição, em Lisboa-Portugal. Filho de MANOEL JOSÉ DE CAMPOS e TEREZA FIRMIANA DA FONSECA ARAGÃO.

MAESTRO TOMÁS DE AQUINO É NOME DE RUA
(extraído de “Caboclos de Urubá” de “Nelson Barbalho”)

“No começo da segunda década do Século XIX o Tenente Matias Soares de Almeida (1793-1891), natural de Cabedelo, Paraíba, muito moço ainda, deixa o litoral para internar-se pelo Agreste de Pernambuco, fixando residência no Brejo da Madre de Deus, onde consegue trabalho e de onde viaja muitas vezes ao ano para exercer as funções de Escrivão do Senado da Câmara de Cimbres. Daí passa para o cargo de Escrivão e Tabelião Público do Termo brejense, em cujo posto haveria de manter-se durante longos anos. Casaria duas vezes no Urubá ---- a primeira com a viúva Tereza Alves Campos, que, entre outros, tinha os filhos Antônio e Deodato Alves Campos, do 1º leito, Coronel e Major, respectivamente, da Guarda Nacional, e Diocleciano Alves de Almeida, do 2º (isto é, de Matias e Tereza); e a segunda vez, tendo enviuvado, casa com uma moça da família Rego Maciel, destacando-se, dentre os filhos do 2º matrimônio, o Maestro Tomás de Aquino de Almeida Maciel, nascido no Brejo da Madre de Deus, como os demais irmãos, aliás.

Rapaz já feito, TOMÁS DE AQUINO, em 1883, deixa o Brejo para radicar-se em Pesqueira, onde casa, naquele mesmo ano, com a prima Nazinha, isto é, Francisca Carolina Alves do Rego Maciel, filha de To-

más do Rego Maciel e descendente do português José do Rego Porto (este era pai do Coronel Dedier do Rego Maciel), o qual, instalado no Brejo da Madre de Deus desde fins do Século XVIII, ali constituiu família, tornando-se fazendeiro, comerciante e político.

Em Pesqueira, TOMÁS DE AQUINO, apesar de estabelecido com uma das maiores lojas de tecidos da praça, revela-se compositor musical e exímio violinista, voltando-se com muita desenvoltura para a sua vocação artística, achando que mais vale um gosto do que quatro vinténs e tornando-se Regente e co-fundador da primeira Banda Musical da CAPITAL DO DOCE, sociedade de gente fina e culta, de artistas natos, amadores todos eles, qual tinha o terno título e A CRIANCINHA, através de cujas audições seus integrantes legavam à posteridade bela lição no mundo dos sons e dos acordes musicais. Além do regente Tomás de Aquino, A Criancinha apresentava outros músicos extraordinários, como o clarinetista Frederico do Rego Maciel, bombardinista Antoninho Maciel, o solista José Afonso de Oliveira Melo, Fortunato Maciel, Antônio Toré, Odilon Falcão, etc.

Além de musicista raro, TOMÁS DE AQUINO era escritor de fina sensibilidade, tendo deixado obra impressa, em dois volumes, a qual trazia o significativo título de NEVROSE ARTÍSTICA e hoje em dia constitui raridade bibliográfica.

Do casal TOMÁS DE AQUINO DE ALMEIDA MACIEL/FRANCISCA CAROLINA ALVES DO REGO MACIEL tiveram 9 (nove) filhos:

01- José de Almeida Maciel (Cazuzinha);

- 02- Orestes de Almeida Maciel;*
- 03- Glicério de Almeida Maciel;*
- 04- Elpidio de Almeida Maciel;*
- 05- Dagmar de Almeida Maciel (Dadá);*
- 06- Adelma de Almeida Maciel;*
- 07- Sílvia de Almeida Maciel;*
- 08- Georgina de Almeida Maciel e*
- 09- Edite de Almeida Maciel.”*

CARTA DO ESCRITOR NELSON BARBALHO AO AUTOR

Recife, 03.08.80

Amigo Newton-

Acabo de ler, no DP, sua oportuna carta acerca de Meu Povinho de Caruaru e do CEHM. Quanto às palavras escritas a meu respeito, aqui me apresso a lhe dar o meu muito obrigado. Sua carta serve inclusive como publicidade sobre o livrinho, que deverá ser lançado no próximo sábado, na FAFICA. Espero que você esteja lá.

Quanto ao CEHM, sua opinião é valiosa e precisa. Desconfio que o maior mal do CEHM é falta de dinheiro. A instituição, apesar de vinculada a FIAM, não dispõe de um tostão para publicar coisa alguma. Toda 5ª feira a gente se reúne lá, conversa, conversa --- e tudo não passa disso. Planos, há muitos, E as realizações? Quase nenhuma. Delgado é excelente, mas vive de braços atados, por falta de verba. A revista do CEHM já está com quase dois anos de atraso. Parou no 3º número e o 4º, cuja matéria já teria sido composta nas oficinas gráficas da CEPE, até hoje não deu as caras. Deve ser falta de "gaita" ou de crédito. Por tudo isso foi que resolvi editar meus livros por conta própria, tentando vendê-los seja diretamente a instituições diversas de Caruaru (Casa de Cultura, Fafica, etc.), seja ao público através das livrarias. Até agora, graças a Deus, vou-me dando bem com a coisa, tanto que já editei Caruaru de Meu Tempo e Meu Povinho de Caruaru, estando no prelo o Baú de Sovina, cujo lançamento talvez ocorra na Câmara Municipal,

tudo depende de Eliaas Soares, com quem já falei, no mês passado, e estou á espera de sua resposta. Por favor, diga a ele que vá ao lançamento de Meu Povinho, no próximo sábado, às 9 da noite, no auditório da Fafica.

Voltando ao CEHM: sabe o que precisa, com urgência, para o seu funcionamento?

Que um Deputado estadual o considere órgão de utilidade pública e lhe destine verba própria (sem vinculação à FIAM), com o fim específico de publicar a revista e todos os livros dos historiadores municipais de Pernambuco. Enquanto não houver isso, o CEHM será entidade fracassada, como o está sendo agora, somente.

Bem, a conversa vai longa e já deve ter enchido seu saco. Sábado na Fafica conversaremos mais.

Um forte abraço do velho admirador e amigo.

NELSON BARBALHO."

DECRETO IMPERIAL REORGANIZA GUARDA NACIONAL DO BREJO DA MADRE DE DEUS-PE

*“Decreto nº 7.590, de 3 de Janeiro de 1880
Reorganiza a Guarda Nacional da Comarca do Brejo da Madre de Deus, da Província de Pernambuco.*

Hei por bem, para execução da Lei nº 2395 de 10 de Setembro de 1873, Decretar o seguinte:

Art. 1º - É creado na Comarca do Brejo da Madre de Deus, da Província de Pernambuco, um Commando Superior de Guardas Nacionaes, formado de dous batalhões de infantaria do serviço activo com oito companhias cada um e as designações de 49º e 50º e mais outro batalhão com seis companhias e a designação de 8º do serviço da reserva.

Art. 2º- Os referidos corpos serão organizados na Freguezia de S. José do Brejo da Madre de Deus.

Lafayette Rodrigues Pereira, do Meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negócios da Justiça, assim o tenha entendido e faça executar. Palácio do Rio de Janeiro em 3 de Janeiro de 1880, 59º da Independência e do Império.

Com a rubrica de Sua Majestade o Imperador

Lafayette Rodrigues Pereira.”

ORIGEM DA FAMÍLIA MARINHO FALCÃO EM BREJO DA MADRE DE DEUS-PE

Em 1630 já estava em Pernambuco o fidalgo colonizador, português do Minho, VASCO MARINHO FALCAO “ao seu valor e conselho se deve grande parte da restauração destas Capitânicas.” E ainda vivia em 1645 (Nobiliarquia Pernambucana, Borges da Fonseca. Vol. U-p, 126. Títulos Marinhos).

Casou com Inês Lins de Vasconcelos, filha do alemão Cristóvão Lins (Linz) fundador de Porto Calvo, Alagoas, onde levantou sete engenhos de fabricar açúcar e de D. Adriana de Holanda, esta, filha do holandês Arnou de Holanda, natural de Utrecht, à serviço de Portugal e de D. Brites de Mendes de Vasconcelos, nobres que acompanharam Duarte Coelho, 1º Donatário de Pernambuco e de D. Brites de Albuquerque, em 1535 (NP BF 1-307) à Pernambuco.

Na sucessão de 6 (seis) filhos de VASCO MARINHO FALCÃO e INÊS LINS DE VASCONCELOS, está LEOÃO FALCÃO D'EÇA. Do 2º casamento deste (LFE) com D. Joana de Castro Barbosa, nasceram, entre utros filhos, DIOGO FALCÃO d'EÇA e FERNÃO DE SOUSA FALCÃO; casados respectivamente com duas irmãs: Úrsula Berenguer e Antônia Bezerra, filhas do 2º casamento do português da Ilha da Madeira FRANCISCO BERENGUER DE ANDRADE. Senhor do Engenho do Giquiá na Várzea do Capibaribe, filho de FRANCISCO BERENGUER DE ANDRADE e Maria César, pessoas muito principais da Ilha da Madeira de onde eram naturais com D. Antônia Bezerra.

Os descendentes dos casais VASCO MARINHO FALCÃO e INÊS LINS DE VASCONCELOS & DE FRANCISCO BERENGUER DE ANDRADE e ANTÔNIA BEZERRA, espalharam-se não só pelo litoral de Pernambuco. Alcançaram o interior da Província de Pernambuco e de outras Províncias.

Várias linhagens da família MARINHO FALCÃO encontram-se na história do Ararobá, especialmente no Brejo da Madre de Deus.

Procedente do ENGENHO DA ÁGUA, banhado pelo Rio Botafogo, Bacia do Araripe (Igarassú) chega à Freguesia do Brejo (fundada pelos Oratonianos em 1752 e o casal natural de Igarassú, FRANCISCO BERENGUER CÉSAR DE ANDRADE e ANA CÂNDIDA DE SÁ E ALBUQUERQUE m/m em 1811, com dois filhos: JOSÉ¹ batizado em 1808 na Capela do Engenho da Água, pelo seu parente (tio ou primo) Pe. PEDRO MARINHO FALCÃO, sendo padrinhos os avós maternos, Capitão José Valentim Vieira de Melo (este com inventário em Igarassú em 1818) e Ana Isabel Vidal de Negreiros. JOSÉ veio a falecer no Brejo com m/m 7 anos. E PEDRO², batizado em 1809, na Capela do Engenho de Baixo (futuro PADRE PEDRO MARINHO FALCÃO) o que muito lutou pela edificação da CO-MATRIZ do Bom Conselho, bem como providenciou com o seu pai a construção do SOBRADO revestido de azulejos da Rua São José do qual ambos foram primeiros residentes e proprietários).

No Brejo da Madre de Deus nasceram: SEMEÃO CORREIA BERENGUER (e/ou ANDRADE)³, Casado no Brejo com (...) e pais de três filhos, sendo um deles de nome MANOEL, (provavelmente MANOEL MARINHO DE SOUSA, casado com sua prima legítima Joa-

na Marinho dos Santos, pais de FRANCISCO MARINHO DOS SANTOS (“Chico Velho”) e Luiz Marinho, que morreu solteiro. Outro filho do casal, de nome Manoel ou João, migrou para a região de Palmares, onde casou com a filha de um funcionário da Rede Ferroviária Federal, deixando uma descendência respeitada: JOÃO MARINHO FALCÃO⁴, Capitão, casado com Josefa Colombina do Amor Divino, primogênita da família REGO MACIEL (bisavô de Alípio Magalhães da Silva Porto) pais de JOÃO MARINHO FALCÃO JR., JOSÉ ALVES FALCÃO, Francisco César de Andrade.

MARIA AUGUSTA CÉSAR (casada com seu tio GEMINIANO DO REGO MACIEL, este casado em 2º matrimônio com Elvira César) e Ana Cândida César de Andrade, casada com o português Cap. Francisco de Oliveira Travassos. Todos moradores na casa revestida de azulejos com a letra A, segundo a tradição.- MARIA CÉSAR⁵, casada com Francisco Alves de Carvalho. No informe de Manoel Eduardo Marinho de França, de Cacimba de Pedro, seu descendente, o casal teve muitos filhos que sobreviveram, contando adultos entre 14 a 16, enumerando alguns nomes: Ana, Antônio Marinho, Constança (mãe do Major MANOEL CORDEIRO DO AMARAL(MAJOR NECO), Filadélfia (tia de Erasmo, entre outros) Francisca, Francelino Marinho de Espíndola (pai do Tenente JANJÃO), Joana (já citado, casada com seu primo legítimo Manoel, Rita, Teotônia, etc).

Em livros de óbitos, (Brejo da Madre de Deus) foram en contrados:

- Em 1894 faleceu Rita Cordeiro Marinho Falcão, casada com Izidoro José da Silva (este da família Cordeiro, uma das mais antigas do Brejo) deixando 10 filhos, entre eles, Epifânio Cordeiro Muniz Fal-

ção(sobrenome procedentes dos Açores), José Bezerra da Silva, Philadélfia Cordeiro Muniz Falcão, Ana Cordeiro Muniz Falcão, Cândida Bezerra da Silva.

- Em 1903, na cidade do Brejo, faleceu o TENENTE REGINO CORDEIRO FALCÃO, natural do Brejo, com 76 anos, viúvo(de Teotônia Maria de Jesus) deixando 7 filhos: Tenente-Coronel Manuel, Capitão Erasmo, Antônio (os três com sobrenome Cordeiro Falcão); Capitão Joaquim Cordeiro Falcão SOBRINHO, Maria Cordeiro dos Santos, Ana Cordeiro da Silva, Francisco Cordeiro da Silva, Francisca Cordeiro Falcão e Rita Cordeiro de Oliveira.

Segundo José Chaves de Sousa, falecido há poucos anos, solteirão, "Ana Marinho", filha de um irmão de Joaquim Cordeiro, era tia de Gustavo Marinho Falcão. JOSÉ VALENTIM VIEIRA DE MELO⁶, Major da Guarda Nacional. No Ararobá encontra-se um vulto de Igual nome (sem os nome dos pais) casado com Delmira de Siqueira Cavalcante (descendente do português PANTALEÃO DE SIQUEIRA BARBOSA, com sucessão de filha única (José Valentim que nasceu em Igarassú faleceu, como já foi visto); JOANA BEZERRA DE MENEZES⁷. Aparece com o nome Joana César de Menezes e segundo a tradição Joana Francisca. Era casada com o Tenente-Coronel Comandante da Guarda Nacional Manoel Cláudio Bezerra de Menezes, da família da região de Igarassú. Morava na casa com sótão anexada à casa azulejada da Rua São José. Com sucessão de Francisca, Ana e Maria. MANUEL CÉSAR DE ANDRADE⁸ (e/ou César de Barros). Nasceu no Brejo. Capitão, faleceu em 1897 no Brejinho, com 84 anos de idade, deixando de seu casamento com Tereza de Jesus César de Barros seis filhos: João César de Barros Falcão, José Valentim (casado com sua prima Maria César Be-

zerra de Menezes), Caetano, Maria (os três com sobrenome César de Barros) e Tereza de Jesus César Falcão, casada com o seu primo legítimo PEDRO MARINHO FALCÃO, "Seu" Peco (paraplégico) que residiam na casa térrea azulejada,
História do Brejo da Madre de Deus

Da Rua São José (no informe de José Clodoaldo Cordeiro).

Entre os vultos da família existe MANOEL CÉSAR DE ANDRADE, casado com Maria César de Andrade, pais de, entre outros: Tereza César de Andrade, casados respectivamente com Sebastião Tavares de Souza ("Tôta") e Egídia Lúcia de Farias. 9- FRANCISCO BERENGUER CÉSAR DE ANDRADE JÚNIOR. Tenente-Coronel Comandante da GN. Casado no Recife com a prima Hermelinda Cândida de Miranda. Com sucessão de Ana, Hermelinda e Maria. No fim do século encontra-se como Senhor do Engenho Flexeiras.

Na última década do Século XVIII(dezoito) encontra-se em Cimbres, VASCO MARINHO FALCÃO como Escrivão Judicial, o qual em 1826 era morador na Rua de São José, no Brejo. Migrou também para o Ararobá JOSÉ CÉSAR FALCÃO, casado com Maria Vitória de Sé Vieira de Melo, irmãos respectivamente de FRANCISCO e ANA CÂNDIDA CÉSAR DE ANDRADE/ANA CÂNDIDA E FRANCISCO, casal de origem nobre, não era rico; Foi para o Brejo da Madre de Deus para receber terras e cargos para si e seus familiares, como recompensa pela luta de seus antepassados contra o DOMÍNIO HOLANDÊS. Ana Isabel, mãe de ANA CÂNDIDA e irmã de André Cavalcanti de Albuquerque Arcoverde e de outros que migraram para o Ararobá, era descendente pelo lado materno, de

Antônio Cavalcanti de Albuquerque, o da Guerra, "mentor" da Restauração Pernambucana, que expulsou o flamengo(entre outros ascendentes).

Do casal em estudo há muitos políticos a nível local e até a nível nacional. Manoel Eduardo afirmou que Sebastião Florentino Campos é descendente dos Berenguer. Por ocasião da 1ª Eleição para o Governo Municipal do Brejo, quando foram eleitos o 1º Prefeito Vigário Pedro Jacinto Ramos(isto antes da Proclamação da República) e o Sub-Prefeito Rodolphiano Cordeiro de Carvalho Calumby, entre os Conselheiros estão Cândido Tavares de Sousa e Erasmo Marinho Falcão, este, casado com a sua prima legítima Filadélfia Cordeiro Muniz Falcão e pais de: José Laura e Gustavo Marinho Falcão, este foi Prefeito do Brejo da Madre de Deus três vezes, sendo duas por Eleição e uma por Nomeação.

ANA CÂNDIDA DE SÁ E ALBUQUERQUE com 36 anos de idade, faleceu com todos os Sacramentos em dezembro de 1825. Envolta em preto, cuja encomendação do corpo foi feita pelo Padre João da Costa Pinheiro, foi sepultada na Matriz de São José, entre a grade da comunhão e o altar-mor.

FRANCISCO BERENGUER CÉSAR DE ANDRADE, nome que também aparece como Tenente-Coronel Comandante da Guarda Nacional faleceu viúvo, aos 76 anos, com todos os Sacramentos no dia 17 de janeiro de 1859 e foi sepultado no Cemitério da Matriz, envolto em hábito preto, cuja encomendação foi feita pelo filho PADRE PEDRO MARINHO FALCÃO.

ANA CÂNDIDA e FRANCISCO foi parte de inspiração da letra A dos azulejos portugueses, com seus ascendentes.

O velho burgo Brejo da Madre de Deus entra em decadência econômica, social e cultural, atingindo as famílias, inclusive parte dos descendentes de FRANCISCO e ANA CÂNDIDA--- Maria do Socorro Maranhã A. de Carvalho. Recife maio de 2005.

P.S.: - Notas prévias do trabalho já concluído o qual está sendo aumentado com seis biografias e um capítulo "Açúcar na letra A dos azulejos portugueses. Brejo da Madre de Deus. "2- Em preparo A - Crimes Históricos num Patrimônio Histórico. B- Brejo da Madre de Deus . Antes e depois de 1752. Entre outros da "Série Admirando o Passado"- 3 Deverá haver neste artigo algum equívoco, porque mesmo sendo baseado na sua quase totalidade em fontes escritas, inclusive primárias, há o depoimento verbal diverso.

OBS.: o PADRE MARINHO FALCÃO já referido é o 2º com esse nome na Paróquia do Brejo da Madre de Deus-PE, pois quando o Bispo de Pernambuco DOM JOÃO DA PURIFICAÇÃO MARQUES PERDIGÃO em sua 4ª VISITA AO INTERIOR DA PROVÍNCIA, isto em 1836, relator em seu DIÁRIO que o então Vigário do Brejo, PADRE PEDRO MARINHO FALCÃO estava tendo dificuldades de cuidar da Paróquia face à sua avançada idade.

NOTA DO AUTOR: Na Eleição para Vereadores do Brejo da Madre de Deus, realizada no dia 8 de setembro de 1841, FRANCISCO BERENGUER CÉSAR DE ANDRADE, obteve 122 votos, elegendo-se em 6º lugar como Vereador, já na 2ª Eleição em 12 de setembro de 1844 o

mesmo obteve 561 votos, elegendo-se Vereador no 7º lugar dentre 1º eleitos.

(Algumas informações contidas neste Capítulo foram fornecidas pela Professora LEONOR FALCÃO, falecida no Brejo da Madre de Deus de saudosa memória, filha de Gustavo/Júlia Marino Falcão).

EPÍLOGO

Há no Brejo da Madre de Deus um quê de uma energia positiva e até uma magia, raramente sentida em outras paragens, nas terras e no povo Brejense. Quem se banhou ou bebeu das águas do escorrego e do cacimbão da bengala, entenderá esta afirmação. Ficam aqui estes registros garimpados com o amor que este autor sente pelo Brejo da Madre de Deus e pelo seu povo. Com estas notas e reminiscências, verdadeiros retratos de um povo bom e de uma terra linda e amada, fechamos nosso livro com a certeza de que, este registro, servirá não só de informação, mas, de referencial histórico para as gerações presentes e futuras, dos privilegiados, filhos naturais e adotivos da terra Brejense. Por fim dedico estas letras à juventude estudantil, para que possam aprender e ensinar a história do Brejo da Madre de Deus.

***Newton Thaumaturgo, Jornalista e Escritor
Maio de 2018***

APOIO:

FARMÁCIA GENÉRICA



Adilson Menezes Cordeiro

Proprietário

G Medicamento
Genérico

© Anjo da Guarda da sua Saúde.

E-mail: adilsonmencor@hotmail.com

☎ : (81) 3481.3595 / 98636.9947

Editora

**GRÁFICA
JABOATÃO**

M&V Indústria Gráfica Ltda.
graficajaboatao@hotmail.com